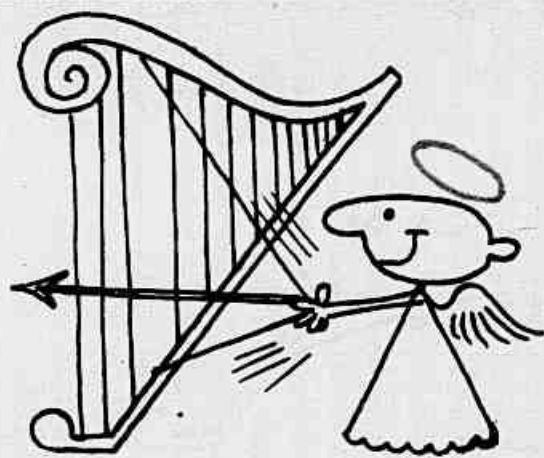


Semana

REVISTA DA



Nº 21 — 24 de maio 58 — Cr\$ 10,00

Ambrozio

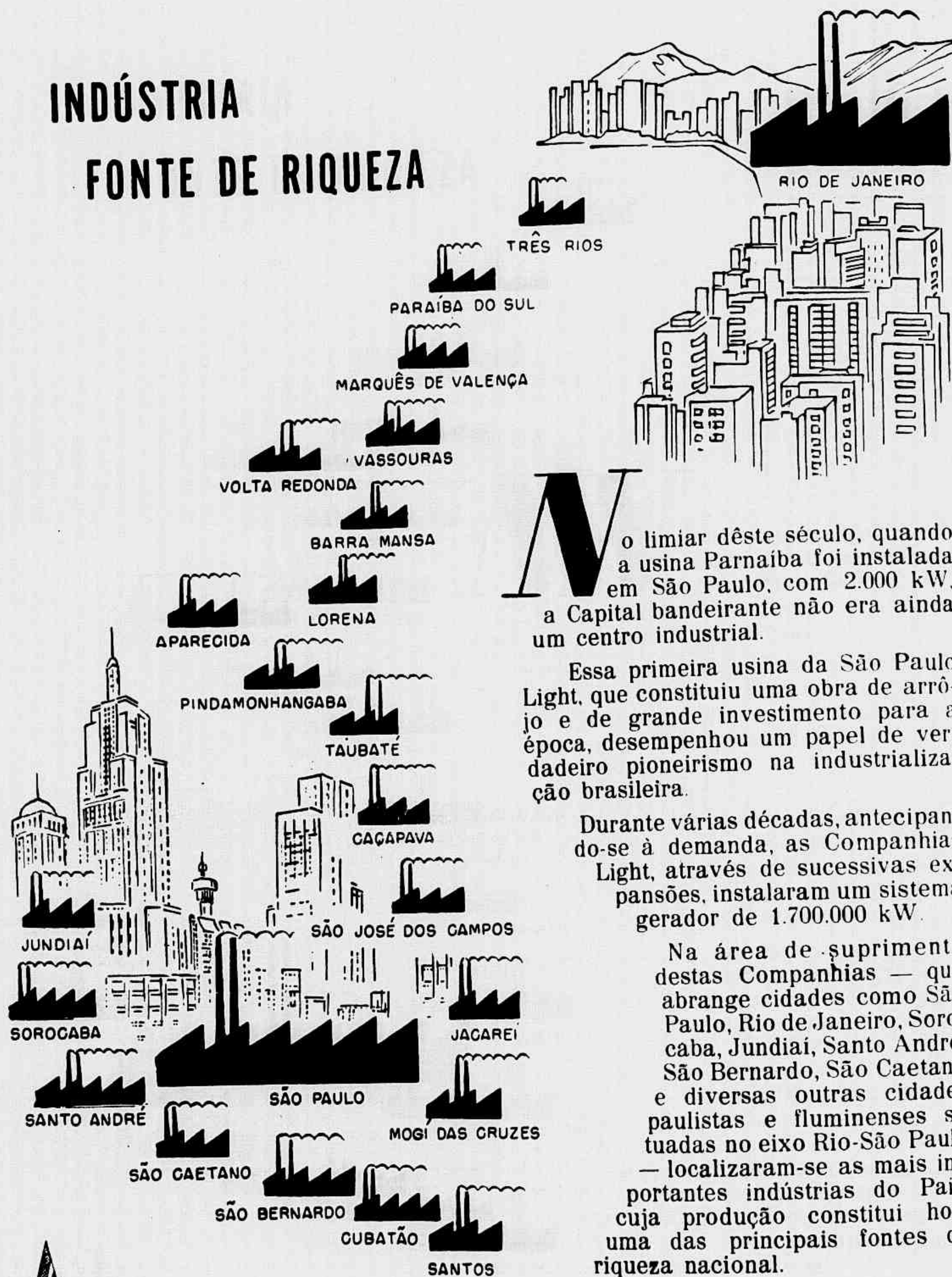
**BRANDO,
NAZISTA
E PAI**

**ALKMIM
ASSUSTA
SOLICH...**

**SUZANA
VIROU
GIGI**



INDÚSTRIA FONTE DE RIQUEZA



No limiar deste século, quando a usina Parnaíba foi instalada em São Paulo, com 2.000 kW, a Capital bandeirante não era ainda um centro industrial.

Essa primeira usina da São Paulo Light, que constituiu uma obra de arrôjo e de grande investimento para a época, desempenhou um papel de verdadeiro pioneirismo na industrialização brasileira.

Durante várias décadas, antecipando-se à demanda, as Companhias Light, através de sucessivas expansões, instalaram um sistema gerador de 1.700.000 kW.

Na área de suprimento destas Companhias — que abrange cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Sorocaba, Jundiaí, Santo André, São Bernardo, São Caetano e diversas outras cidades paulistas e fluminenses situadas no eixo Rio-São Paulo — localizaram-se as mais importantes indústrias do País, cuja produção constitui hoje uma das principais fontes da riqueza nacional.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

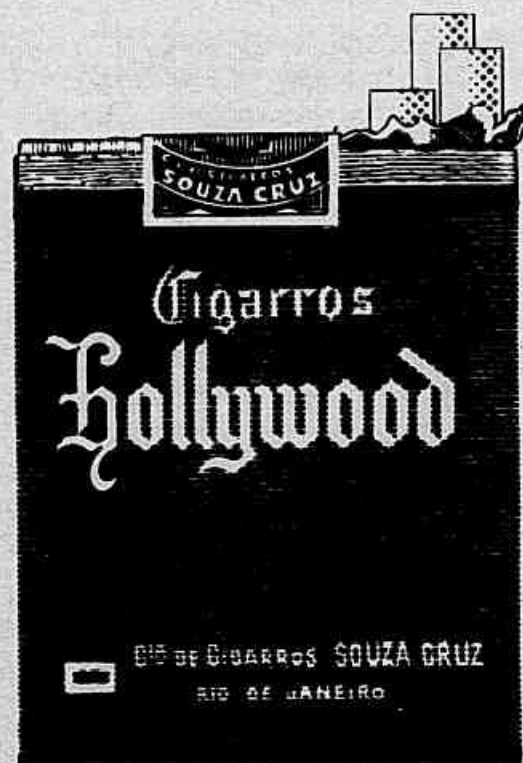
raios de sol brincam na relva...

raios de sol brincam na relva...

o céu parece mais azul...

há mais beleza em toda parte...

nós dois e



uma
tradição
de bom
gosto



PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: **GRATULIANO BRITO**. Diretor-Comercial: **JOFFRE AMADO**. Diretor-Secretário: **ALUIZIO ALVES**. — Rua Visconde de Maranguape nº 15. Rio. Endereço Telográfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00.

LEIA:**A CAPA** 7 — Marlon Brando, nazista e pai**LIVROS** 11 — Um cavalo vermelho entre colinas**INTERNACIONAL** 12 — Tragédia na vida do comediante
30 — Poderio militar da Rússia.**ENTREVISTA** 18 — Suzana não é mais Suzana, é GiGi**MISTÉRIO** 22 — Dezesseis jovens procuram teatro**NOVELA** 24 — O mistério do Arayado**ESPORTES** 27 — Nem sempre, o pólo foi de «gente bem»**ATUALIDADE** 34 — A semana também deixou estas lembranças**CONTO** 44 — Flor de samambaia**D.E.** 47 — Bahia, capital, coração de Titina**CINEMA** 52 — Gioconda de bigodes**REPORTAGEM** 54 — Juntos, numa mesma sala**TEATRO** 57 — Tomei um ita no Norte**MEMÓRIAS** 59 — O general Távora desconfiava de mim**SOCIAIS** 61 — Lady Maxwell informa**GENTE** 62 — Don Fleitas continuará no Flamengo**CURIOSIDADE** 64 — Aos 77 anos, Pablo Picasso
66 — Câmera lenta

MUITA gente nas páginas deste número da (nova) RS, começando por Marlon Brando, que, da capa, salta às páginas de 7 a 9, num "flash" em que se conta rapidamente a sua história profissional, desde quando foi lançado na Broadway. Conta-se, portanto, a sua feliz trajetória em Hollywood, em toda a série de tipos que já tem representado: o estivador de "Sindicato dos Ladrões", o jovem transviado de "O Rebelde", o revolucionário de "Viva Zapata!", o conquistador de "Desirée", até o nazista de "The Young Lions".

INTENSO e extremamente curioso o movimento teatral destes dias no Rio de Janeiro: grande e variada a programação, reunindo nomes famosos de autores e intérpretes. Entre os últimos, está o da argentina Suzana Freyre, que, realmente, até já parece ter sido substituído pelo de Gigi, tão bem a atriz veste o papel da obra de Colette.

Nas páginas 18 a 20, conta-se sobre a vida desta inteligente jovem, que, depois de haver tomado conta do palco de Buenos Aires, por dois anos também promete tornar-se a namorada do Rio, por longo tempo.

TITINA, a bela Titina, continua dona do nosso D.E.

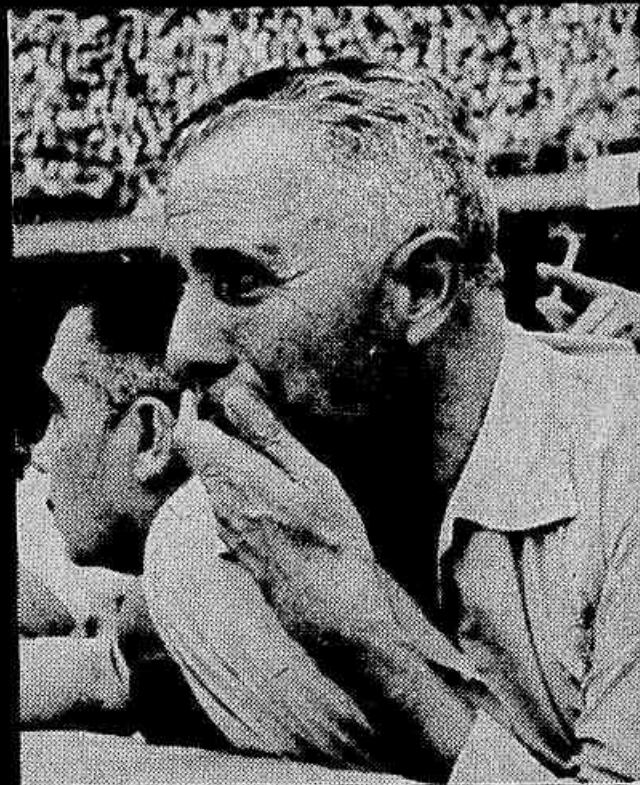
Após a rápida passagem por estas bandas cariocas, reclamando a atenção geral, lá se foi ela para as terras do Norte, levando sua graça e beleza. Neste número da RS (páginas 47 a 50), Hélio Polito nos diz da sua presença na Cidade do Salvador.

A grande e unida família rubronegra andou assustada, preocupada mesmo, à notícia de que Fleitas Solich se afastava do Flamengo (embora a certeza de que não iria emprestar o seu concurso a nenhum clube rival da cidade)! Houve o corre-corre, provocaram-se entendimentos, e, afinal, o estimado treinador paraguaio concordou em continuar à frente do time, para o qual tanto tem trabalhado. Tornou-se uma figura da semana, portanto, e vai focalizado nas páginas 62 e 63, onde se conta um pouco da sua história.

EM curiosa reportagem (páginas 27 a 29), Walter Brandão nos fala do pólo: ao contrário do que poderá parecer, nem sempre foi jogo de gente bem; em outros tempos, a sua prática era muito diferente do que se verifica nas rodas elegantes do Gávea.

AINDA quanto a teatro, temos na página 57 a apreciação de "Tomei um ita no norte", a realização de Maurilo de Castro, que, partindo de personagens tirados das canções de Dorival Caymmi, organizou um espetáculo leve, modificando ligeiramente os moldes clássicos em que se fazia a revista, nos palcos cariocas.

O EDITOR



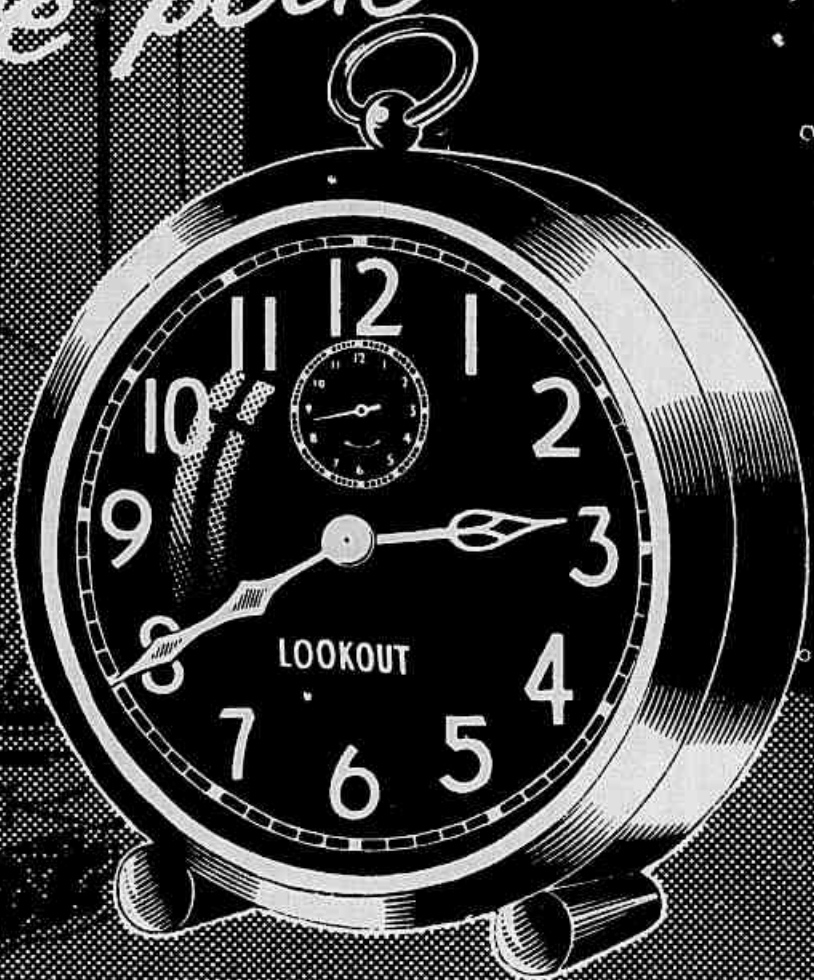
Ganhe prestígio...
mantendo a
PONTUALIDADE!



Despertador LOOKOUT

(LOOKOUT)

*É o maior que
você pode ter*



MOSTRADOR

grande com algarismos
visíveis à distância.
Modelo especial
fosforescente para
ser visto no escuro.

TOQUE

suave e firme, de uma
só campainha, para seu
despertar agradável.

TENHA O MELHOR TENDO LOOKOUT

Nas boas
relojoarias
do País

MÁQUINA

de grande robustez,
feita para resistir
aos choques e durar
muito mais tempo.

Para copa e cozinha
dormitórios coletivos
hotéis e pensões

★
Em côres modernas ou
niquelados
IDEAL PARA SEU QUARTO

CHARLES GUTMANN IMPORTADORA S. A.

Rua João Bricola, 46 - 1.º andar - Fone: 35-3159
Cx. Postal: 391 - End. Telegr.: "CHARGUT" - São Paulo

Vendas exclusivamente no atacado

CARTAS

SOLICITAÇÃO

"Tomo a liberdade de dirigir-me à RS a fim de solicitar o especial favor de encaminhar a carta anexa à senhorita Maria de Lourdes Monteiro, Rainha da Primavera de 1957..."

Cabo Adão Alves de Melo,
Beyruth, Líbano

§ Atendido.

APLAUSOS

"Gostei imensamente da reportagem sobre as garotas e as praias da minha cidade. Gratíssimo".

Natalense, Recife

"Felicitó a RS pela reportagem sobre o teatro em São Paulo, publicada no número 20, de 17 de maio corrente".

Jayme Prado, S. Paulo

CURIOSIDADE

"Tenho verificado que, de uns tempos para cá, a RS anda exagerando em matéria de desenhinhos e, para isso, utiliza uma série de autores. Qual a vantagem?"

Arminda Brandão, DF

"... e nenhuma de minhas amigas sabe realmente quem é Lady Maxwell..."

Esmeralda Nunes, DF

"... por que Lady Maxwell está menos impiedosa e irreverente, de uns tempos para hoje?"

Adelina Jorge, S. Paulo

"Falavam que era o Ibrahim, mas mesmo quando ele casou e viajou, Lady Maxwell continuou sendo publicada no mesmo tom. Realmente, de quem se trata?"

Lourdes Filgueira Lima, DF

"... embora não concorde com estas seções fúteis, que só cuidam de falar mal dos outros, devo reconhecer que Lady Maxwell tem despertado muito interesse, talvez por causa das dúvidas quanto

à sua identidade. Será a Dama de Prêto?"

Armando da Silva
Alencar, DF

"Na página de humor da RS número 15, achei espetacular aquele par de pernas. Seria incômodo se a RS mencionasse a respectiva dona?"

Augusto Costa, Curitiba

TITINA

"... e sou de opinião que, de preferência, Titina deveria andar aqui pelo Sul, já que é uruguaia."

Daniel de Souza, Pelotas

"... a gentileza de enviar, se possível, fotografias de corpo inteiro de Titina..."

Nelson Miguel, S. Carlos

"Há muito tempo, não vejo fotos tão bonitas quanto as de Titina".

Rafael Nilo, DF



OLHO VIVO

"Na reportagem sobre Fodeba (RS número 19), há uma fotografia do herói com uma fã, que, penso, se trata de Maria Fernanda. Não é?"

Luiz Paulo, São Paulo

§ Acertou.

SOLIDARIEDADE

Formidável, "o escritor da cela 40". Fico pensando qual será o seu crime e chego a torcer para que, saindo do presídio, volte a encontrar o seu lugar ao sol.

Silvia, São Paulo



JAPONÊS

MARLON BRANDO, NAZISTA E PAPAI

O TALENTO CONDUZ à experiência — e, não raro, a justifica. No caso de **The Young Lions**, o talento é o de Marlon Brando e a experiência começa com a oxigenação dos cabelos do ator para chegar à sua conversão ao nazismo. Um alemão, louro e ariano é o papel de Marlon nesse filme.

No cinema desde 1950 Marlon Brando já exibiu sua classe nas mais diversas circunstâncias. Na estréia — **Espíritos Indômitos** (*The Men*) — foi um paraplé-

gico de guerra. Ao ganhar seu Oscar, em **Sindicato de Ladrões**, era um estivador, nas docas de Nova Iorque, e um delator, também. Como "transviado", montado numa motocicleta e falando menos inglês do que **be-bop**, em **O Selvagem**, ninguém até hoje o superou, nem o falecido James Dean, que, por sinal, via nele o seu modelo. De filho de emigrantes poloneses, em **Uma Rua Chamada Pecado**, Marlon mudou de nacionalidade em **Viva Zapata!**, e, de revolucionário mexicano, passou a romano de

Shakespeare (Marco Antônio, em **Júlio César**), e foi até Napoleão (em **Desirée**). Sempre excelente ator, não igualado pelos que saíram, como ele, do Actors' Studio, Marlon só não esteve amplamente convincente em **A Casa de Chá do Luar de Agosto**, quando se disfarçou em japonês.

Em **The Young Lions**, Marlon Brando prova, uma vez mais, que Hollywood, em vez de um "americano típico", tem nele um artista verdadeiro.



NAZISTA

A HISTÓRIA DE UM NAZISTA

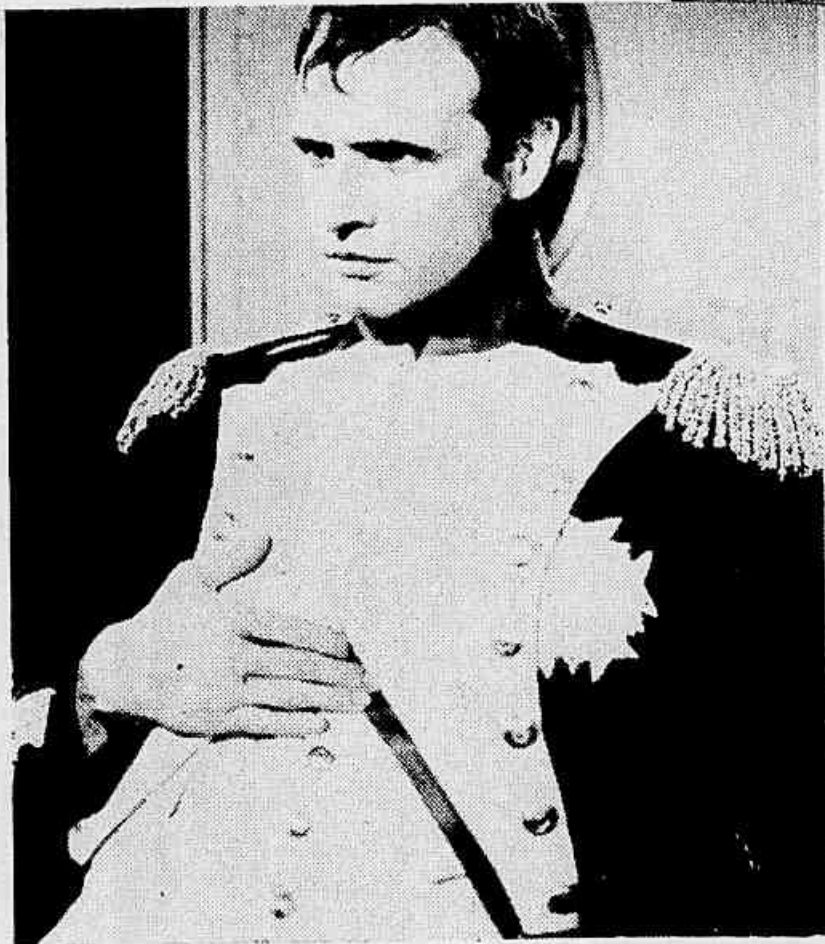
1938, véspera do Ano Novo. Marlon Brando, instrutor de *ski* nos Alpes, responde à moça que lhe pergunta se é um nazista: "Não sou político. Mas penso que Hitler nos dará uma vida melhor. Nenhum americano pode compreender o que significa viver de gorjetas de estrangeiros no próprio país. Eu desejava ser médico, mas não tive dinheiro para estudar. Creio que Hitler mudará tudo isso".

A jovem americana (Barbara Rush) não aceita essa explicação. Marlon, embora o negasse, já era um nazista. Não demorará muito a trocar o *ski* pela *Wermacht*. Como tenente — e como vencedor — chega a Paris. É um militar eficiente, que censura as atitudes de alguns de seus companheiros e evita que os homens sob seu comando cometam abusos contra a população civil. Nos intervalos, algumas aventuras românticas — com uma jovem parisiense (Liliane Montevecchi), com a voluptuosa mulher (May Britt) de um oficial superior.

A narrativa de *The Young Lions* tem

outra linha, paralela à que Marlon Brando centraliza, e nessa segunda linha estão dois americanos, interpretados por Montgomery Clift e Dean Martin, que farão parte, mais tarde, das forças aliadas de invasão da Europa. Dean reencontra Bárbara em Londres, Clift deixa a esposa (Hope Lange) à sua espera, em Vermont. E os dois, no final, se defrontam com Marlon. A guerra está quase terminando: Marlon morre lutando, com um último sorriso de solidão e desespero, aos pés de Clift e Martin. O primeiro aperta-lhe a mão, no último instante. Depois, os dois carregam o seu corpo.

Até chegar a isso, o herói nazista esteve na África com Rommel, onde foi ferido (sem gravidade), voltou a Paris, de onde agora os alemães têm de retirar-se, viu seu regimento ser dizimado e desmoralizado. Um amigo (Max Schell), com o rosto desfigurado e traído pela mulher, cometeu suicídio, "com uma baioneta". Outro companheiro (Parley Baer) desertou e "tornou-se" francês, casando-se com uma semiprostituta (Dora Doll). Marlon sabe que a causa está



REVOLUCIONARIO



CONQUISTADOR

perdida, mas alguma coisa o faz prosseguir. Por algum tempo, ele é o sobrevivente faminto dessa causa: recuando sempre — e se desiludindo, também. Com o que vê num campo de concentração, os últimos vestígios de sua crença se apagam. Deixa o campo, quase em estado de choque, pouco antes da chegada dos americanos. Na floresta vizinha, ao ouvir as vozes de Clift e Martin, puxa instintivamente a arma. Mas, na hora de atirar, alguma coisa dentro dele o faz disparar para cima — não contra o "inimigo". E ele morre aí.

De uma boa novela saiu um filme ainda melhor. E corajoso, nessa análise vertical da personalidade de um nazista.

AO REDOR DE BRANDO

A fita deriva da novela de Irwin Shaw, igualmente intitulada *The Young Lions* e já na lista dos últimos "best-sellers" nos Estados Unidos. Edward Anhalt encarregou-se da adaptação, voltando, assim, a colaborar com o diretor Edward Dmytryk, para quem escreveu, quando ambos faziam parte da equipe do pro-

DE JAPONÊS A ESTIVADOR



ESTIVADOR

dutor Stanley Kramer, dois filmes — o excelente **Volúpia de Matar** (The Sniper), a história de um assassino tarado, “especialista” em fuzilar mulheres do alto de edifícios; e **Oito Homens de Ferro** (Eight Iron Men), um episódio de guerra, levado em tom mais irônico do que dramático. Pela primeira vez, em **The Young Lions**, Edward Anhalt aparece sem a ajuda da esposa Edna. Há pouco, a dupla reescreveu, ainda para Kramer, a história de C. S. Forester (“The Gun”) que deu origem a **Orgulho e Paixão**.

Quanto ao diretor, muitos são os críticos que dizem ser **The Young Lions** o seu melhor trabalho nos últimos anos. Aliás, Dmytryk, após **A Nave da Revolta** (The Caine Mutiny), havia perdido a fórmula do sucesso, tendo falhado, até, como produtor (**A Maldição da Montanha**). Na história de Irwin Shaw, entretanto, encontrou o estímulo que lhe vinha faltando — e no elenco, também, com a oportunidade de “conversão” de Marlon Brando ao nazismo, e com outros bons atores mais atrás, como Montgomery Clift, Bárbara Rush, Hope Lange

(a jovem violentada pelo padrasto no recente **Caldeira do Diabo**), May Britt, Arthur Franz (o assassino desequilibrado de **Volúpia de Matar**), Liliâne Montevicchi. Em papel de destaque, ainda, figura Dean Martin, ex-sócio de Jerry Lewis e, pela primeira vez, exercitando-se no drama.

The Young Lions foi produzido pela 20th Century-Fox, em CinemaScope e preto-e-branco.

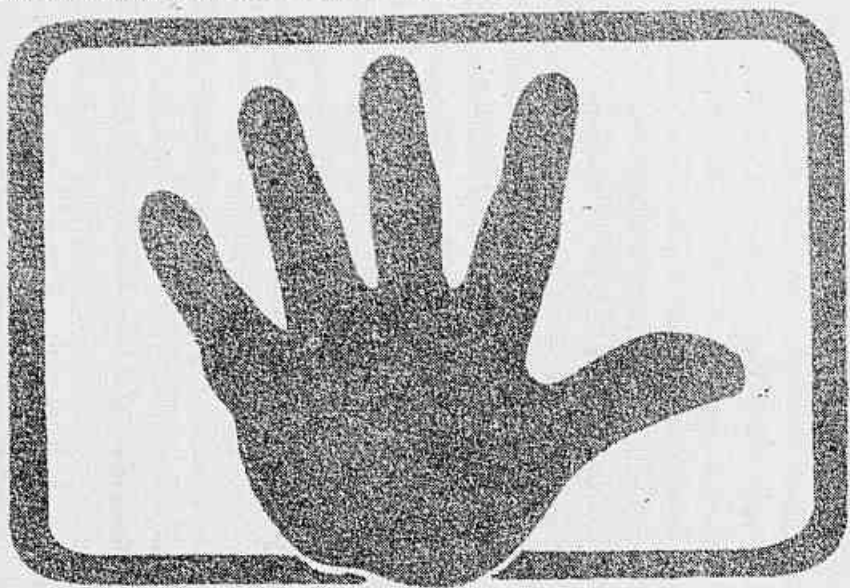
PAPAI MARLON

Marlon Brando nasceu em 1924 (Omaha, Nebraska), andou pelo teatro (estréia: **I Remember Mama**; maior triunfo: **A Streetcar Named Desire**) antes de ingressar no cinema (1950), e não voltou mais à Broadway desde que se tornou um dos maiores nomes de Hollywood. Deve à dupla Tennessee Williams — Elia Kazan a sua “promotion” — não, porém, a sua descoberta cinematográfica, da qual foi Stanley Kramer quem se encarregou, lançando-o em **Espíritos Indômitos**. E, embora tenha feito três filmes com Ka-

zan (**Uma Rua Chamada Pecado, Viva Zapata!**, **Sindicato de Ladrões**), já se libertou, há muito tempo, desse diretor (ou tirano). Seu maior desempenho, por sinal, é o de **O Selvagem**, outra produção de Kramer.

Antes de **The Young Lions**, Brando fez **Sayonara**, em Tóquio, sem bancar o japonês, mas sem salvar o filme (de Joshua Logan) da insignificância. E, ao terminar a sua aventura nazista, casou-se. Com Anna Kashfi, às vezes atriz (**A Maldição da Montanha**), às vezes indiana — bonita sempre. E casamento de surpresa, em outubro do ano passado. O pai de Marlon, pouco depois, seguiu o exemplo do filho, casando-se também, como todo mundo.

Agora, quase sete meses após aquela surpresa, Marlon já é pai de um menino que, segundo o noticiário telegráfico, nasceu meio fraquinho, com apenas sete libras (ou pouco mais de dois quilos) de peso. Em todo o caso, com seus triunfos na tela e o filho que Anna lhe deu, Marlon Brando cada vez mais se distancia de Tennessee, de Kowalski, de Kazan, do Actors' Studio.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECCÕES
DO COURO CABELUDO

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202

★ AUTOMOVEIS - *Mil* - ACESSORIOS ★

Si V. tem automóvel
é freqüêz da M.L.L.



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 22-6144
42-5563
52-1066



Dois aspectos da mesa que presidiu a solenidade, tomados quando falavam o gen. Luiz de Azevedo Évora e o vice-almirante Américo Jacques Mascarenhas Silveira.

No SAPS:

UM CURSO DE 35 GUARDAS-MARINHAS

EM CERIMÔNIA realizada no dia 8 dêste mês, no auditório do SAPS, 35 guardas-marinhas do Serviço de Intendência da Escola Naval receberam os diplomas de conclusão do Curso de Alimentação Aplicada, ministrado naquela. autarquia pelo prof. Mendes Monteiro. Foi festiva a solenidade, a ela comparecendo dirigentes do SAPS, comandante e chefes de departamento da Escola Naval, guardas-marinhas, nutrólogos, nutricionistas e alunos dos cursos mantidos pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social, e numerosos convidados. Sobre o ato falaram o diretor-executivo do SAPS, gen. Luiz de Azevedo Évora, o comandante da Escola Naval, vice-almirante Américo Jacques Mascarenhas Silveira, ambos aludindo à significação do acontecimento e à importância dos cursos do SAPS. O guarda-marinha Américo Antônio Balbino da Silva agradeceu, em nome dos seus colegas, a acolhida que tiveram e a maneira como foram tratados no SAPS, tendo o prof. Dante Costa, diretor dos cursos, encerrado a festividade com palavras de incentivo aos jovens oficiais da nossa Marinha.



UM CAVALO VERMELHO, ENTRE COLINAS

LIVROS

1. Em "ARTISTAS COLONIAIS" (Os Cadernos de Cultura, 113, Ministério da Educação e Cultura, Rio, 1958 — 87 páginas), o diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo Melo Franco de Andrade, passa em exame, com argúcia e finura de detalhes, uma série de importantes artistas da nossa fase colonial: Luís Dias ("O Decano de nossos arquitetos"), frei Francisco dos Santos, Gabriel Ribeiro, Manuel F. de Araújo, Fonseca Rosa, os entalhadores Manoel de Brito e Xavier de Brito, Domingos da Costa Filgueiras e Oliveira Rosa. Pela primeira vez, ao que parece, são reproduzidos alguns importantes documentos relativos à antiga pintura baiana — documentos descobertos pela pesquisadora Marieta Alves, aliás. Completam o livro — que desde já passa a ser obra obrigatória na estante de quantos se interessarem pela arte brasileira — algumas ilustrações a bico de pena, devidas a Alcides da Rocha Miranda. Resta-nos somente desejar que Rodrigo M. F. de Andrade venha a ampliar esse seu estudo num livro de maiores proporções, e que seu exemplo possa dar seus frutos, breve.

2. PUBLICA A "REVISTA BRANCA" uma série de ensaios de Randall Jarrell, crítico norte-americano: "A Poesia e a Época" (RB, Rio de Janeiro, 1958. 212 páginas. Capa de Orval. Tradução de E. C. Caldas). São ensaios algo confusos, sobre poetas norte-americanos — como Whitman, Frost —, ingleses — como Walter de la Mare —, sobre a essência da Poesia e sobre a situação da Poesia no mundo atual. A despeito de confusos, contudo, tais ensaios conseguem emitir novas luzes sobre certos ângulos até agora desconhecidos ou pouco explorados da obra de muitos de tais poetas. Resta dizer uma palavra sobre a tradução de E. C. Caldas (também poeta, autor de "Os Túneis"): tal tradução pareceu-nos pouco fiel, mormente no que se refere aos textos poéticos, que, quando vertidos para o português por Caldas, tornam-se de um lamentável prosaísmo.

3. PAULO NOGUEIRA FILHO é o autor de "Idéias e Lutas de um Burguês Progressista", que traz por subtítulo "O Partido Democrático e a Revolução de 1930" (Anhambi, São Paulo, 1958. 2 volumes: 766 páginas, com estôjo). Jornalista e escritor, em seu livro de agora — como no anterior, "Sangue, Corrupção e Vergonha", que narra os escândalos do S.A.M. — unem-se as melhores qualidades quer de uma, quer de outra especialidade. Assim, do escritor realce-

se o estilo sóbrio, simples e sem descambar para a banalidade; do jornalista, a informação segura, objetiva. O presente volume, que deverá ser objeto de comentário de parte dos especialistas, trará decerto esclarecimentos oportuníssimos sobre acontecimentos, pessoas e coisas que, de ontem embora, ou por isso mesmo, ainda não estão suficientemente explicados ou entendidos. Vivos tantos de seus personagens, no jogo das paixões e das opiniões políticas, é de supor que, motivados pelo livro de agora, venham a prestar depoimentos que tornem mais clara, mais compreensível, a situação política de agora — pela elucidação do fato que lhe deu origem, sem dúvida essa Revolução de 930, tão recente e ainda tão controvertida.

4. CHAMA-SE "IMAGEM DO DIA" o segundo livro de sonetos do poeta, em verdade excelente, Campos de Figuei-



redo (Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1958. 63 páginas. Coleção "Poesia Sempre", número 5). Campos de Figueiredo estreou em 1916 com "Carta do Destêrro" e o presente é seu décimo-primeiro livro de poesia. Seus sonetos, que raramente dispensam, na melhor tradição lusitana, o apoio da rima, incluem-se entre o que de melhor se produziu, no gênero, em terras de Portugal. Por eles se pode ver como a verdadeira poesia permanece intacta, quer se apresente sob a forma tradicionalíssima do soneto, quer sob a do poema-objeto — contanto que nesse, ou naquele, a essência seja poética. Dos quarenta e quatro sonetos que compõem "Imagem do Dia", lícito é realçar a beleza poética de quase uma vintena; e

dentre êsses, como os melhores, mencionemos os de número 5 ("Sento-me aqui olhando o mar, e cismo"), 13 ("Eu vi o Anjo bom do Apocalipse"), 15 ("E vi o céu abrir-se em dois espaços"), 16 ("No círculo primeiro, ao vento as crinas"), 24 ("Voavam no meu céu asas de corvos"), 28 e 29 ("Gele o dia no ar, morto e suspenso"; "Arda hoje a semente leve e breve"), de nítida inspiração camoniana (veja-se: "O dia em que nasci morra e pereça"), 33 ("Trago um cadáver podre às minhas costas"), 36 ("Poisei a mão no ramo onde uma ave"), 38 ("Meus perdidos rebanhos, estas nuvens"), 40 ("Humilde e escravo os homens me fizeram"). Por aí pode-se ver a importância poética de Campos de Figueiredo, na atual literatura de língua portuguesa. Um poeta que deve, inclusive, ser mais conhecido entre nós brasileiros. Um exemplo de seu livro é o soneto que segue, de número 16:

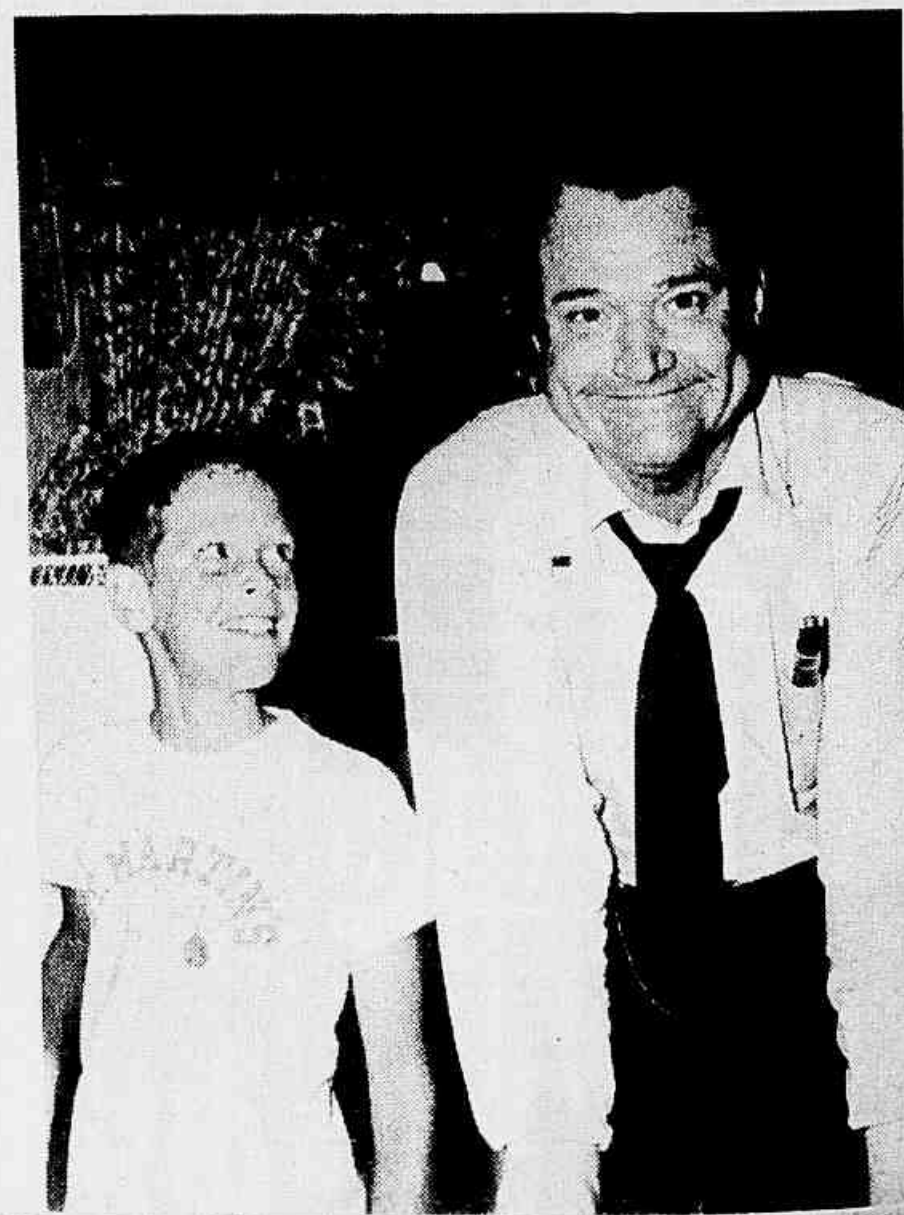
No círculo primeiro, ao vento as crinas
Côr de oiro e açafrão, ia correndo
Um cavalo vermelho, entre colinas
E montanhas paradas, belo e horrendo.
Corria sobre nuvens e penhascos,
E dava gritos, uivos, guinchos, pinchos,
Ao compasso das pernas e dos cascos
Movidos na estridência dos relinchos
Ia sobre êle o espectro dum Ciclope,
De espada erguida ao Sol de céus ausentes,
E deixava no vento do galope
Uma chuva de sangue e de serpentes.
E as estrélas de espanto escureceram
E nas dobras do céu se recolheram.

5. A CIA. EDITORA NACIONAL lança nova edição — a quarta — do ensaio de John Macy sobre a "História da Literatura Mundial" (EN, Rio, 1958. 402 páginas. Ilustrada. Tradução de Monteiro Lobato). O estudo é destinado essencialmente a um público de estudantes e de curiosos — e daí sua pouca ou nenhuma profundidade. É obra de divulgação e, como se depreende de suas sucessivas tiragens, obra que alcançou vasta repercussão, tendo preenchido, por conseguinte, as finalidades a que a destinou o autor. Ressente-se de vastas falhas, de incompreensíveis lacunas, de erros de perspectiva inomináveis. Engraçado: as literaturas americanas de língua espanhola e a brasileira não são nem de leve mencionadas por Macy, numa obra que se intitula pomposamente "História da Literatura Mundial". As literaturas holandesa e belga são estudadas de modo péssimo; o único português julgado digno de registro é Camões; enfim: livro cheio de lacunas, embora útil como divulgação.



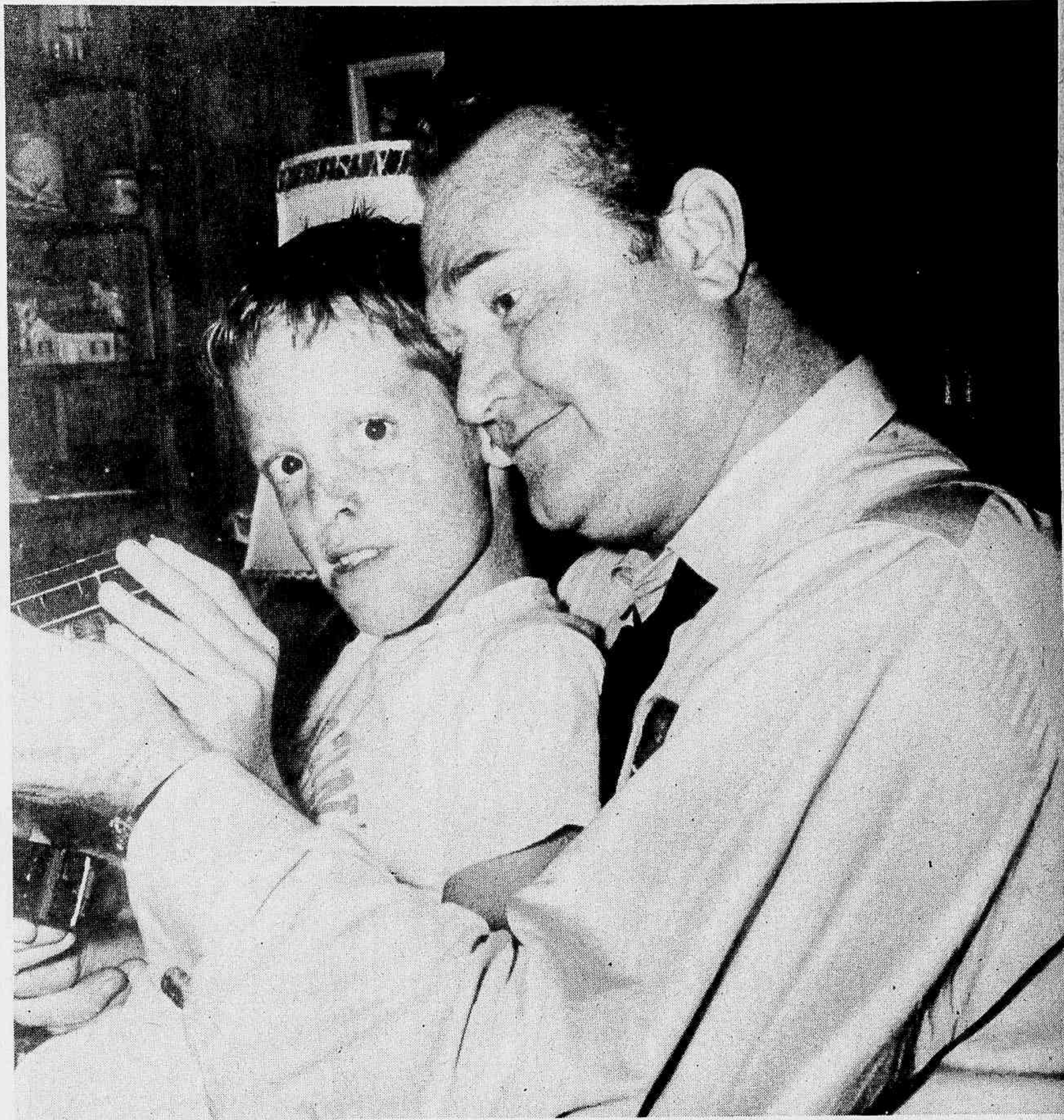
Os Skeltons: Valentine, Red, Richard e Georgia.

TRAGÉDIA NA VIDA DO COMEDIANTE



I
Cr
êst
va
do
de
faz
ast
de
est
co
inc
ch

de



FOI HOLLYWOOD quem inventou: você é fã de Joan Crawford? Pois não basta vê-la na tela, apenas, vivendo êste ou aquele papel. Não basta. Vamos até sua casa, vasculhemos a sua vida particular, tomemos conhecimento do seu prato preferido, de quantos maridos já teve, se gosta de dirigir automóvel, etc. Foi Hollywood quem inventou, fazendo que o fã penetre nos dramas mais íntimos dos astros e das estrêlas.

Por isso, houve uma consternação geral, há pouco mais de um ano, quando se soube que o filho de Red Skelton estava atacado de leucemia! O mundo inteiro comoveu-se com a tragédia que se abatia justamente sobre o artista... incumbido de fazer rir!... E, dos quatro cantos da Terra, choveram as palavras de solidariedade em auxílio do cômico.

AS FOTOS QUE ilustram esta nota foram tiradas logo depois que se soube que Richard estava condenado. Pode-se

verificar que os Skeltons tiveram fé e não se entregaram ao desespero, o que se confirmou posteriormente: enfrentaram os dias com coragem, jamais perdendo as esperanças. Embora o pai tivesse observado, um dia: "Recebemos tôdas as espécies de conselhos, mas o caso do meu Richard está nas mãos dos médicos. A ciência tem encontrado uma panacéia, antes que Deus o chame. Nossas preces, nossas súplicas vão sendo atendidas".

NA NOITE de domingo, 11, Richard morreu, no centro médico da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Não chegou a completar os 10 anos de idade, o que se verificaria no dia 20 dêste mês. Red e sua esposa, Georgia, não se afastaram do leito do filho, desde que se internou. A seu lado, ficaram até o último instante, quando as lágrimas encheram os olhos do famoso cômico que tantas gargalhadas já provocou por aí...

MODA

DE PARIS, PARA A SUA ELEGÂNCIA



M
gar
vo
re
qu
de
ou
sic

MAIO VAI crescendo na folhinha, ameaçando a presença de dias mais frios. E você, leitora, já terá que ir pensando na renovação do seu guarda-roupa. Para o que oferecemos estas sugestões, recebidas de Paris, com os selos Dior, Givenchy e outros. Linhas modernas, nos moldes clássicos. À sua escolha.



"Manteau" reto em lã azul celeste. Criação da Casa Dior.



Para os dias frios, "tailleur" cinza de gola clássica, dois laços no casaquinho por cima dos bolsos, mangas montadas, quatro botões. Criação de Givenchy.



"Tailleur" de Madeleine de Rauch, sem gola nem cinto, conforme a moda. Saia reta. A parte superior do corpete, em estampado.



Tolentino Neves - Ferreira da Cunha:

NAQUELA BONITA tarde do dia 9 de maio, precisamente às 18 horas, ao som da "Magnificat", dava entrada no corredor de palmas e camélias brancas, aberto no centro da nave principal da Candelária, Inês Maria, pelo braço de seu pai, sr. Tancredo de Almeida Neves, em direção ao altar, onde já a esperava o noivo, sr. Aécio Ferreira da Cunha, ladeado dos padrinhos: sr. e sra. presidente Juscelino Kubitschek, sr. e sra. governador Bias Fortes, sr. e sra. secretário Tristão da Cunha, sr. e sra. senador Bernardes Filho e sra. Risoleta Tolentino Neves, mãe da noiva. À frente caminhavam as "demoiselles d'honneur", Maria do Carmo e Mariana Dorneles, suavemente vestidas de côr-de-rosa, levando buquês de botões da mesma côr. A noiva, na sua delicada beleza, mostrava um semblante pleno de juventude e felicidade, emoldurado por um véu de tulle, prêso na fronte por uma grinalda de camélias brancas, a realçar-lhe o encanto. Centenas de convidados enchiam o recinto e olhavam para a noiva com os olhos em festas e com os corações em preces pela felicidade de seu futuro. E o cortejo, ao som das notas nupciais, continuava a marcha rumo ao altar, onde, pouco depois, se realizava a tocante cerimônia do "Conjugo-Vós", oficiada por D. Hélder Câmara, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro. Exatamente nesse momento, do alto do zimbório, caiu sobre as cabeças dos noivos uma chuva de pétalas de rosas, enquanto o Côro entoava a Ave Maria e o Panis Angélicus. Bonita e tocante cerimônia.

Dirigiram-se os noivos para a sacristia e começaram a receber os cumprimentos. Era de se notar a elegância da noiva, vestindo longo modelo de sêda pura com um bonito laço inglês na frente e cauda longa acompanhada pelo véu, tendo nas mãos um belíssimo buquê de camélias brancas. E foram passando, ante o casal feliz, todos os ilustres convidados.

A NOITE, PARENTES e amigos do casal Tancredo Neves — Risoleta Tolentino Neves estiveram no belo apartamento 901 da rua Leopoldo Miguez, com os salões transformados em verdadeiros jardins, tantas e tantas eram as "corbeilles" que receberam os noivos nesse dia. A alegria foi o signo que presidiu aquela reunião, que varou a noite, entrando pela madrugada, quando a elegância e a cordialidade eram presença constante, no diapasão bem afinado na fidalguia dos anfitriões, principalmente de d. Risoleta, duas vezes elegante: no seu bonito vestido, "meio-saco", azul profundo, e na maneira atenciosa com que tratava os convidados. O sr. e sra. Tancredo Neves foram, realmente, anfitriões de alta categoria.

OS NOIVOS PASSARÃO a lua-de-mel na Argentina, seguindo depois para o Velho Mundo.

Antero de Alencar

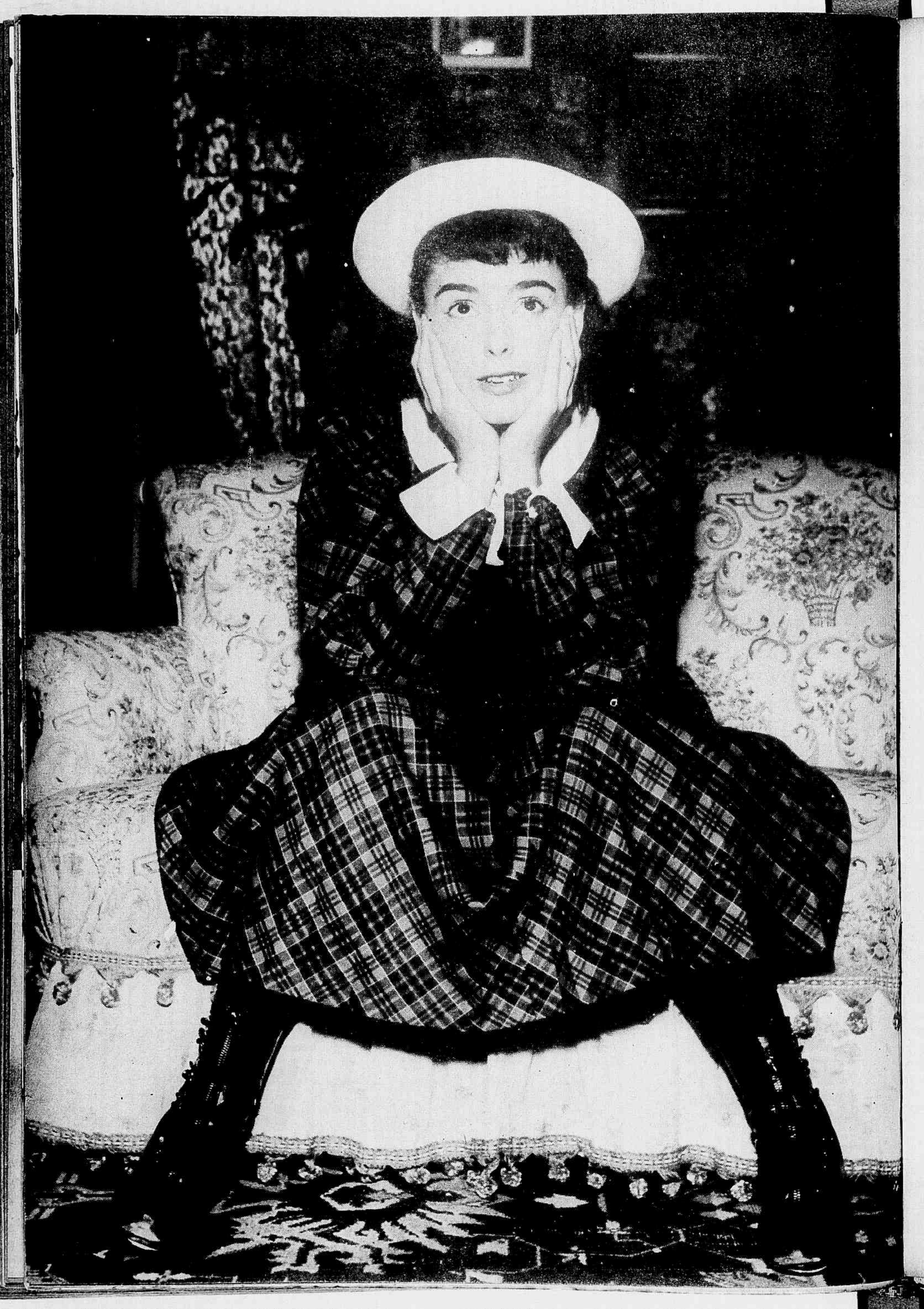


Nestas fotos, tiradas por ocasião da cerimônia religiosa, vêem-se a noiva chegando, pelo braço do pai, doutor Tancredo Neves; a assinatura do livro respectivo; a chegada



do presidente da República com a senhora Sarah de Lemos Kubitschek; e os noivos sendo cumprimentados.





SUZANA NÃO É MAIS SUZANA: É GIGI

SUA VOCAÇÃO para o teatro manifestou-se cedo. Enquanto estudava em Buenos Aires, Suzana Freyre, ainda menina, integrou o elenco profissional de Paulina Singerman (irmã da célebre Bertha) para interpretar um papel em "Hymenée" de Edouard Bourdet. Não foi fácil permanecer na carreira, pois seus pais não permitiam que abandonasse os estudos. Assim, até que finalizasse o curso ginásial, Suzana entremeava incursões no teatro. Finalmente, pôde dedicar-se à arte. Em Buenos Aires tomou parte em inúmeros espetáculos, inclusive estreou alguns filmes. Casando-se com o diretor Ugo Christiansen, mais aproximou sua vida à carreira artística. Trabalhou também na Venezuela e México, recebendo prêmios por interpretações cinematográficas. Há tempos veio ao Brasil e filmou "Leonora dos Sete Mares", aqui permanecendo dois anos. Em seu retorno a Buenos Aires, foi "pivot" de um grande acontecimento teatral. Gigi, de Colette, cuja personagem viveu durante 2 anos quase ininterruptamente (interrompeu nesse longo curso apenas 15 dias para descanso geral do grupo nas festas natalinas)

no Teatro Smart. Esse incrível êxito marcou uma década no palco argentino, pois não se tem notícia de coisa semelhante em terra portenha.

"Aliás (é Suzana que nos conta), nunca houve um dia sequer com casa fraca. O Teatro Smart é bem grande e jamais a bilheteria acusou queda na carreira de Gigi. E posso acrescentar que a peça poderia perfeitamente continuar no terceiro ano, ainda com sucesso. A retirada do cartaz foi motivada exclusivamente por dificuldades provocadas pelo detentor dos direitos da peça na Argentina."

A jovem atriz atribuiu o êxito à autora de Gigi. Colette cria seus personagens de tal forma que os faz "viver" em liberdade, dando-lhes uma perfeita humanidade, sem objetivos forçados. Sua gente tem qualidades e defeitos, não salientando a maldade para premiar a virtude, mas salpicando, como na vida real, pequeninos nada que tornam a obra bela e poética.



COLETTE, PRÓPRIA PARA CRIANÇAS...



Em Gigi, Suzana Freyre viu retratada a menina-moça, símbolo da juventude, com sua ternura, ferocidade, mal-criação, etc., tão comuns àquela fase.

EDIÇÃO PORTENHA

Nos 2 anos que foi Gigi em Buenos Aires, aconteceram poucos incidentes, embora um só até hoje a atormenta. No terceiro dia, após a estréia, fraturou o tornozelo ao descer do palco para os bastidores. Com dores incriveis, ainda se agüentou até o final da peça. Quando o pano desceu, já não podia suportar a dor. Primeiro, houve enorme dificuldade para descalçar a bota, tal a inchação do pé. Imediatamente foi a um hospital e o médico ortopedista afirmou que teria de engessar o osso quebrado, permanecendo imóvel por 20 dias. Recusou-se a isso, porque acarretaria vultosos prejuízos a interrupção do espetáculo. Suzana resolveu então se sujeitar a colocar uma tala que era retirada na hora que iniciava a peça. As dores eram tantas que, durante meses, só pôde trabalhar sob efeitos de injeções analgésicas que duravam apenas durante o primeiro ato. Ao cabo, finalmente, de vários meses, sentiu-se melhor, deixando a tala, calçando uma tornezeira; esta será novamente usada no Copacabana, pois sente que o tornozelo não é o mesmo de antes da fratura.

Apesar disso, Gigi deu uma satisfação artística a Suzana, que raríssimas artistas já provaram. Sua interpretação teve tal repercussão na Argentina, que foram feitas várias manufaturas inspiradas na garôta de Colette, como roupas de crianças, sapatos, miniaturas, etc., além de uma "boutique" com o nome de Gigi. E todos passaram a chamá-la assim, esquecendo Suzana.

O espetáculo na Argentina era livre para crianças e o público infantil lotava as vesperais. Uma vez estava na rua quando se aproximou uma senhora com a filhinha de 7 anos. A primeira apontou a artista, esclarecendo à filha que a moça era a Gigi. Suzana ficou espantada com a reação da garôta — esta começou a chorar, não se conformando que Gigi fôsse já uma mulher.

O camarim de Suzana no Smart era sempre visitado por crianças que lhe levavam balas, bombons e brinquedos...

BRASILEIROS NO TEATRO SMART

Nestes dois anos de Gigi, o Smart recebeu número incalculável de brasileiros que iam à Argentina e queriam abraçá-la. Conheceu inúmeros patrícios nossos e quando, recentemente, embarcou para o Rio, trouxe muitas encomendas de residentes em Buenos Aires para parentes e amigos cariocas.

"A verdade", afirma Suzana, "é que meu marido, meu filho e eu amamos realmente o Brasil e vocês percebem isso, criando imediatamente um elo de simpatia entre nós. Por causa desse nosso sentimento, já passei momentos aflitivos em Buenos Aires; uma vez, ao ser entrevistada, meu filho Carlos Ugo, de 7 anos, afirmou ao repórter que ele era paulista e insistia em somente falar o português. Na verdade Carlos é argentino e esse fato poderia decepcionar seus patrícios..."

EDIÇÃO BRASILEIRA

Os primeiros ensaios com "Os Artistas Unidos" não foram muito fáceis para Suzana. Depois de 2 anos consecutivos do seu Gigi em língua castelhana o subconsciente a traía no texto português. Além disso a direção de Luca de Tena é totalmente diferente da que se habituara, inclusive os cenários. Tem, contudo, estudado intensamente para não sentir muita diferença nesta versão.

PLANOS

Suzana Freyre não sabe o tempo de duração de Gigi no Teatro Copacabana. Seria muito otimismo pensar que o êxito seja igual ao argentino e contenta-se com menos. De seus planos futuros consta atuar 6 meses em Buenos Aires e 6 meses no Rio, durante muitos anos. Procuraria um repertório próprio para fazer um intercâmbio da sua terra com o Brasil. Gostaria também de levar "Os Artistas Unidos" para uma curta temporada na capital portenha, levando o Gigi brasileiro. "Seria bem curioso" — esclarece — "pois a dificuldade dos argentinos em entender o português é um fato. Mas de certa forma esse obstáculo estaria superado, já que a peça foi lá bastante divulgada. Assim o Brasil poderia dar uma amostra de como se faz teatro em sua terra".

PROBLEMA N° 34

PARA NOVATOS — HORIZONTAIS: — 1. Tornar calmo — 7. Maior — 8. Larva que se desenvolve em feridas de animais — 8. Caiporismo — 11. Brisa — 12. Sisudo — 14. Fiasco — 17. Pessoa muito parecida com outra — 19. Artigo plural — 21. Crustáceo decápode braquiuro — 22. Semelhante — 24. Abrev. de Companhia — 25. Estado do Brasil.

VERTICAIS: — 1. Queres bem — 2. Cozinhar — 3. Limalhas — 4. Mulo — 5. Pedra do altar — 6. Pouco comum — 10. Conjunto de cerimônias de uma religião (pl.) — 13. O mesmo que oasiano — 15. Pátria dos Sírios — 16. A parte gorda do leite — 18. Camareiras — 20. Condimento — 23. Ali.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N° 33

PARA VETERANOS — HORIZONTAIS: mata — toma — Ar — mitra — or — melado — maré — ata — âmbitos — opa — ousas — lira — gala — odor — Sem — agámata — rês — Mira — arcano — A.C. — tridi — te — rôta — aler.

VERTICAIS: mana — aretológico — amã — tamisas — morosamente — Arés — Ida — tomo — lapidar — atafera — Bug —

aromata — are — otai — amar — Ard — soer — cia.

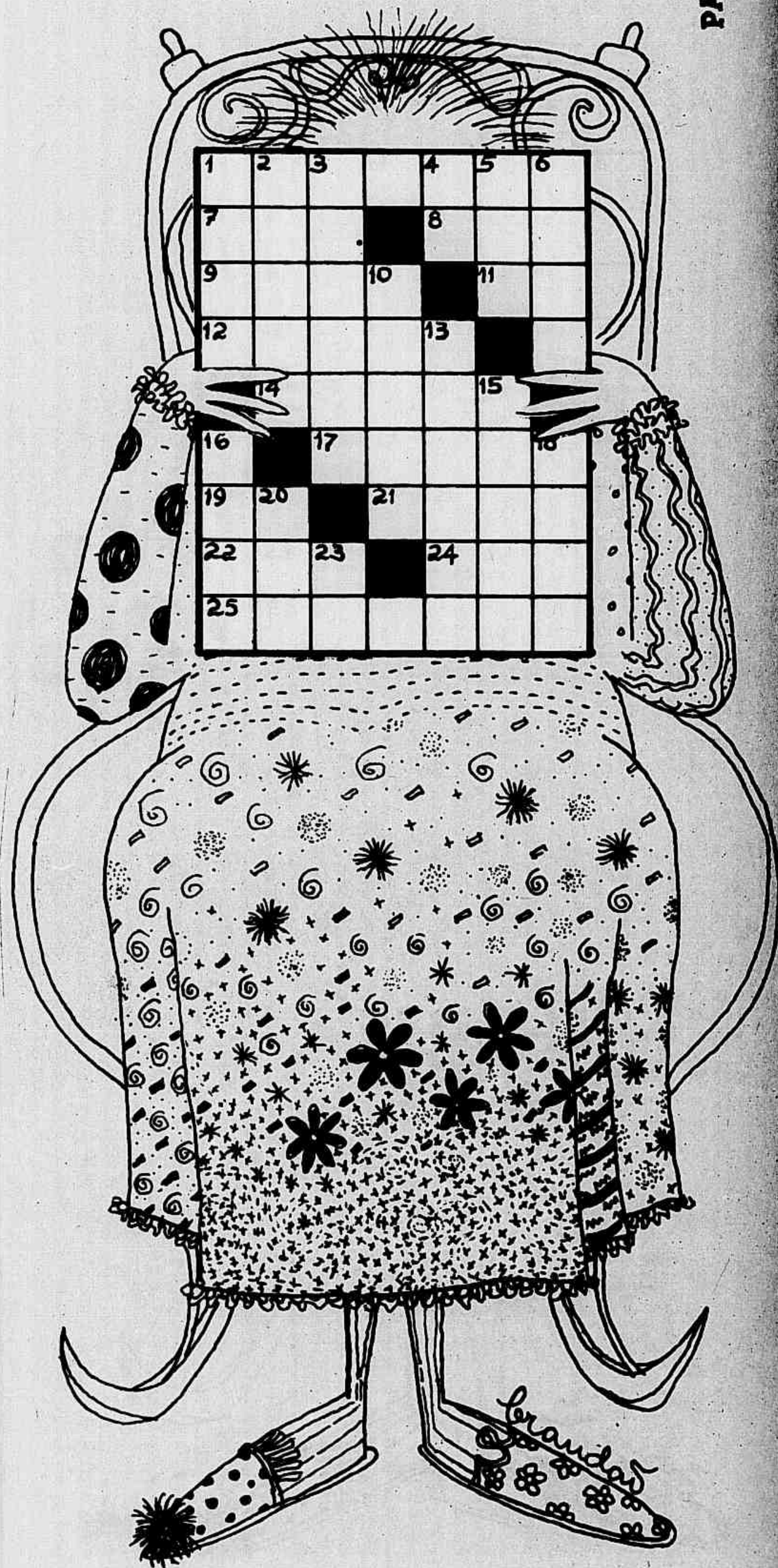
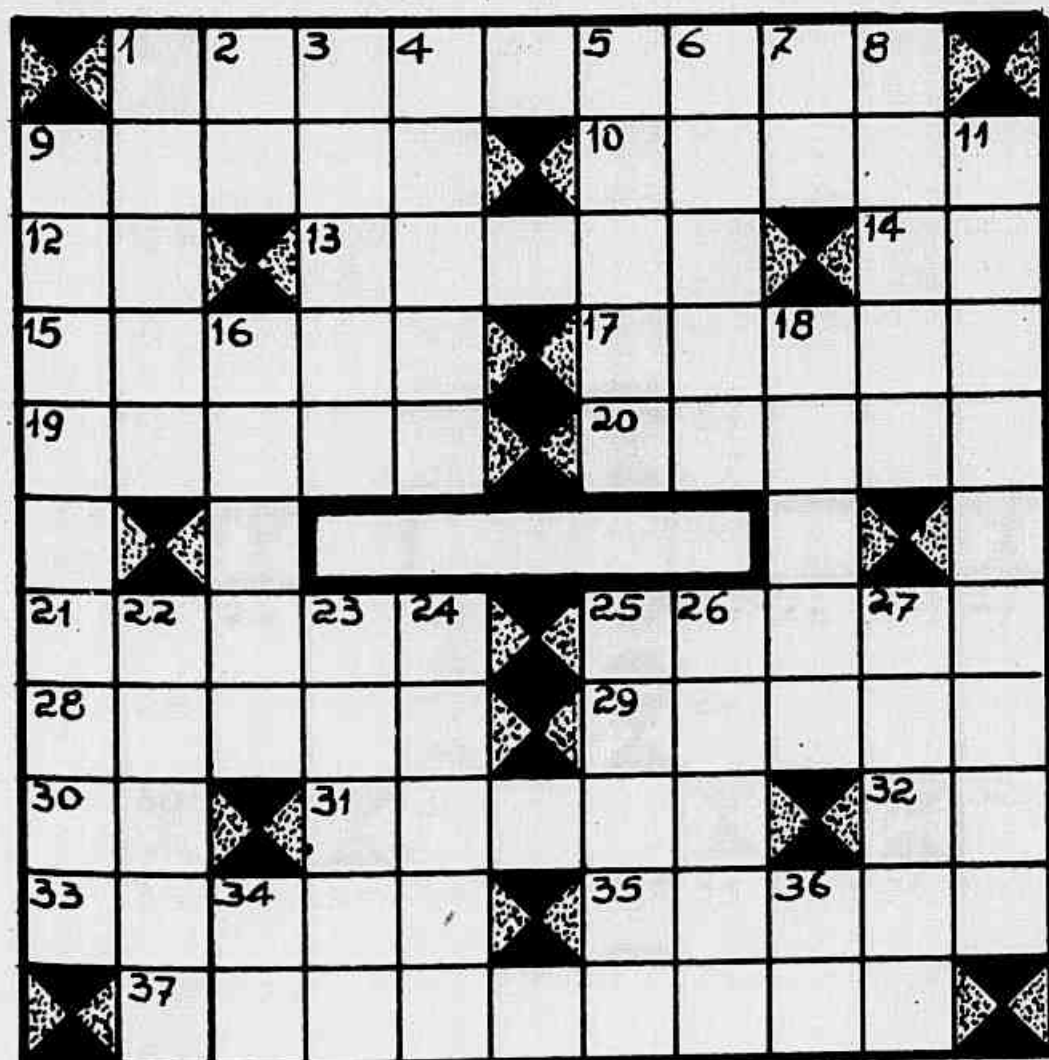
PARA NOVATOS — HORIZONTAIS: atalai — atira — ala — ama — rir — es — lá — oca — ura — ria — aribas — amariam.

VERTICAIS: tal — atar — li — arar — iam — arabu — arara — imo — lama — arai — ram — Isa — Br.

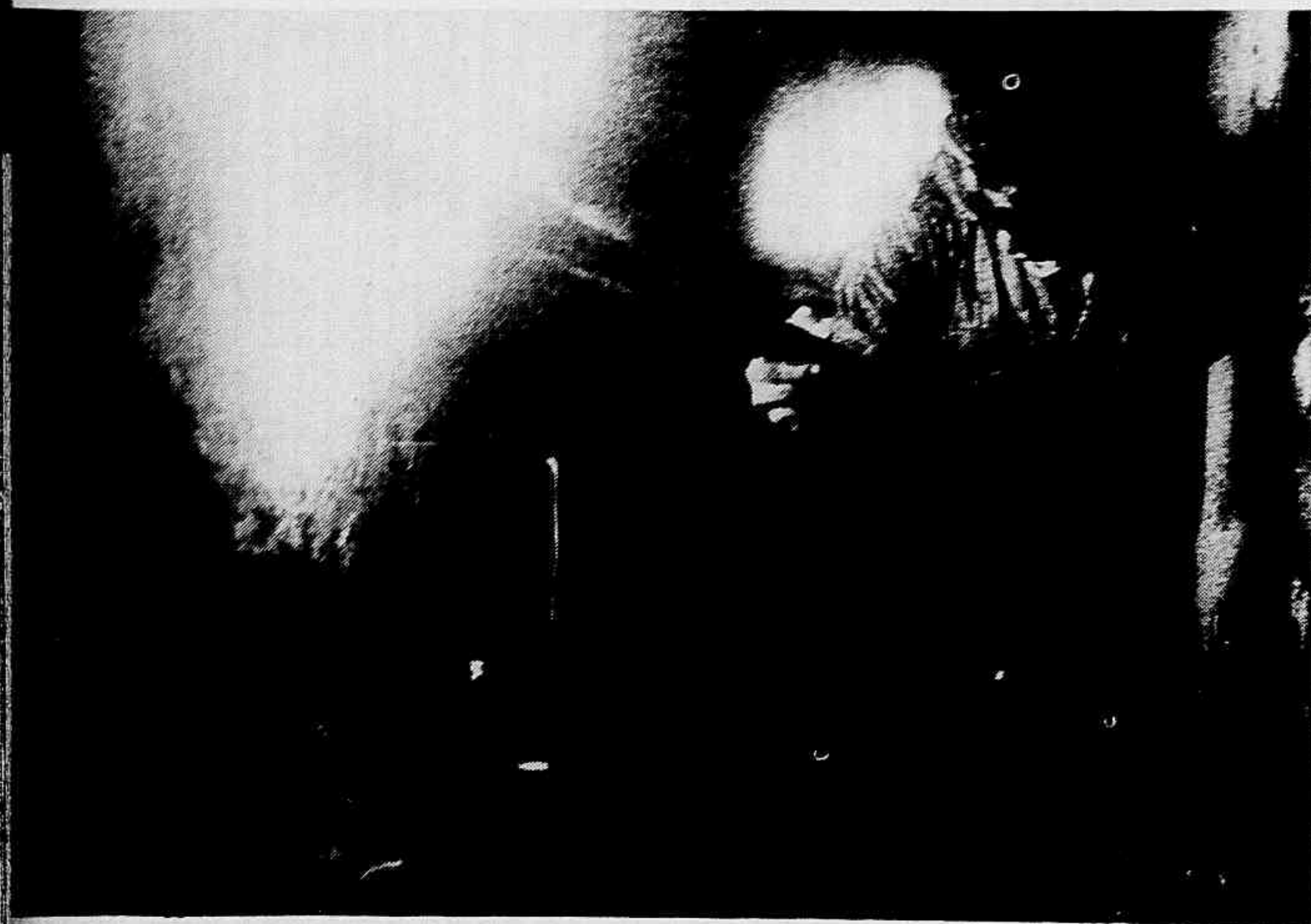
PROBLEMA N° 34

PARA VETERANOS — HORIZONTAIS: — 1. Reprimiria — 9. Ficou molhado — 10. Desordem — 12. Rio da Rússia — 13. Em M. su, doce sêco de qualquer substância (pl.) — 14. 10ª letra do alfabeto árabe — 15. Estar em uso — 17. Ardil — 19. Jaguapé — 20. Peça central da roda dos carros — 21. Pirogas — 25. Provocar — 28. Assembléia política de alguns Estados — 29. O mesmo que rebuçado, em Angola — 30. Designação verbal — 31. Arnoto — 32. Modo de andar — 33. Homem avisado — 35. Aquêlê que não tem juízo — 37. Pessoa feliz nos negócios e nos amôres.

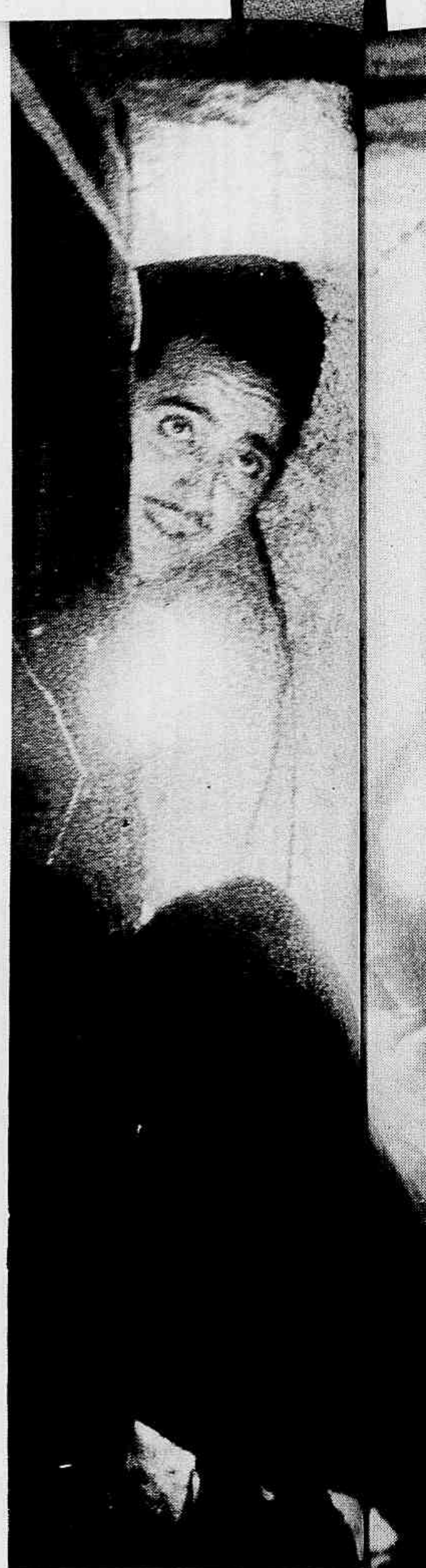
VERTICAIS: — 1. Talante — 2. Luz que emana da ponta dos dedos — 3. Fogaço — 4. Saira freqüentemente à rua — 5. Amontoam (dinheiro) — 6. Resmungue — 7. Donaire — 8. Iôdo-oxigalato de bismuto — 9. Os frutos do novo ano (pl.) — 11. Inutilizará — 16. Diminua o volume de — 18. Patetas — 22. Odeiam — 23. Entupir — 24. Purificou — 25. Lutai — 26. Homem perito em alguma coisa — 27. Tolerar — 34. Ama-de-leite — 36. Gesto.



DEZESSEIS RAPAZES PROCURAM O TESOURO SUBTERRÂNEO DE OLINDA



Junto à Sé de Olinda, a mais antiga igreja da cidade, os exploradores procuram mais uma entrada para o túnel.



Uma das muitas entradas da trás do convento de São Fran

DEZESSEIS RAPAZES, com um seguro de vida coletivo de apenas 500 mil cruzeiros, estão procurando, nos misteriosos subterrâneos de Olinda, os tesouros que os ricos portugueses ali esconderam quando a invasão holandesa parecia vir realizar uma profecia do padre Vieira.

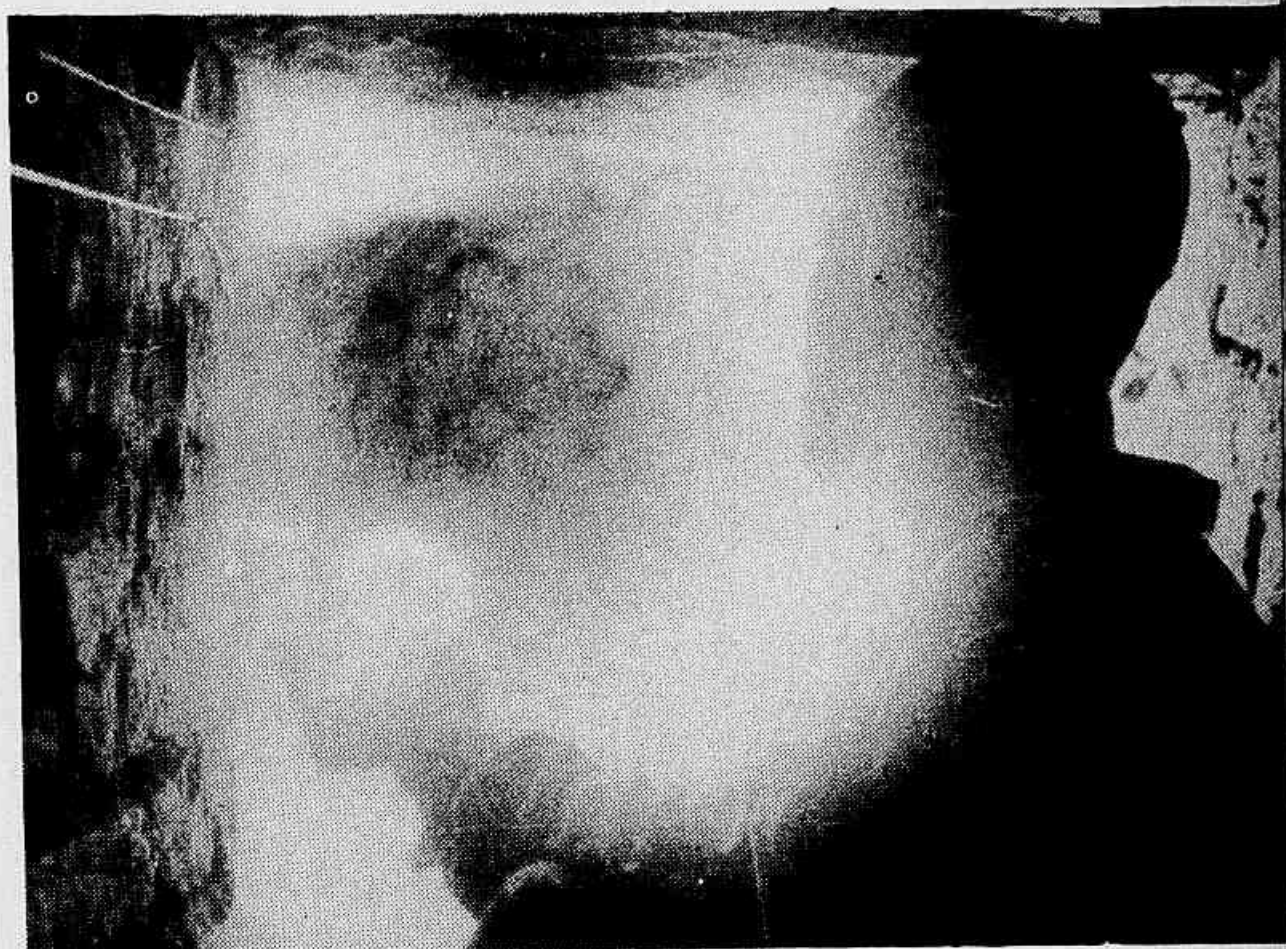
Conta-se que, nas galerias subterrâneas, há tesouros fabulosos: barras de ouro, enormes baús cheios de jóias e pedras preciosas, objetos de arte do Oriente, baixelas de prata, riquíssimas alfaías do tempo em que Olinda vivia no luxo e na ostentação e em que de suas praias saíam os judeus que compraram a Ilha de Manhattan, por quarenta dólares, no melior negócio imobiliário de todos os tempos. As vezes as galerias se abrem em salões onde grandes mesas de jacarandá lavrado serviram a banquetes e a reuniões conspirativas dos jesuítas e sobre as quais há montões de riquezas.

Foi nessa época que o padre Antônio Vieira, lá de São

Luís do Maranhão, alarmou-se com o luxo de Olinda e exortou-a a "abandonar os festins mundanos" para que "não viesse a transformar-se em Holanda". Quando os invasores holandeses se aproximavam da costa pernambucana os ricos da cidade pensaram na profecia de Vieira e esconderam os tesouros, que ainda hoje existem nos subterrâneos.

Tudo isso é lenda. De fato, até agora os pesquisadores não encontraram senão muitas moedinhas portuguesas daquele tempo, que só servem para aguçá-lhes a curiosidade e a esperança.

Os dezesseis rapazes são todos da terra. Todos os sábados e domingos eles se reúnem, calçam luvas de couro, põem óculos protetores, pegam as picaretas e vão para os túneis. Um dos túneis é baixo e estreito, de vez em quando alargando-se a três metros para depois estreitar-se a um metro de largura por um e meio de altura. São revestidos de enormes pedras amarelas, ligadas por duríssima argamassa,



Pilhas e lâmpadas de mineiro iluminam as estreitas galerias, abafadas e úmidas. Mais adiante, o tesouro.

O espaço é muito pequeno, mas os exploradores não desanimam: já encontraram moedinhas antigas e uma caveira.



galeria subterrânea, por cisco: muito estreita.

que resiste às picaretas. As chuvas e o tempo, com a infiltração de água, provocaram alguns desabamentos que dificultam muito a exploração e constituem enorme perigo. Num domingo chuvoso o mais moço do grupo descobriu uma caveira: o medo foi geral.

Os rapazes afirmam que acabarão explorando toda a galeria subterrânea e "encontrando alguma coisa". Alguns, mais modestos, dizem que pelo menos "um mapa correto" dos túneis eles farão.

O Patrimônio Histórico não diz que acredita nos tesouros nem que não acredita, mas deu licença para a exploração. O Arcebispo Dom Antônio também abençoou os exploradores e não nega a existência dos tesouros, mas se mantém reservado.

Mas os antigos da cidade e a crônica passada juram que "procurando, encontra-se". Quando passar a estação das chuvas os dezesseis rapazes continuarão a procurar.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

O PARQUE, parecendo petrificado, dormia sob o ardente sol de agosto. Nem uma nuvem suavizava o azul refulgente do céu de Pau tão decantado e, ao longe, os Pirineus desapareciam atrás de um trêmulo muro de ar.

A moça estava deitada sob um arbusto, na relva, e o vestido estampado punha uma nota luminosa na penumbra do bosque. Seus abundantes cabelos castanhos emolduravam docemente o rosto, onde os longos cílios faziam uma sombra na face angulosa. Aquêlo rosto traía a flor da idade, porque a pele possuía ainda a penugem que tão depressa de-

saparece sob a pintura. A boca de lábios delicadamente desenhados esboçava um amuo, tal como o fazem no sono as crianças muito novinhas.

E, com efeito, a jovem parecia dormir serenamente, depois de se haver refugiado no único lugar do parque onde permanecia um resto de frescura, porque a "onda de calor" castigava havia três semanas.

Entretanto, o rumor de uma janela abrindo-se sobre aquêlo quente torpor chegou até à adormecida e, imediatamente, as pálpebras de Nane tiveram um leve bater, deixando filtrar um olhar





dourado, estranhamente desperto e que lembrava o de um gato fingindo dormir a fim de melhor abusar de sua presa. O abandono com que o jovem corpo de Nane jazia estendido na relva, tinha aliás qualquer coisa de felino e se adivinhava sob sua aparente graciosidade, músculos moços e nervos de rápidos reflexos.

Entre os troncos sombrios das árvores, para além do grande gramado queimado pelo sol, o Arayado tinha a aparência exata de um cenário de cinema.

Tratava-se, no entanto, de uma verdadeira casa e que, para Nane, era a casa. Tudo, até os mínimos detalhes, lhe era familiar, mas era para o primeiro andar que ela dirigia o olhar, aquele primeiro andar, no balcão do qual acabava de surgir um minúsculo personagem de barômetro suíço, uma silhueta feminina vestida de branco.

O olhar de Nane endureceu-se, seus lábios se entreabriram, descobrindo dentes miúdos, brilhantes e prontos para morder.

— Odeio-te! Odeio-te! — murmurou ela, com uma raiva pueril. — Oh, se scoubesses como te odeio!

Lá longe, no balcão, a mulher talvez sentisse a violência daquele olhar hostil, pois desapareceu no interior da casa.

A janela que acabava de se abrir, para logo depois fechar-se, no fito único, ao que parecia, de provocar Nane permitindo a uma estranha surgir em sua moldura, essa janela era ainda, um ano antes, a do quarto materno.

Apesar dos meses decorridos, Nane não sentia nenhuma dificuldade em recordar a peça em seu aspecto de então, com seus móveis de limoeiro, o azul muito suave das poltronas e das cortinas. E parecia a Nane que a extremidade de seus dedos se lembrava do incomparável contato da sêda da espreguiçadeira, na qual Estelle Vernon gostava de repousar.

— Mammy-Stella, minha querida — murmurava ela, banhando-se de novo naquele ambiente, morno e doce, onde havia crescido sem choque, sem desgosto...

Mas aquele tempo de clemência tinha passado desde a morte da mãe e o cenário familiar só perdurava sem dúvida na memória da moça.

Nane ignorava como a outra havia transformado o quarto porque, desde o dia em que Lydia Moreau tinha tomado posse do mesmo, ela proibira a si mesma lançar um só olhar que fôsse para a porta da peça que fôra o paraíso de sua infância. Graças a isto, ainda lhe era possível acreditar inviolável o quarto de sua mãe e sentir flutuar ali a lembrança da morta querida. Nem mesmo a aparição de Lydia à sacada podia romper a frágil trama dessa ilusão: muitas vezes, ela devia ter assim aberto a janela e cerrado as venezianas, ao passo que Estelle, sempre adoentada e lânguida, queixava-se de que a luz a cegava.

Mas, em Arayado, Lydia Moreau não passava então de uma empregada.

ANNE VERNON conservara uma recordação muito apagada do pai, morto quando ela contava seis anos.

Apesar disso, tinha cruelmente sofrido em sua alma de adolescente quando, alguns anos mais tarde, Mme. Vernon tornará a casar-se com Georges Meller. Mas, sem que ela o percebesse, esse sofrimento era causado pelo amor ciumento que ela votava à mãe e não por fidelidade à memória do defunto.

Não foram os sentidos que impeliram Estelle para os braços do segundo marido. Não; tinha sido unicamente por medo da solidão, que a jovem viúva se decidira a casar novamente.

Isabelle, sua filha mais velha, tinha desposado seis meses antes — um pouco por despeito de ver suas melhores amigas já de posse de marido — Jacques Delancy, um jovem arquiteto que tinha futuro diante de si mas quase nenhuma clientela.

Depois desse casamento, Mme. Vernon sentira uma impressão de vazio e de isolamento. Com efeito, Isabelle tornara-se para sua mãe, depois da morte de Louis Vernon, uma companheira de todos os instantes, uma irmã apenas mais moça, com a qual podia-se discutir livremente o último romance em voga ou o próximo vestido, e que, além do mais, dirigia tudo na casa.

Anne, com seus treze anos, não passava de uma criança, terna mas secreta, e que ainda via a vida através o véu de suas ilusões. Quanto a Nicolas — Nick — acabava de completar quinze anos.

Estelle sempre tivera uma saúde delicada e, por esta razão, seu marido resolvera morar nas proximidades de Pau.

Vendo-se privada da companhia de Isabelle pelo curso normal da vida, Mme. Vernon tinha logo levado tudo para o lado negro: Nick começava a fazer acampamentos na costa com camaradas dos dois sexos... assim, não tardaria sem dúvida em seguir o exemplo da irmã mais velha... depois seria a vez de Nane ir viver longe de sua mãe...

E Estelle Vernon viu-se abandonada por todos os seus, errando solitária nas peças por demais numerosas de Arayado.

Nesse ano, justamente, durante uma dessas crises de economia que atravessava periodicamente, Mme. Vernon tinha resolvido alugar, durante os meses de verão, o pavilhão que se erguia à entrada do parque.

Em consequência, mandara colocar um anúncio no "Figaro" e a primeira pessoa que se apresentou para alugar o pavilhão fôra Georges Meller.

Apresentou-se como um homem de letras parisiense, ávido por encontrar um retiro afastado das grandes correntes da vida mundana, a fim de poder ali terminar em paz um romance que ele não hesitava em considerar sua obra-prima.

Naquela época, Meller era um quarrentão sedutor, usando de todos os trunfos do cabeleireiro e do alfaiate; suas têmporas prateadas já tinham feito profundos "estragos" nos "cocktails" parisienses. Mais de uma mulher da sociedade conservava-lhe um lugarzinho no coração, aquele que se reserva ao amante adestrado e discreto. A um físico sedutor, Meller reunia a atração sempre um pouco perversa que exerce um intelectual.

O pavilhão, erguendo um muro alto do lado da estrada e abrindo suas principais peças para o interior do parque, tinha conquistado imediatamente Georges Meller, que o tinha declarado "muito típico" com o tom seguro que usava nos "vernissages". No entanto, sua decisão em alugá-lo talvez houvesse sido menos rápida, se Meller não se tivesse sentido igualmente seduzido pela graça lânguida da viúva. Embora fôsse ela sensivelmente da mesma idade do romancista — Isabel o assegurava — Estelle tinha logrado conservar uma aparência de mocidade, devida em grande parte ao seu caráter de mulher-criança.

Jamais proprietário teve a louvar-se de um inquilino mais perfeito e Mme. Vernon sofria demais da sua "solidão" para não apreciar plenamente as delicadas atenções com as quais o escritor estava sempre a cercá-la durante a sua presença.

O que acabou de conquistar o coração de Estelle, aliás pouco defendido, foi a honra insigne que lhe fez seu locatário, dando-lhe leitura do novo romance logo que o terminou.

Estelle ocupava-se pouco do lado literário e ficou facilmente subjugada, tanto mais que Georges sabia como ninguém pôr-se em realce e fazer apreciar ao máximo a menor lisonja. Na realidade, os grandes romancistas contemporâneos podiam dormir com toda a tranqüilidade.

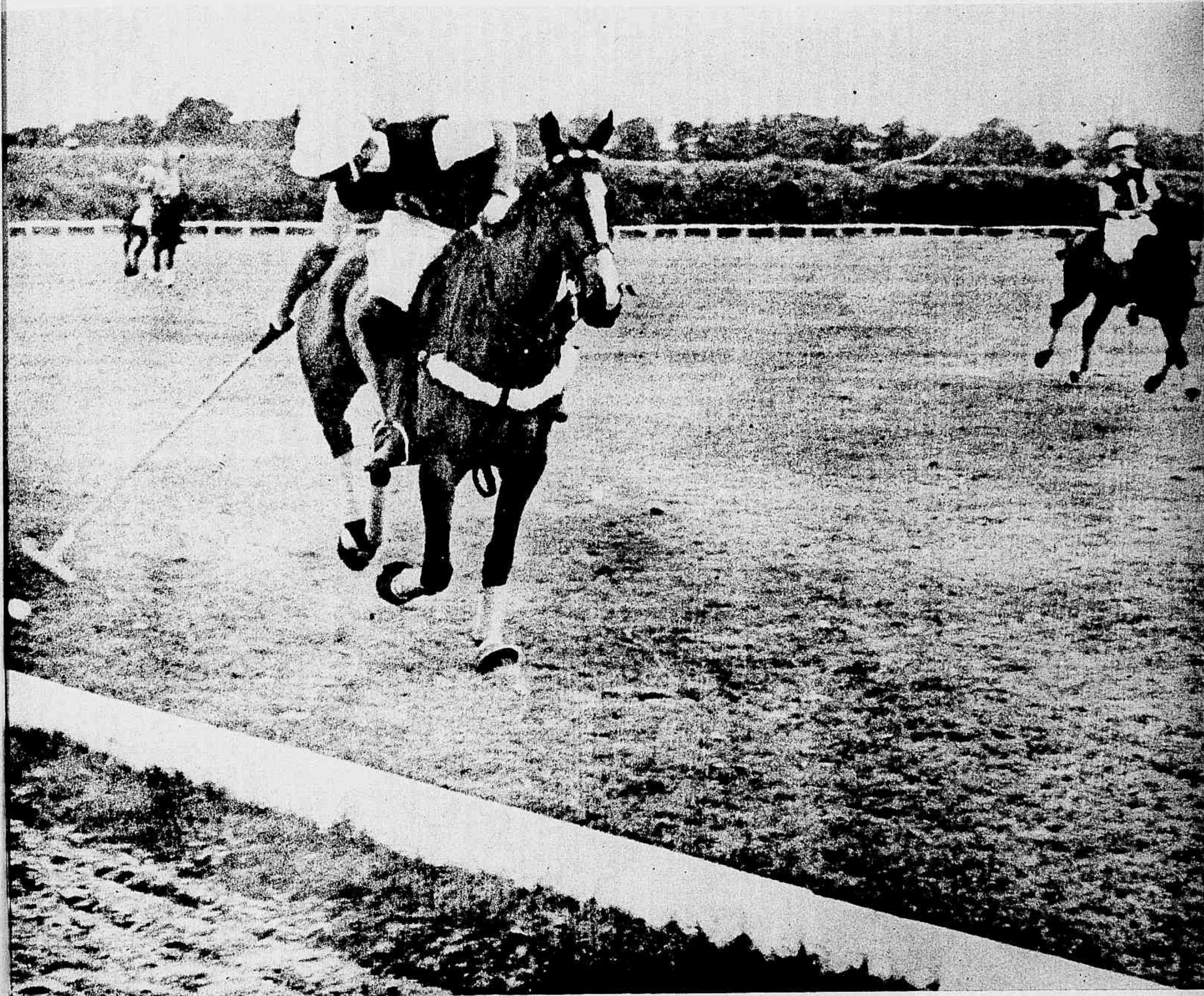
Georges era um desses autores de tiragem confidencial, incensados por um pequeno cenáculo, apreciados pelos snobs, e vendidos unicamente por livreiros pretenciosos, em edições nas quais a qualidade do papel e a da tiragem, esforçavam-se por compensar a mediocridade do texto.

Isabelle Delancy, durante um fim-de-semana em Arayado, sentira imediatamente a aproximação do perigo e colheira informações entre amigos parisienses. Apressou-se em esclarecer a mãe, mas forçou demais a dose, emprestando unicamente ao conquistador a busca à fortuna Vernon.

Estelle replicou que não tinha ainda chegado ao ponto de ser amada por seu dinheiro, acusou a filha de egoísmo e, com uma dessas violentas teimosias que surgem por vezes nos caracteres irresolutos, chegou até a adiantar a data do casamento.

Foi, então, que Lydia Moreau entrou na vida dos Vernon.

(Continua)



Nos campos da Itália, Alfredo Sestine, com o seu Água Branca, deu ao Brasil, pela primeira e única vez um título de tricampeão. Na foto, Alfredo Sestine avança velozmente em direção ao "goal" contrário.

NEM SEMPRE O PÓLO FOI JÔGO DE "GENTE BEM"

WALTER BRANDÃO

O pólo é um esporte
apaixonante
e perigoso, resultado
de um
complexo e coordenado
esforço
do homem e do cavalo

PÓLO, ÉSTE BELO ESPORTE equínio, um dos mais antigos do mundo, denominado esporte dos reis, tem sua origem envolvida em lendas, como quase tudo que se conhece com relação ao princípio do mundo. Como todos sabem, a cavalaria em tempos idos sempre teve um lugar destacado nas guerras e no amor, e um dos orgulhos do homem antigo era justamente ser um bom cavaleiro, hoje sem o mesmo esplendor, o homem ainda se orgulha em ser um bom cavaleiro. Existia e existe outro motivo pelo qual o pólo tornou-se o esporte favorito dos amantes da cavalaria: — o perigo. Como complemento guerreiro, êste esporte reúne qualidades que leva o homem a considerar-se mais forte, isto porque para ser um bom polista, o atleta precisa, além de ser bom cavaleiro, ter coragem, auto-domínio e raciocínio rápido.

A HISTÓRIA COMEÇA

Foi o poeta persa Firdausi, quem primeiro escreveu sôbre determinado encontro esportivo entre sete persas e sete turcos, que disputavam uma partida de um jogo denominado "Chaugan", esporte praticado por homens montados em cavalos e impulsionando uma pequena esfera de "pulu", até colocá-la entre dois postes em forma de charutos dispostos em forma vertical na linha que determina o fim do campo (idênticos às balizas do futebol sem o travessão horizontal). Para tocar na pelota, o cavaleiro usava um bastão em forma de um "T", com um ângulo de mais ou menos 92 graus. E foi, assim, que se tomou conhecimento pela primeira vez da existência do pólo. Mais tarde, outro historiador oriental, chamado Tabazi, afirmou que a bola e o bastão enviado pelo rei Dário da Pérsia ao jovem Alexandre da Macedônia, nada mais eram que um taco e uma bola de chaugan; querendo

Uma equipe moderna de pólo, na qual vemos os irmãos Klabin (Daniel e Armando), João Leopoldo Modesto Leal e o capitão Erick.



dizer que a mocidade do macedônio era mais apropriada para o esporte que para guerra.

JÁ FOI ESPORTE «MAU»

Nem sempre o pólo foi esporte de "gente bem", isto porque houve época em que sua reputação sofreu sério abalo, pois era comum no Oriente, os perdedores dançarem para os vencedores, que o sujeitavam a brincadeiras insultuosas que terminavam quase sempre em atritos sérios. Conta sir George Robertson, historiador inglês, referindo-se ao cerco de Chitral, que os naturais, atraindo dois jovens oficiais britânicos e um grupo de soldados nativos para assistirem um encontro de chaugan, aproveitaram-se da oportunidade para cercá-los e massacrá-los. Como se vê, o pólo já foi utilizado até como arma de guerrilheiros pelos habitantes do Parquistão.

POR QUE PÓLO?

Muitos praticantes e amantes não sabem por que o chaugan passou a chamar-se pólo. O chaugan tornou-se um jogo popular em todo Oriente Médio e espalhou-se por toda a Ásia chegando até à Índia, então governada pelos ingleses, que sendo um esporte bem a gosto britânico, foi logo assimilado pelos plantadores de café primeiramente e depois pelos militares ali sediados. Quando o 10.º Regimento dos Hussardos, regressou à Grã-Bretanha, em 1869, levou consigo a novidade. Todavia os britânicos jamais conseguiram pronunciar corretamente a palavra "pulu" dialeto tibetano com que era conhecido na Índia o chaugan e ao invés de pulu, pronunciavam pólo, que tornou-se universalmente conhecido o moderno "chaugan". Aqui cabe um esclarecimento: — pulu quer dizer bola feita de raízes de bambu. Aí está a origem da palavra pólo, que os dicionários uni-

versais dizem: — jogo equínio, praticado especialmente entre famílias da alta-sociedade e exercício militar.

OS INGLÊSES REGULAMENTAM

Como disse, o pólo é um esporte muito a gosto dos britânicos, isto o tornou logo popular na Inglaterra, viril, perigoso e emotivo, os ingleses adotaram-no como exercício militar (ainda hoje o é em todos os exércitos e em 1874 reuniram em comissão no clube de Hurlingham e estabeleceram o primeiro conjunto de regras do pólo moderno e o segundo deste esporte. Disse segundo porque no século XVI, AKHBAR, imperador mongol, formulou as primitivas regras do pólo. As principais modificações que os ingleses introduziram foi a limitação dos jogadores, altura dos cavalos, juizes, etc., etc. Na antiguidade, o pólo era jogado sem número determinado de jogadores, que daquela data passou a cinco e posteriormente para quatro, como é jogado ainda hoje. Os cavalos tinham altura determinada, passou depois, como ainda o é, a ser facultativa.

JOGO DE NATUREZA INDIVIDUALISTA

O pólo é um jogo de natureza individualista, se bem que modernamente tende ao conjunto, que o torna mais belo e mais harmonioso. Todavia, antes da guerra de 1914, os indus tiveram os mais hábeis dribladores até hoje conhecidos, pois naquela época era comum o jogo pessoal. Assim é que os irmãos Shah Mirza Beg e Kader Beg, chegaram a serem considerados os únicos no mundo a percorrerem toda extensão do campo (275ms por 180 ms) a todo galope, sem hesitação ou perda de tacadas. Contudo, o atleta que quiser ser um bom polista terá que ser dotado de forte e bem dirigida tacada.

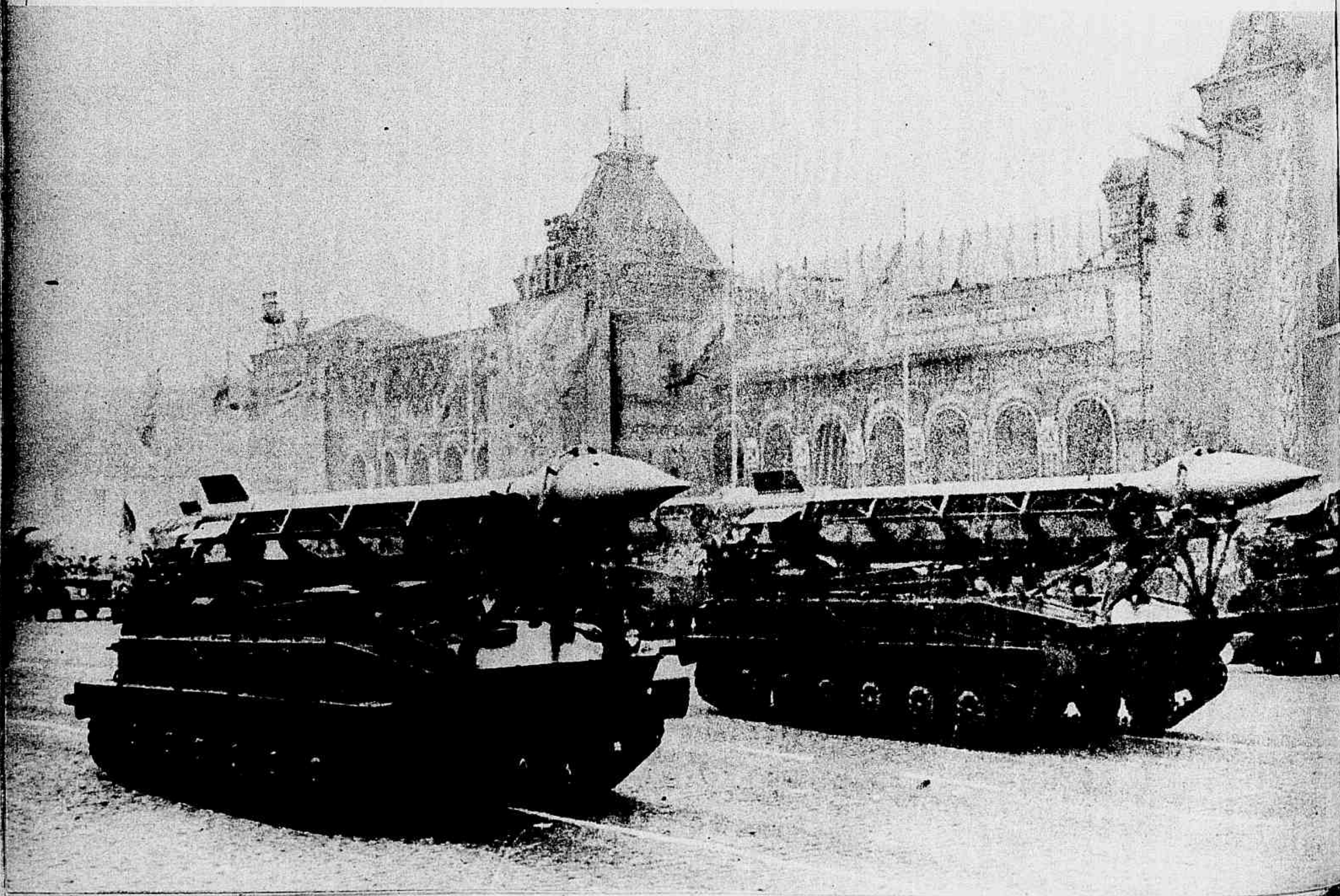
O duque de Edinburgh tem "handicap 3" na Inglaterra. Não foi feliz na temporada internacional, em Londres.



PREDOMÍNIO EM TERRA, INFERIORIDADE NO AR

MODERNO EQUIPAMENTO TERRESTRE DÁ À RÚSSIA TEMÍVEL PODERIO MILITAR

Outro aspecto de desfile militar, na Praça Vermelha.



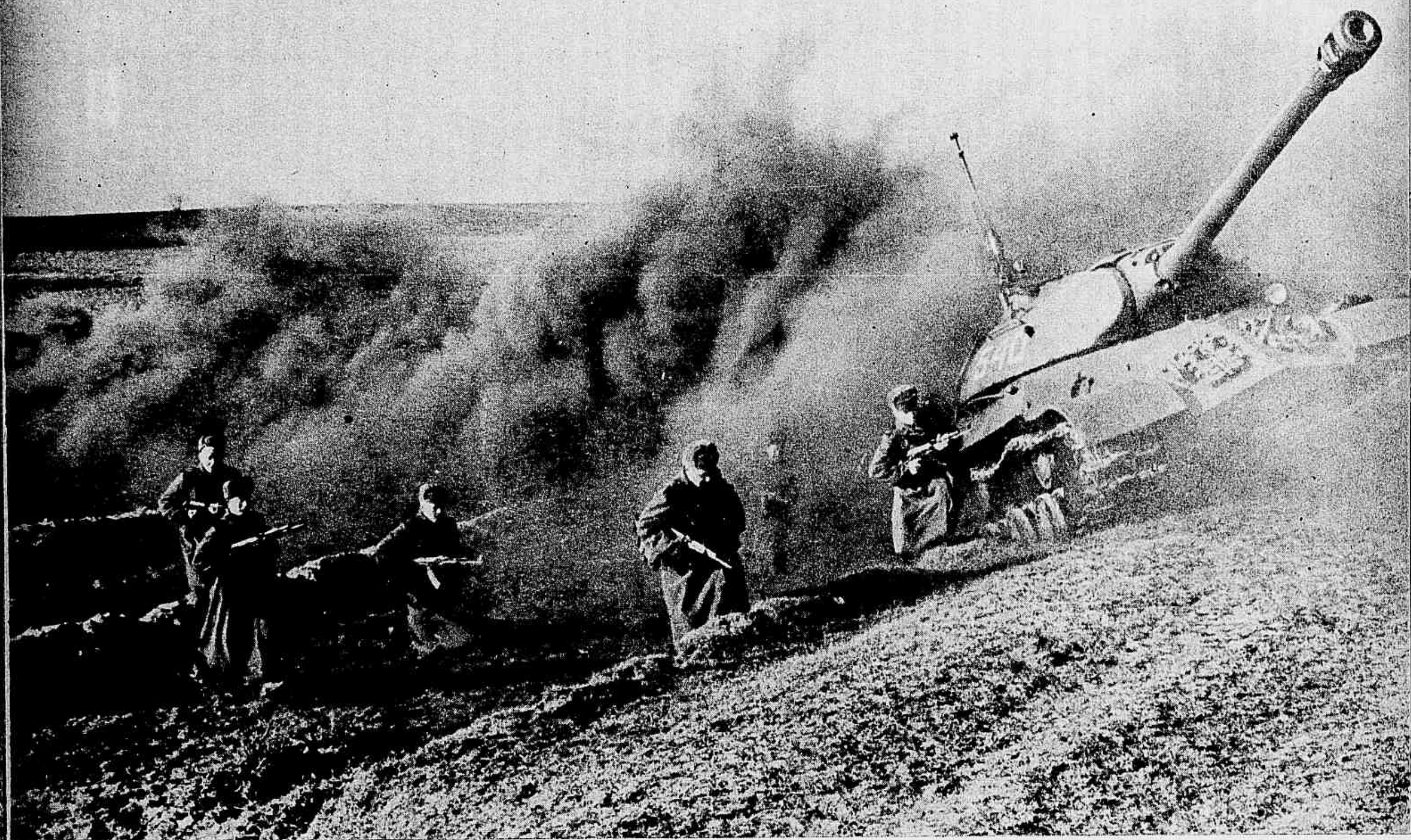
co
ce
da
de
re
su
do



Não levando em conta os projéteis balísticos e os foguetes, os russos não têm o predomínio dos ares.

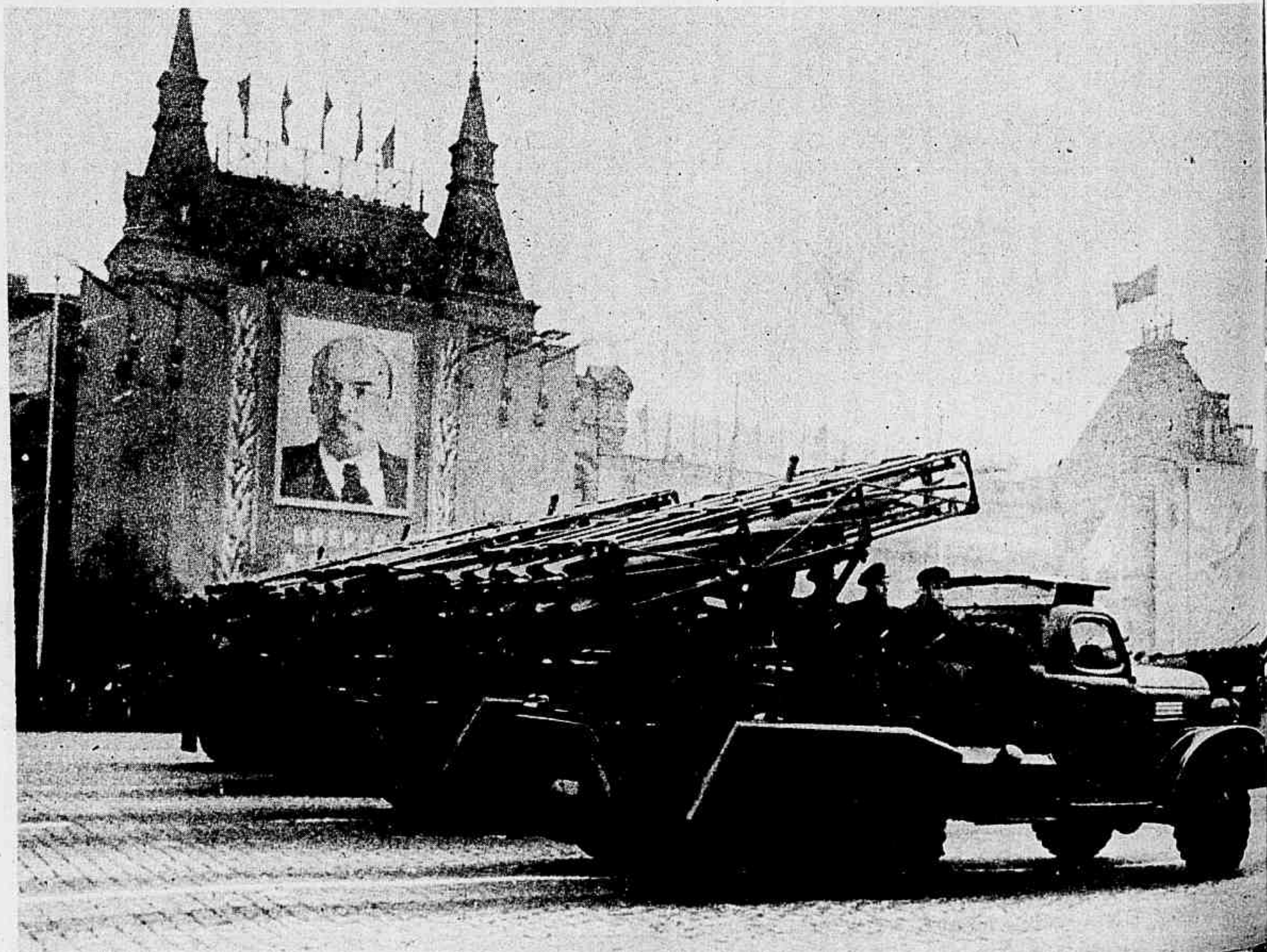
"QUANDO TERMINA uma guerra, novos métodos de combate e novos exércitos substituem os antigos. Os vencedores são os inovadores". — Assim falava, pouco depois da última guerra mundial, o marechal Rialka, um dos mais destacados comandantes do Exército Vermelho. Rialka morreu em 1948 e há muito não se ouve falar em seu nome. A sua doutrina, porém, transformou-se num princípio básico do Exército Vermelho.

A propósito, cumpre observar que a análise da situação dos exércitos das grandes potências e, em especial, do soviético, se constitui em tarefa difícil para o correspondente ocidental. Mais do que um trabalho de compilação de dados, isto requer principalmente um esforço de pesquisa e análise de um escasso material informativo, de coordenação e montagem dos esparsos retalhos de informação que se filtram através da censura. As vezes, o único material



Não se pode negar o crescimento do Exército russo.

Entre as poucas informações de que se dispõe, estão as indicações através das paradas militares.



Predomínio em terra, inferioridade no ar

de que dispomos são fotografias de paradas militares em que figuram novos armamentos; trata-se, então, de perscrutar com lunetas, consultar os entendidos e daí tirar conclusões. Outras, são informações apenas insinuadas com uma leve ponta de malícia pelos chamados porta-vozes oficiais e que conduzem apenas à meia-verdade, nunca ao esclarecimento total e definitivo. De todo esse trabalho de dedução por analogia, uma coisa, porém se apresenta com clareza: o ensinamento de Rialka está sendo aplicado em toda a linha pelo Exército soviético. Faltaria, apenas, acrescentar à frase de Rialka, a expressão "novos armamentos" para que se pudesse traçar o quadro da realidade do Exército Vermelho, neste ano de 1958.

Aliás, os círculos oficiais do Ocidente não subestimam o novo poderio alcançado pelas tropas soviéticas graças ao seu moderno e potente armamento e isto já o reconheceu o subsecretário de Defesa dos Estados Unidos, Donald A. Quarles, quando declarou: "Concedamo-lhes a superioridade geral em suas atuais forças terrestres".

A GUERRA SEM HOMENS

É evidente que o desenvolvimento alcançado pela ciência e pela indústria militar soviéticas, no setor dos foguetes balísticos intercontinentais, coloca a URSS em posição vantajosa também no concernente a um novo campo até aqui ignorado pelos manuais de estratégia e tática: a guerra sem homens a longa distância.

Contudo, os generais russos não acreditam que, com os novos avanços da ciência bélica, a questão dos homens ou, para empregarmos um termo da gíria de caserna, a "carne de canhão", tenha sido relegada para um plano secundário. Daí não ser casual a superioridade das forças terrestres soviéticas, a que faz menção o subsecretário de Defesa.

A TZARINA DO EXÉRCITO

O predomínio das forças terrestres sobre as demais armas sempre foi uma característica do Exército Vermelho, predomínio esse que se fez sentir com especial ênfase durante a 2.^a Guerra Mundial. E, dentre as forças terrestres, é a Infantaria — apelidada "tzarina" (rainha) do Exército — que ocupa o posto central.

A 7 de novembro de 1950, a Rádio de Moscou, analisando a guerra da Coreia, afirmava que, "apesar das asserções dos mal avisados estrategistas americanos", a arma básica ainda era a infantaria "hàbilmente combinada com as demais armas".

É verdade que, entre muitos estrategistas russos, existe uma tendência para mudar essa situação. Não é menos verdade que os conceitos emitidos pela Rádio Moscou, em novembro de 1950, são nada mais do que a repetição de uma tese de Stalin e que, como tantas outras de suas concepções, está sujeita à revisão oficial. Contudo, o que se sabe de concreto sobre a infantaria é que, nos últimos anos, foi reforçada com novos e potentes armamentos.

Com efeito, dispõem agora os soldados soviéticos de três novos tipos de armamento individual criados em 1950 e que apresentam inúmeras vantagens: o rifle, pesando 8 e meia libras é semi-automático, com pressão de gás, tem capacidade para 10 tiros e está sendo produzido em massa, em contraposição ao novo rifle americano semi ou inteiramente automático com 14,1 libras de peso e capacidade para 20 tiros, cuja produção, no entanto, ainda não ultrapassou as oito mil unidades. São igualmente eficientes e estão sendo produzidas em larga escala as novas metralhadoras e submetralhadoras leves, com que foram equipadas as tropas da infantaria vermelha.

Facilitando a rápida movimentação dos contingentes militares existem em funcionamento helicópteros "cavalo" de rotação dupla com capacidade para 40 soldados ou uma carga de 10 000 libras, à velocidade de 110 milhas por hora. O helicóptero MI-6, com o dobro da capacidade de carga, já está em fase de produção.

Como complemento a essas inovações, a infantaria vermelha está sendo provida de veículos anfíbios, com rodas de caterpillar.

A ARTILHARIA

A artilharia russa, por sua vez, tem uma tradição que data do czarismo e essa tradição perdura até os nossos dias. Nos últimos anos, verificou-se acentuada rivalidade entre a artilharia e a aviação, reivindicando cada qual a primazia. Certa vez, em 1937, Stalin resolveu a pendência entre as duas armas de maneira bastante característica: depois de dar seu veredito favorável à artilharia, declarando que não se podia vencer a guerra com uma força aérea poderosa, ordenou uma depuração no alto comando da aviação militar soviética!...

Atualmente, segundo se depreende, tornou-se a artilharia soviética mais potente, graças à introdução de um novo tipo de canhão howitzer de 203 milímetros que exige poucos minutos de preparativos para entrar em funcionamento, ao contrário do modelo antigo que exigia cerca de 36 horas. O novo howitzer tem um alcance de 15 milhas, sendo sua mobilidade maior que a do seu congênere americano de oito polegadas.

TANQUES MAIS PODEROSOS

Foi somente em 1930 que o Exército Vermelho começou a dar importância às forças blindadas — que ali, como no antigo Exército Nazista e no Exército francês dividem-se em divisão de tanques e divisão mecanizada (carros ligeiros).

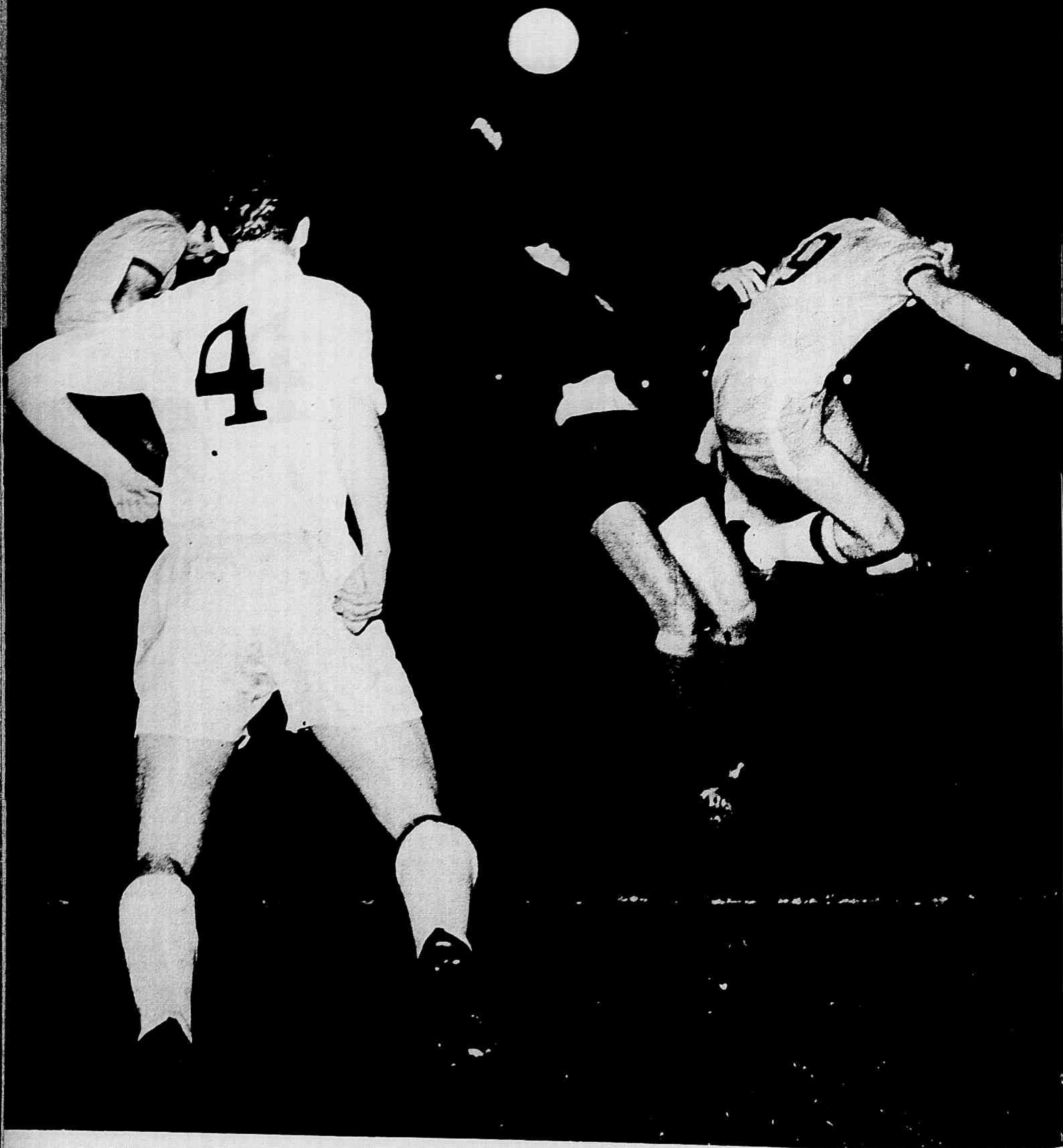
Durante a última guerra, os tanques vermelhos tiveram destacada atuação nas seis grandes operações levadas a efeito no setor oriental: Stalingrado (1942), Kursk-Orel (1944), Korsun-Schivchenkowsky (1944), Bielorrússia (1944), Varsóvia (1945) e Berlim (1945).

Do mesmo modo que nas demais armas, ampliou-se o poderio da divisão de tanques, tendo sido equipadas todas as unidades de combate com os novos veículos "T-54" de 53 toneladas, movidos a Diesel, com velocidade de 30 milhas por hora, raio de ação de 250 milhas e providos de canhões de 100 milímetros, superiores, portanto, ao seu equivalente americano o M-48 Paton de 49 toneladas e provido de canhão de 90 milímetros. Um modelo semelhante, mais leve, de aproximadamente 30 toneladas, já está sendo projetado. Além disso, a Rússia é a única grande potência que dispõe de tanques anti-aéreos, igualmente velozes, equipados de duas baterias anti-aéreas de 57 milímetros.

INFERIORIDADE NO MAR E NO AR

O poderio que já alcançaram no plano terrestre, perdem os russos no mar e no ar, pelo menos sob o aspecto convencional, isto é, não levando em conta os projéteis balísticos e os foguetes. Apesar dos potentes MIG os seus componentes da Força Aérea Vermelha — Força Aérea do Exército, Força Aérea da Marinha, Força de Bombardeio de Longo Alcance, Força de Caça Interceptadora para Defesa, Força Aeroterrestre e Força Aérea Civil — perdem em mobilidade e volume para os Estados Unidos e, quiçá, para a Inglaterra, segundo o consenso unânime dos observadores. A Marinha, por sua vez, jamais se defrontou com grandes batalhas navais. Dispõe de número reduzido de grandes navios de superfície, em sua maioria velhos e obsoletos. É apenas melhor equipada de cruzadores do tipo Kirov, destróieres e alguns lança-torpedos.

Eis aí, enfim, em linhas gerais e até onde podem alcançar os olhos do observador ocidental, o quadro do poderio militar soviético neste período. No essencial, os fatos demonstram que não foi nem será tão cedo abandonado aquele princípio que encontramos encimando o manual de campanha do Exército Vermelho do ano de 1940: "As tropas precisam estar prontas a qualquer momento para travar batalha sob quaisquer condições: de dia, à noite, no verão ou no inverno, nas montanhas, nas florestas ou nos terrenos pantanosos"...



As vitórias inexpressivas contra os búlgaros não firmaram o cartaz do time brasileiro

A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS...

Nixon não pôde conservar o seu sorriso

AGITAÇÃO mais forte, lá fora. Na França, no Oriente Médio e em Portugal, na Venezuela e na Bolívia. Aqui, o dólar na sua marcha ascendente e assustadora, já havendo ultrapassado a casa dos 140.

DEPOIS de uma série de tentativas e, com a maior dificuldade, a França acabou escolhendo o *premier*, Pierre Pflimlin. Ao mesmo tempo, agravou-se a questão da Argélia, onde o Exército se revoltou, apontando como solução o nome do general De Gaulle. Aumentou a confusão, o governo sendo levado a medidas extremas, de emergência, no sentido de debelar a crise, que se mostra da maior gravidade.

EM CRISE, também, o governo da Venezuela, com a renúncia dos membros civis da Junta Governativa. Enquanto a Bolívia conseguiu sufocar uma rebelião em Santa Cruz.

AGITAÇÃO no Líbano, igualmente dominada pelo presidente Chamoun, que acusou francamente a República Árabe Unida e a Rússia. Abertamente, os Estados Unidos puseram-se ao lado do chefe libanês, enviando-lhe armas.

MOVIMENTA-SE Portugal, com vistas para as próximas eleições. O candidato da oposição, general Humberto Delgado, manifesta-se contra Salazar, a quem promete destituir do governo, se for eleito.

Choques no Pôrto e em Lisboa, entre a polícia e partidários de Delgado.

ENVIADA ao Congresso, pelo Presidente da República, a proposta orçamentária para 1959, com o "superavit" de 64 milhões!...

O DEPUTADO americano Hays levantou a voz, em protesto contra os gastos do general Rafael Trujillo, filho do ditador da República de São Domingos, o qual, além do esbanjamento de dinheiro, de uma forma notória, havia dado automóveis de custo elevado às atrizes do cinema, Zsa Zsa Gabor (que respondeu desaforadamente) e Kim Novak. Em Ciudad Trujillo, falou o Secretário de Estado das Forças Armadas, general José García, esclarecendo que o seu patrício recebia mensalmente, dos cofres oficiais a importância de 50 mil dólares, que poderia gastar como bem quisesse. Segundo as notícias telegráficas, o general García negou que Tio Sam houvesse, algum dia, enviado dinheiro em espécie à República Dominicana; acrescentando que o auxílio norte-americano tem consistido em escasso equipamento militar, enquanto o governo de Trujillo paga 45 mil dólares, por ano,

à missão naval dos Estados Unidos, cujos membros ainda não são beneficiados com franquia aduaneira e isenção de impostos.

PILOTADO pelo capitão Walter Irwin, sobrevoando o deserto da Califórnia, um avião a jato, do tipo "F-104-A", "Starfire", bateu o recorde mundial de velocidade ao atingir a média de 1404,19 milhas (quase 2260 quilômetros), com uma vantagem de cerca de 200 milhas em relação à marca anterior. Em determinados momentos, o avião do capitão Irwin chegou a mais de 1500 milhas por hora.

SOB O TÍTULO "Café amargo", o conhecido incorporador de imóveis, Santos Vahlis, mandou um dos seus habituais artigos de propaganda ao balcão do "Correio da Manhã". A direção do jornal, entretanto, considerando que os argumentos eram iguais aos dos seus editoriais, não cobrou a matéria como publicidade, incorporando-a em suas co-

lunas, onde foi buscá-lo o deputado monsenhor Arruda Câmara, para pedir a sua transcrição nos Anais do Congresso:

Durante 23 anos, isto é, de 1922 até 1945, o preço do café foi sempre o dobro do que o preço do açúcar. O açúcar, 100 cruzeiros a saca; o café, 200 cruzeiros. Já em fins de 1946 o café pulou para 547 cruzeiros, chegando em 1947 a 560 cruzeiros. Desde então o café não parou de subir.

Em 1950 o seu preço chegou a 1.218 cruzeiros, enquanto o açúcar atingiu a 170 cruzeiros. Em 5 anos o café aumentou 1.018 cruzeiros, e o açúcar 40 cruzeiros.

Continuou o café a subir, dando seu salto mais espetacular em 1957, quando passou a 3.300 cruzeiros. E o açúcar? Passou para 499,50 — exatamente esta quantia. A disparidade é inexplicável.

Por quê? A cultura da cana, dá colheita a partir de 18 meses, a do café aos cinco anos. Mas, em compensação, a cultura canavieira dura 3 anos, en-

não foi assim, em Caracas...



De Paris, antes da confusão

quanto que a do café dura, no mínimo, 25 anos, havendo casos, como em Minas e São Paulo, onde há cafézais de 100 anos, e no Paraná, de 70 anos de idade. Além disto, o café sofre apenas um beneficiamento, enquanto o açúcar é obrigado a passar por dois processos de industrialização.

Os implementos agrícolas para as duas culturas pagam o mesmo dólar. Ambas estão sujeitas a riscos e intempéries. A mão-de-obra se equivale. A disparidade dos preços, portanto, não se justifica.

Tanto mais difícil será esta explicação, se considerarmos que, para o açúcar, o governo limita-se a fixar teto de 499,50 cruzeiros, entregando-o à sua própria sorte, enquanto para o café, além de fixar preços altamente compensadores (3.300 cruzeiros), ele, governo, garante pelo I.B.C. a compra da produção.

A política interna de preços altos, transferida para a área do nosso comércio exterior, acabou determinando a perda do controle do mercado mundial do café, que estava em nossas mãos.

Estimulando nossos concorrentes, nós que detínhamos 80% do mercado internacional do café, estamos hoje com apenas 47%, e ameaçados de termos o mesmo fim da borracha.

Precisamos recuperar imediatamente a nossa posição antiga do país-líder do mercado internacional do café. Como?

Demonstramos que açúcar e café são culturas que, do ponto de vista do custo interno, se equivalem. Por que, pois, internamente, uma vale 3.300 cruzeiros e a outra, apenas 499,50 cruzeiros.

Esta disparidade evidentiíssima é a causa de nossa expulsão do mercado internacional.

Cruz de madeira, marcando um afogamento no asfalto de Copacabana!...



Como os produtores de café sabem, o muito que o governo ganha com o confisco cambial, eles, por sua vez, a título de compensação, exigem os preços internos que já conhecemos.

Por isso, enquanto o povo paga 13 cruzeiros por um quilo de açúcar refinado, que é considerado o melhor do mundo, é obrigado a pagar 66 cruzeiros por um quilo de café tipo Rio, pois, o de qualidade superior custa mesmo 87 cruzeiros o quilo.

A crise em que hoje se debate o país, é o resultado do "café amargo" — café sete vezes mais caro que o açúcar.

"O BRASIL tem jogadores que estão em condições de formar um conjunto dificilmente superado. Pois dentro da concepção moderna do futebol, que é a da velocidade, implicando também em simplicidade, pode aparecer com brilhantismo. Habilidade no domínio da bola e inspiração própria, eis duas outras qualidades do jogador brasileiro".

Quem falou assim, à RS, foi don Fleitas Solich.

GRANDE SUCESSO, o da apresentação de "Jornada de um longo dia para dentro da noite", original póstumo de Eugene O'Neill, pôsto em cena no Dulcina pelo Teatro Cacilda Becker. Um espetáculo sério, digno, sem concessões, que bem traduz a intenção desse novo grupo de trabalhar em favor dos nossos palcos.

OS AMANTES da ópera não de lembrar o nome de Bianca Candioli, soprano que se tornou famoso nos anos da década de 1930. Ultimamente, Bianca estava doente, do sistema nervoso, havendo sido internada em uma clínica de Roma, da qual tivera alta há cerca de um mês. Agora, porém, depois de haver trancado a empregada na cozinha, subiu à janela do seu apartamento, num quinto andar, e de lá atirou-se à rua, morrendo instantaneamente.

FRACOS os programas da semana, no hipódromo da Gávea, com dois clássicos para potros da nova geração, marcando as vitórias pouco expressivas de Clarelira e Claustro, ambos do Haras Varagem Alegre.

A nota mais curiosa foi dada num páreo comum do sábado, com o fracasso do grande favorito Richmond, numa atuação suspeita do jóquei José Portilho, ruidosamente vaiado de todas as tribunas do Prado.

EMBARCOU para a Europa o dr. Paulo Bittencourt. A sua esposa, sra. Nio-mar Moniz Sodré, não pôde acompanhá-lo, presa que está à frente das ativida-



De Paris, antes da confusão que 1958: a atriz Sandrine, de 18 anos para um grupo, em Montmartre.

des do Museu de Arte Moderna que, entre outras coisas, prepara o seu Grande Festival de Cinema para iniciar-se em junho.

DE UBERABA, vem a notícia de um fotógrafo, que começou a trabalhar a serviço de um candidato às futuras eleições. Profissional competente e amigo dedicado, foi ganhando projeção na cidade, todos (as jovens, principalmente) querendo ser fotografadas por ele. Resultado: tamanha se tornou a sua popularidade que ele resolveu trabalhar para si mesmo, ele próprio transformando-se em candidato, depois de romper o contrato com o antigo amigo!

DEPOIS de terem fracassado no Maracanã, os paraguaios endureceram no Pacaembu e soltaram o pé com vontade, deixando marcas em Didi e Zagalo e não se inferiorizando no marcador. Parece que a rapaziada guarani gostou do resultado e resolveu manter o entusias-



ora se verifica, tivemos a «Musa dos Poetas» de idade, que, depois de escolhida, declama



A bela e famosa estrela Yvonne Ménard, que, por motivos ainda desconhecidos, tentou suicidar-se mas foi socorrida a tempo, ficando fora de perigo.

mo: no treino, entre eles, em Poços de Caldas, o zagueiro Lascano acertou o atacante Bendoya, mandando-o do campo para o hospital, com a perna quebrada.

EIS COMO o conhecido médico, professor Antônio Araújo Vilela, diretor do Departamento de Cardiologia da Policlínica do Rio de Janeiro, refere-se aos perigos e cuidados quanto à caça submarina:

“Sendo a caça submarina um esporte que, atualmente atrai cada vez maior número de adeptos, julgamos de conveniência a divulgação de certos conhecimentos, que tornam praticamente sem risco a prática daquele esporte.

Vivemos, como se estivéssemos no fundo de um oceano composto de “ar”. Nosso corpo suporta ao nível do mar uma certa pressão deste ar, que é da ordem de 1kg por centímetro quadrado (1Kg/cm²). Se subirmos uma montanha, a pressão decresce lentamente à

medida que subimos: assim, por exemplo, a 5.000 metros de altitude a pressão do ar sobre nosso corpo cai à metade daquele do nível do mar, isto é, ½ Kg/cm².

Debaixo d’água, ao contrário, a pressão a 10 metros abaixo do nível do mar é igual ao dobro (2 Kg/cm²) da pressão ao nível do mar. Praticamente, poderemos dizer que a pressão aumenta progressivamente 1 Kg/cm² por cada 10 metros a mais de profundidade do mergulho.

E’ claro que há pequenas variações: assim, a água doce é um pouco mais leve que a água do mar, e além disso, deve-se levar em conta a influência da temperatura.

Um dos principais problemas no mergulho, é o ajustamento do corpo do mergulhador ao aumento da pressão atmosférica, acrescida do peso d’água. Em sua maior parte, os tecidos e órgãos de nosso corpo são incompressíveis. Aquêles que contêm ar, entretanto

como os pulmões, ouvido médio e selos da face, irão sofrer os efeitos da compressão. Assim, se estivermos a 1 metro de profundidade, não poderemos expandir nossos pulmões por intermédio de um tubo que venha até à superfície — isto devido à grande pressão exercida pelo peso do ar e da água sobre a superfície de nosso tórax, impedindo-o de expandir-se. Se o mergulhador desce mais, a compressão exterior aumenta gradativamente, determinando que os alvéolos sejam invadidos pelo sangue e líquidos do tecido pulmonar, causando lesões sérias do pulmão e morte.

O recorde atual de profundidade de mergulho é de cerca de 80 metros (com escafandro autônomo). Mesmo levando dispositivos com ar comprimido, que compensem a pressão da descida náutica, o organismo humano deve adaptar-se na descida, para evitar a compressão do ar ao nível dos selos da face, e espaços aéreos do ouvido médio. Normalmente, a pressão atmosférica é mantida

A polícia cobre-se de ridículo



Culpado? Farsante?

ao nível do tímpano pela coluna de ar que chega pelo conduto que parte da garganta (Trompa de Eustáquio). Se a pressão exercida de fora para dentro sobre o tímpano não for compensada, este pode romper-se — Esta noção é importante, porquanto se houver uma inflamação da trompa por resfriado ou processo alérgico, o mecanismo de compensação não pode ser pôsto em jogo e poderão assim resultar lesões sérias do ouvido médio e ruptura do tímpano.

Igualmente é desaconselhável usar qualquer tampão para dentro do ouvido, do mesmo modo que o aumento da pressão durante a deglutição, de dentro para fora, pela trompa, não pode ser igualado pelo ar que fica entre o tímpano e o tampão, logo o resultado será — ruptura do tímpano.

Havendo qualquer processo inflamatório dos seios da face, deve ser evitado este esporte, devido à possibilidade de complicações, dando como resultado sinusites rebeldes.

1.º) — Com os aparelhos que contêm oxigênio puro — O perigo ocorre quando o mergulhador atinge profundidades maiores, a cerca de 30 metros, quando o oxigênio respirado a uma pressão de 3 atmosferas, além de saturar a hemoglobina ao nível dos alvéolos, passa também a existir dissolvido no sangue, disto resultando o *envenenamento pelo oxigênio*. Os sintomas serão náuseas, tonteiras, câlbras musculares e mesmo inconsciência. Assim, diremos que "Abaixo de 10 metros de profundidade, não se deve usar aparelhos de oxigênio puro".

2.º) — *Intoxicação pelo gás Carbônico* — Esta intoxicação pode sobrevir em consequência de mau funcionamento do sistema de absorção do CO_2 , nos apare-

lhos de recirculação: — o caso se complica mais quando o mergulhador está em maior profundidade, quando a percentagem do CO_2 aumenta muito — Acima d'água, 1% de CO_2 é bem tolerado. A 0 metros abaixo d'água esta mesma percentagem sobe a 3% devido ao aumento da pressão parcial do gás. Esta concentração já é suficiente para aumentar o número de respirações. Quando a concentração subir a 6%, sobrevém, afogamento da face, dipneia, dor de cabeça, fadiga. A 10%, teremos logo inconsciência e eventualmente, morte.

3.º) — *Intoxicação pelo azoto* — O aumento progressivo da pressão, em relação com a profundidade, faz com que o inofensivo azoto do ar que respiramos, tenha um efeito no nosso processo mental, semelhante ao da intoxicação alcoólica. Os mergulhadores descevem a sensação como de euforia, na qual quase desaparece o instinto de autopreservação. Esta narcose nitrogênica tem um efeito que varia com os diferentes povos. A profundidade na qual tais efeitos sobrevêm, varia para cada indivíduo, uns a experimentando a 30 metros de profundidade.

Ultimamente os aparelhos com *Oxigênio-Hélio*, permitem aos mergulhadores descenderem a profundidades maiores, isto porque o Hélio, em contraste com o Azoto, não produz estes efeitos, aparentemente devido a menor solubilidade do Hélio no sangue.

4.º) — *Embolias Gasosas* — Podem produzir-se durante a ascensão para a superfície, se o mergulhador a fizer muito rápido, e retendo sua respiração. Este acidente é mais comum quando o mergulhador demora-se várias horas dentro d'água em certa profundidade. Para estes casos, torna-se necessário processo especial de descompressão.

5.º) — Os gases dos intestinos podem se dilatar, trazendo cólicas. O mesmo se pode dar com os gases do tórax, provocando neste caso um *pneumotórax espontâneo*. Neste caso, o ar dos pulmões entra no espaço virtual entre as pleuras e teremos então uma sintomatologia de dispnéia mais ou menos intensa, e dor torácica. Torna-se então necessário que o mergulhador saia imediatamente da água para se fazer o tratamento respectivo.

6.º) — Provavelmente, a causa mais comum de acidente entre mergulhadores é o afogamento. Este ocorre quando falta ao mergulhador o preparo exigido para o esporte, isto é: ser bom nadador e conhecedor dos efeitos oceânicos, como sejam, as correntes marítimas, ação das ondas quando violentas, etc. — Nenhum mergulho deve ser feito quando a pessoa estiver fatigada, ou logo após copiosas refeições. Se a água estiver fria, o corpo deve ser imerso gradativamente, a fim de evitar sérios choques alérgicos ao frio. A literatura médica cita vários casos de morte devida a este tipo de choque, desencadeado pela temperatura fria da água, quando de uma imersão rápida, como por exemplo por pulo ou salto de altura. — Outra boa regra é a de não mergulhar só, ou mesmo longe do grupo com o qual está fazendo o esporte. — Todo mergulhador deve saber as técnicas de salva-vidas, isto é, saber fazer respiração artificial, etc.

Resumindo, poderemos dizer que: durante a prática do mergulho, existe uma sobrecarga leve para o coração e os pulmões. Quando o mergulhador faz a inspiração forçada, ele provoca maior entrada de sangue no coração, e dêste para os pulmões.

E' sabido que ninguém resiste mais alguns segundos à permanência em ex-

Kim Novak declarou que iria devolver o carro emprestado pelo general Trujillo, de quem continua amiguinha, entretanto.



A defesa de Brizzola foi o contra-ataque

piração forçada; isto porque durante a expiração forçada, o sangue entra com dificuldade no coração, que ficará batendo sem sangue. A pequena sobrecarga sobre o coração e pulmões é bem tolerada pelos indivíduos normais em bom estado de saúde — Quem quiser dedicar-se a este esporte, deve submeter-se a um exame médico, assim como um treino adequado à boa prática do esporte.

1.º) — Os que são portadores de doenças pulmonares aguda ou crônica; bronquites aguda ou crônica; enfizema pulmonar, indivíduos sujeitos a crises fáceis de asma.

2.º) Os portadores de resfriados, sinusites agudas ou crônicas.

3.º) Portadores de infecções crônicas dos ouvidos, ou com tímpano perfurado.

4.º) Portadores de cardiopatias ou distúrbios circulatórios periféricos sérios.

5.º) Após a ingestão de álcool, o qual modifica a coordenação mental e a rapidez dos reflexos.

SOB A DIREÇÃO de Olímpio Guilherme, começou a circular o Serviço de Imprensa INTER, "o embrião de um futuro semanário de cultura geral, a cujo lançamento precede para lhe poder consolidar a estrutura técnica e lhe garantir a necessária estabilidade econômica".

QUANDO O RIO de Janeiro abriga uma conferência de chefes de polícia, o Departamento Federal de Segurança Pública cobre-se de ridículo, mais uma vez, ao voltar à tona a questão do rapto do garoto Sérgio, em Copacabana, com a notícia de que se descobrira o sequestrador, graças à atividade de um detetive particular. Entretanto, o acusado, o contador Julio Mota de Carvalho, depois de haver confessado a sua responsabilidade no caso, procurou a Imprensa, dizendo-se: "Intercedam junto à imprensa no sentido de ser-me dada liberdade imediata, estou coagido desde minha prisão. Eles têm medo das minhas declarações para vocês. Sou obrigado a dizer o que querem, as perguntas que respondi ao general Amauri foram estudadas anteriormente".

OUTRO DRAMA na cidade: o médico Nilton Pereira da Silva suicidou-se, após ser condenado pelo Júri.

ESTUDANTES da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito percorreram a cidade, fazendo autêntico carnaval: entre as críticas, destacaram-se as feitas ao ministro da Fazenda.

O TIME BRASILEIRO de futebol, treinando para o campeonato do mundo, continua sujeito a uma série de ex-

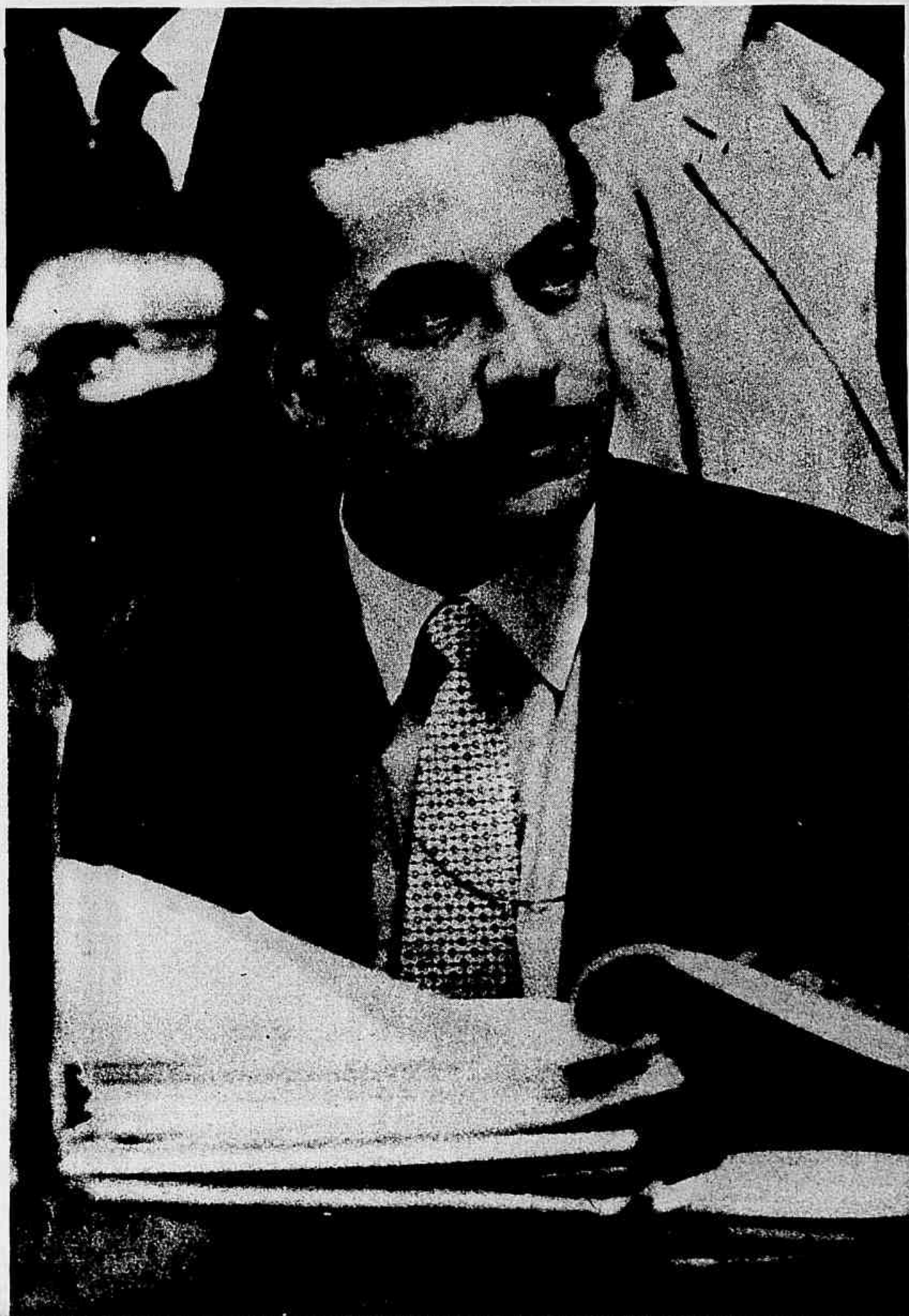
periências, não convencendo os aficionados, apesar de haver vencido sem dificuldade uma seleção búlgara que nos visitou.

DE ANO para ano, vai passando cada vez mais despercebido o 13 de maio, esquecendo-se suas figuras mais representativas. Por isso mesmo, para aqui queremos trazer a palavra de M. Paulo Filho sobre "A Redentora":

Desde o fim da grande guerra no Paraguai que a princesa Isabel via com mais clareza do que os conselheiros da Coroa os problemas ligados à segurança e a continuação da Monarquia. Apesar da idade, jovem ainda, tinha a intuição mais ou menos exata do destino do Segundo Reinado. Assim foi que tudo fez para que o Conde d'Eu não se dirigisse para os campos da luta contra o inimigo, luta que, praticamente, já estava

acabada desde que o Duque de Caxias regressara à Corte. Sua Alteza mostrava-se atenta aos acontecimentos. Bem sabia que isso do marido, à última hora, desejar seguir para combater os restos desorganizados e escoraçados das tropas de Solano Lopez não passava de manobras de alguns amigos do príncipe ou de seus correligionários liberais, interessados em lisonjear-lhe a vaidade militar na inatividade. Preocupava-a o ridículo em que ele viria a cair, quando se dissesse, que não tendo comparecido na fase do perigo, nem se exposto aos riscos de ser morto ou encarcerado, se apresentava quando nada mais havia a fazer. A chamada *Campanha das Cordilheiras* era, afinal, um pretexto que a justiça da História repeliria e o ceticismo dos contemporâneos tomaria como assunto de motejo e desrespeito. Em verdade, o comando do neto do rei Luiz Felipe nada teve de extraordinário.

Menos queimado do que se esperava



Estudantes cariocas fazem carnaval em maio

rio. Mataram a Lopez numa caçada desigual. E sem embargo do feroz opressor de um povo heróico não se render e sucumbir com as armas na mão, os vencedores foram para Assunção e lá obrigaram os vencidos a declarar que o *Mariscal* morrera como traidor à Pátria!

A princesa, herdeira presuntiva do trono, acabrunhava-se. E com razão.

As consequências da Questão Militar não lhe escapavam. Eram constantes as suas desinteligências com o barão de Cotegipe e o conselheiro Alfredo Chaves. A idéia de se transformar o Exér-

cito em *capitão de mato* para apanhar escravos foragidos nunca lhe sorriu. Deu de sua repulsa mais de um testemunho. Tanto quanto o de seu desgosto pelos avisos de censura ou atos de punição aos oficiais acusados de indisciplina por virem de público envolver-se em discussões políticas. A hipótese da Abolição, sem as condições ou restrições das leis anteriores, deveria ter-lhe parecido a salvação do regime imperial. No mínimo, o seu prolongamento. Não ignorava ela que desde 1871 a escravidão estava condenada à extinção. O que

os políticos faziam era contemporizar. A futura Redentora teve muito mais coragem e decisão. Quando forçou a demissão do Gabinete Cotegipe — fim de 1887 e começo de 1888 — não ocultava os seus designios. A posição internacional do Papa Leão XIII, depois do apêlo tão sincero quanto comovido de Joaquim Nabuco, tocava fundo o seu coração de católica, apostólica romana e praticante. Mas não foi essa a circunstância que a fez desencadear os acontecimentos. Foi, antes, a tranqüilidade da sua Regência e a segurança do seu futuro Reinado. No momento, ninguém mais lhe inspirou confiança do que João Alfredo. A dissidência conservadora, pela princesa estimulada, daria solução ao mais grave dos problemas do momento. Mais calculada do que o próprio estadista pernambucano, a este, que lhe perguntara se o elemento servil também precipitara a crise ministerial, respondeu que sim.

— A opinião, teria acrescentado, está muito adiantada.

A opinião, de quem? Só podia ser a popular. Os militares recusavam-se a pegar escravos foragidos. E cada vez mais crescia o êxodo dos cativos. Só em São Paulo, dez ou doze mil desceram do Cubatão. Em Pernambuco e no Ceará as autoridades civis recusavam-se a perseguir os fugitivos e fechavam os olhos aos que os acoitavam. Os fazendeiros, meio desanimados, preferiram ir alforriando os seus negros, receosos do mal maior que seria o abandono repentino do trabalho. Ruy Barbosa, na Bahia, logo compreendeu e declarou que a Regência, paradoxalmente, golpeava o mais monarquista e reacionário dos partidos da Coroa para se salvar, salvando as instituições.

Mas a prova mais convincente de que a princesa não se enganava está nos seus derradeiros manuscritos trazidos de Cantes, sob nº 9413, março CCVII — Arquivo da Casa Imperial, no Museu de Petrópolis, cópia de Guilherme Auler. Se o Gabinete Ouro Preto, em vez de chamar o Imperador, o tivesse aconselhado a permanecer na referida cidade, ou, melhor, a seguir para o interior, as coisas teriam sido outras. O mal, porém, é que o presidente do Conselho e os ministros da Guerra, da Marinha e da Justiça pouco sabiam. Para Sua Alteza foi a conclusão dos fatos. Mais ainda: fôra um erro ter o Imperador descido de Petrópolis e, por sugestão de Ouro Preto, resolvido entregar o governo a Silveira Martins, ausente, em viagem do Rio Grande do Sul para a Côrte, não se ignorando que o grande tribuno era inimigo pessoal de Deodoro, o chefe da Revolução. Contramarchou-se tarde. Houve quem lembrasse que se devia dar a

Medicina



incumbência a Saraiva, que estava mais à mão. Saraiva aceitou. Entretanto, não procurou logo a Deodoro. Por alvitre de Andrade Figueira, manda o genro dêste, o tenente Trompowski, que levou ao general uma carta de cujo teor não se teve conhecimento. Ora, a conspiração era militar e militar era a sedição. Puro movimento de classe, à qual pertencia o jovem emissário. Já de madrugada, Trompowski, grato às atenções com que fôra recebido, voltava com a notícia desoladora. Nada feito. Deodoro considerava-se o presidente da República.

A previsão de Isabel, a Redentora, foi admirável. Tinha a certeza de que os políticos, uns por ignorância, outros por ingenuidade ou má fé, enterravam o Império. Floriano, pessoa de absoluta confiança de D. Pedro II e de Ouro Preto, deixou o trono cair para não atirar contra os revolucionários diante do quartel-general, alegando que eram irmãos e brasileiros, como êle. Mas, pouco mais de dois anos depois, para não largar o poder, resistiu a uma violenta insurreição em terra e no mar, fazendo metralhar numerosos brasileiros.

DEPOIS de uns dias mais quentes, a temperatura baixara e as chuvas chegaram, dando um pouco de alegria ao carioca: ficava sem a praia, mas já não iria suar tanto e cansar-se mais rapidamente; não teria o prazer de roupas mais leves, mas ganhava a esperança de ter água correndo das torneiras.

Em meio à alegria geral, dona Aláide também se sentiu contente e, logo pela manhã, deixou a filhinha no berço e saiu para ir buscar pão e leite, que já trazia de volta para casa.

Mas dona Aláide — uma pobre moça de 19 anos — esqueceu-se de que estava nesta nossa cidade de São Sebastião, onde tudo de mal pode acontecer à sua gente, a qualquer hora do dia e da noite! Morreu afogada!...

Sim, que dona Aláide não sabia nadar. E, por isso mesmo, aliás, nunca se deu à imprudência de enfrentar as ondas ou mesmo se dar ao prazer de um banho de rio ou ao luxo do mergulho em uma piscina. Foi involuntariamente que ela se viu tragada pelas águas que haviam enchido um buraco no asfalto e estavam à sua espera sem qualquer brado de alerta.

Dona Aláide caiu, não pôde ser socorrida e morreu. Afogada no asfalto de Copacabana!

Depois da sua morte, populares armaram uma cruz de madeira. E os responsáveis pela sua morte resolveram



Direito

levantar uma cerca, impedindo a passagem pelo local.

AINDA SOBRE caça submarina, eis um brado de alerta, do maior interesse, que nos faz João Grande, a propósito da "concha que mata":

Meu jantar é interrompido pelo tilintar do telefone; o dr. Maury Pinto de Oliveira deseja falar comigo. Levanto-me para atender e vou tratando de refrescar a memória. Quem será êsse dr. Maury? Não, não é esquecimento; não o conheço mesmo. Veremos de que se trata. Nem de longe podia imaginar a originalidade do assunto da palestra que iríamos entabular.

— O sr. não me conhece. Sou o dr.

Maury Pinto de Oliveira e minha especialidade é organização hospitalar.

— Sim!

— Em minhas horas de folga dedico-me porém à malacologia.

Malocologia?

— Sim, malacologia, isto é, ao estudo das conchas.

Daí por diante, já esquecida a sopa que deixara à meio no prato, fui ouvindo revelações para mim inteiramente novas. O dr. Maury foi falando e eu escutando atentamente. É êle dêsse tipo de pessoa que quando se entrega a uma tarefa penetra profundamente aos mínimos detalhes da mesma. Dê uma paciência e tenacidade espantosas apaixonou-

De Paris, agora...



Últimas fotografias recebidas de Paris: o premier Pierre Pflimlin em entrevista coletiva defendendo a necessidade de leis de emergência para fazer face à situação: choques.



Na rua, entre populares e policiais, o general De Gaulle saindo de Colombey-Varanville.

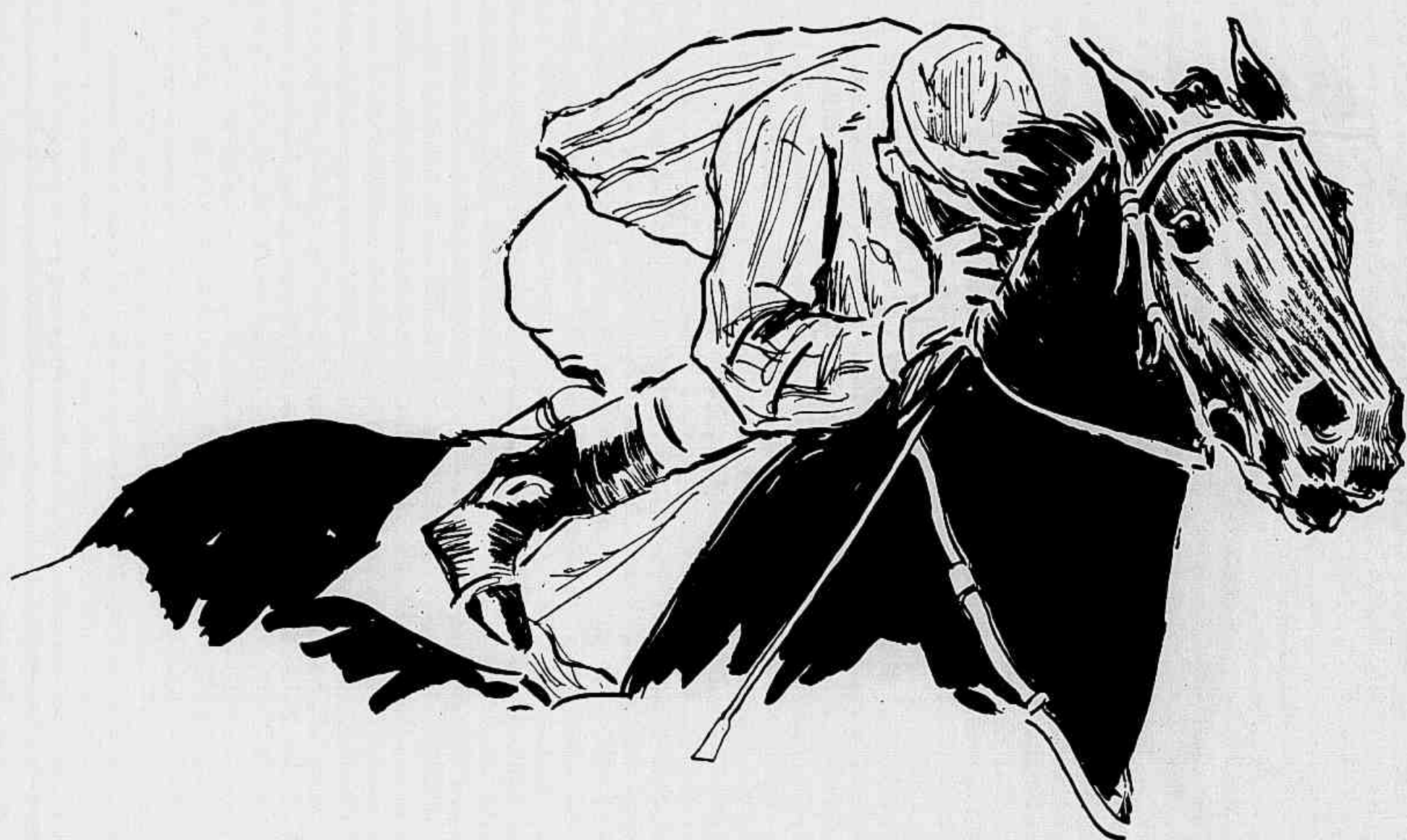


se pelas conchas e lançou-se a estudá-las e colecioná-las com todo o entusiasmo possuindo hoje uma coleção inteiramente catalogada e classificada que se eleva a várias centenas. Dela fazem parte exemplares raros e valiosos alguns vindos de longínquos países, pois o dr. Maury mantém intenso intercâmbio internacional. Contou-me ainda sobre a numerosa biblioteca que possui sobre conchas dizendo de passagem que certa vez recebeu da Califórnia uma relação de livros sobre o assunto que atingia ao número de 1.800 obras. Outra informação curiosa se refere à uma concha muito bela e raríssima encontrada este ano em Honolulu e que vale a bagatela de 2.500 dólares.

Todo sábado e domingo o dr. Maury vai à procura de conchas sendo seu principal setor de ação a praia Itaipuassu onde há pouco tempo ele encontrou uma pertencente a um grupo de conchas altamente venenosas. Este grupo se refere ao gênero *Conus* cuja denominação está ligada à forma cônica da concha. É bem verdade que não foi possível verificar a toxicidade do exemplar encontrado no nosso litoral. Todavia várias espécies do gênero *Conus* (*C. geographus*, *C. marmoreus*, *C. aulicus*, etc.) têm sido responsáveis por vários casos de morte, ocorrendo em menos de duas horas, em pessoas desavisadas que atraídas pela beleza das conchas as apanham sem saberem como evitar o veneno das mesmas. O molusco dono da concha que mata possui na cabeça uma espécie de agulha com a qual é introduzido o veneno no incauto que o toca. Por isso quando se deseja apanhar um desses animais vivos é necessário ter-se todo o cuidado evitando o contato com o molusco para o que se deve procurar pegar na concha em pontos bem distante da abertura da mesma. Aqui fica esta advertência aos caçadores submarinos que pretendam colecionar conchas porventura encontradas em seus mergulhos. Cuidado com a concha aparentemente inofensiva, que mata.

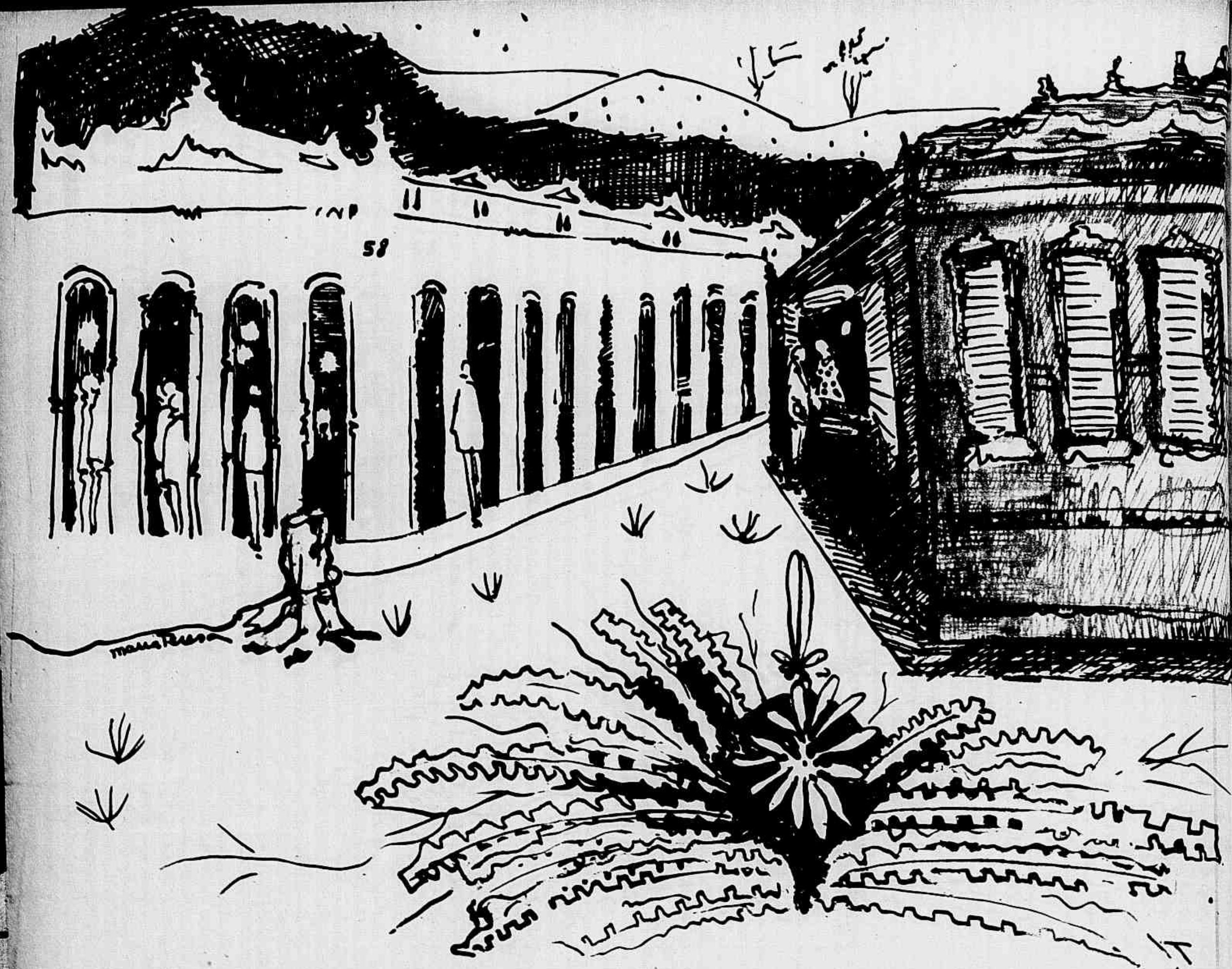
O PREFEITO de Porto Alegre, Leonel Brizola, compareceu à comissão de inquérito da Câmara dos Deputados a fim de defender-se de acusações formuladas contra a sua administração. Mostrou-se muito mais calmo do que se esperava, apesar de haver usado recursos de contra-ataque.

GRANDE PRÊMIO
Cruzeiro do Sul
2.^a Prova da Tríplice Coroa



1.^o de Junho 1958
Cr. \$ 1.400.000.00 ao vencedor
Jockey Club Brasileiro

Evstein



CONTO

FLOR DE SAMAMBAIA

ANTÔNIO ARAÚJO

HÁ MUITO QUE eu penso, mas hoje eu digo: felicidade neste mundo não existe não. Me alembro de um rapaz que veio aqui faz muito tempo. Rapaz altaneiro de conversador sem ter medo de dizer coisa. Explicou alto, com jeito de professor:

— Deus só deixa a gente ver a felicidade de longe. Mas não deixa ninguém ser feliz de todo. Não é ruindade, não. Se êle deixasse a gente ser feliz aqui na terra, não precisava de céu.

Sou matreiro com homem conversador, mas botei tino no dito do rapaz. Muitos dias fiquei remoendo pensamento que nem vaca remoendo capim. Mas assunta ser verdade: a gente não é feliz neste mundo só para querer o céu. Então a gente procura só fazer coisa certa e fica pedindo a Deus pra ir pro céu depois de encoivarado no cemitério.

A pois vou dizer: Dina foi embora, se sumiu e me disseram que sofre demais. Boto pensamento no rapaz outra

vez e digo que ele está certo. Se eu tivesse me casado com Dina, não queria mais céu.

Já era tempo de me esquecer disto. Mas não esqueço não. Não esqueço, porque não quero. Até gosto de ficar me lembrando das coisas de muito passado. Meu finado avô é que dizia, balançando a cabeça:

— É, sim. As coisas ruins ficam boas depois de muito tempo passado.

Boto tenção e acho que é deveras. É ou não é? É, uai. Veja: lembrar coisa velha dá uma saudade boa cá dentro. É que nem mel de jataí em ôco de cabiúna: azêdo, mas gostoso.

Me sento aqui e fico pensando, imaginando... Converso cá dentro, com voz de recordação, como se tivesse contando um caso pra pessoa de muita atenção.

A casa é aquela mesmo. Justo como está vendo. Um casarão danado de grande. Uma babilônia de casa. Pode contar as portas: de um lado 16, do outro só 8. Casa de esquina, de jeito pra botar venda de negócio. Se não estou mentindo, nunca me alembro de ter visto ela fechada, sem um negócio qualquer. De dono mudou muitas vezes. Vem um e abre um negócio, ganha dinheiro e se muda pra cidade.

Eu era rapaz-menino que andava umas três léguas por causa de um arrasta-pé onde tivesse meia dúzia de cabrochas dengosas.

Dina morava ali diante da casa da venda. De dia eu passava lá na porta tôda hora. Só pra ver se via aquela carinha na janela, com aquêlê olhar fininho de quem é carinhoso de muita bondade e beleza.

De tarde me escorava aqui num tôco que foi fincado pra se amarrar cavalo. Escorava e ficava vendo Dina andando fazendo vaivém com Lurdinha, prima dela. Passava diante da gente e às vezes me machucava com um olhar grande e de muito calor. Quando ela vinha lá adiante, eu ficava olhando com olhar de pecado. Ela tinha um vestido amarelo que nem flor de algodão. Apertadinho no corpo. Quando ela andava o vestido deixava a gente ver as marcas das coxas. Pois é. Andava graciosa como codorna espantada em chão de capim baixo. Não me avexo de dizer isto tudo não. Não me avexo porque eu só pensava coisa que ela havia de ir muito gostar. — Coisa de muito amor.

Meu pai me via daquele jeito e falava, se mostrando duro: — Tonho. Você precisa dar um jeito na vida. Se arrumar, meu filho.

Eu arresponidia com voz séria, mas com cara de brincadeira, pôsto que com muito respeito:

— Meu pai estou esperando é que a vida dê um jeito em mim.

Pai virava a cara para um lado, com um sorriso de banda, de certo se lembrando das besteiras de gente nova.

VOLTO no dito falado de repente e digo sem acanhamento: felicidade existe, sim. Mas só lambisco. Existe que nem flor de samambaia. Que não existe flor de samambaia? Não sei, não vi. Digo de ouvir falar que existe. Muitos velhos de respeito me disseram. Se nunca ouviu falar, eu digo logo pra não ter suspeita de invenção. Samambaia só nasce em grotas, que é lugar molhado de bão pra ela vicejar. Apois ela só dá flor uma vez no ano. E é na sexta-feira da paixão. Diz que é o dia acertado pra se fazer contrato com o diabo, com o cão. Pelas voltas da meia-noite a gente vai para as grotas onde tem um pé de samambaia maior de todos. É o rei delas. A gente espera. Aí chega bicho de tôdas as qualidades e feitio. Tudo vem brigar e lutar querendo pegar a tal de flor, que é de ser roxinha que nem a carne muito apessoadada de Nosso Senhor. Diz que tem qualidades para tudo. Quase na hora exata da meia-noite chega o cão, o tinhoso. A samambaia então começa a soltar a flor. Todos os bichos ficam com muita ânsia, se mexendo de vontade de pular nela e comer aquela côr bonita. Na hora exata da meia-noite é que a flor acaba de se abrir e então o diabo pisca o olho e é justo o tempo de se pegar a flor. Quando ele abre o olho de novo, ela, se não foi agarrada, some e desaparece. Quem pega a flor se torna compadre do dito cão. Então eu digo: é por isso que a

gente vê tanto bicho que não morre de bala de caçador. Não adianta dar tiro que não morre. A pois foi bicho que pegou esta flor, que tem também as feitiçarias de botar a gente com o corpo fechado pra aço de tôda espécie.

Felicidade também existe assim. Um naquinho de tempo de nada.

Pois não é que eu me sentia de momento feliz quando me escorava no balcão lá da venda, naquele casaréu, que fazia no tempo parte dos pertences do Isé Elias. Me sentia com gosto porque Dina se debruçava na janela da casa dela e me botava os olhos com candura de algum querer.

Sô Pedro, velho pai dela, não era contra não. Me tratava com respeito como se eu já fôsse homem feito.

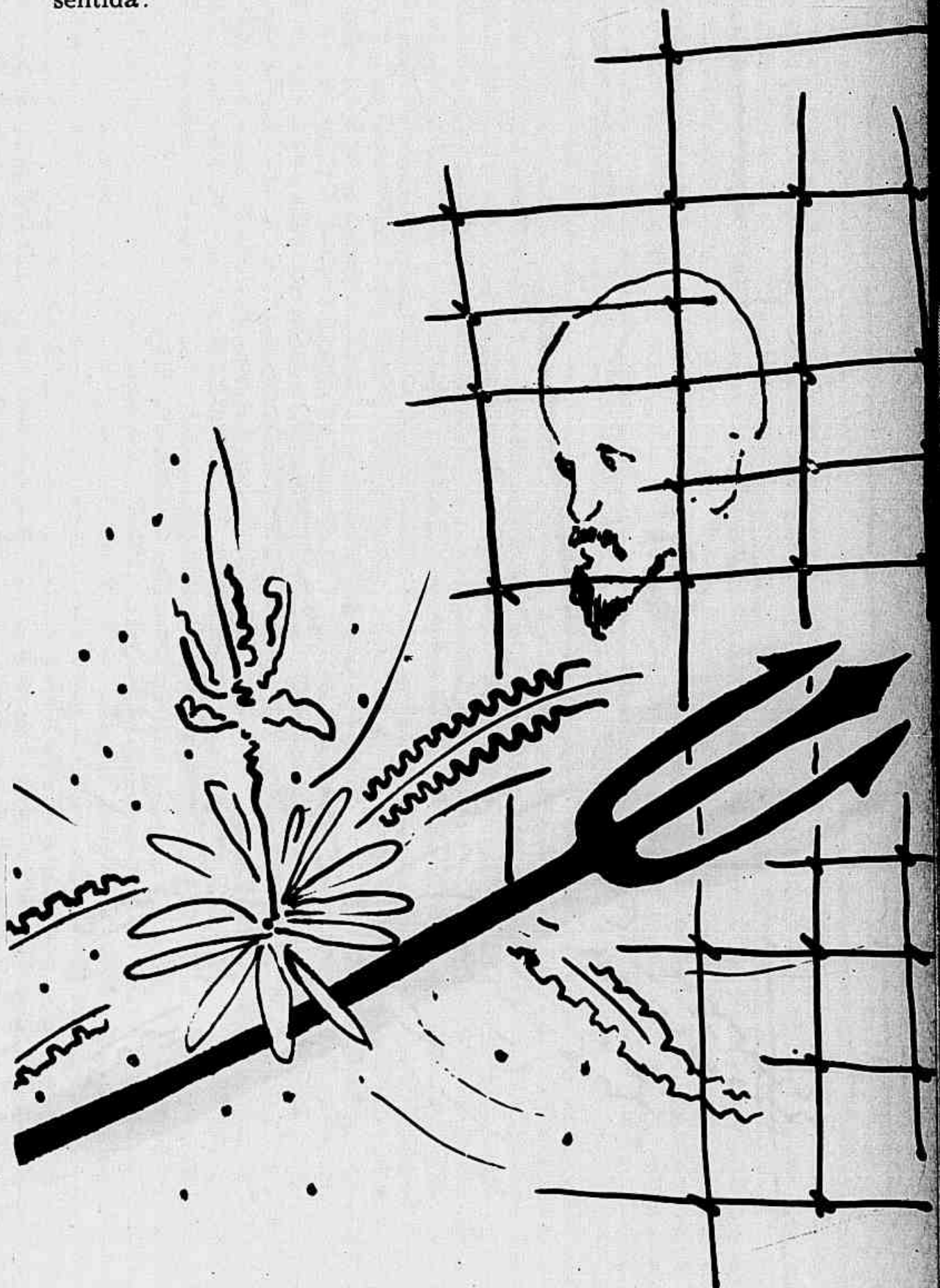
Dina botava um pano na cabeça e ficava varrendo a sala da casa dela. Se demorava muito demais num serviçozinho de se fazer de um arranco. Me orgulhava de pensar que era por minhas causas.

Me entristeço agora de falar de coisas que me amargam cá dentro, num arrôcho ruim de arrependimento.

Pois é. A gente estava de se firmar compromisso certo quando o tal de Roberto chegou. Moço de cidade. Veio por vias de passear numas férias. Rapaz vistoso de bem vestido com roupa de alfaiate e de gravata que nem doutor. Tinha assim a cara vermelha demais e os olhos eram pequeninos como de quem bebe muita cachaça. Mas não bebia não, que eu vi.

Chegou e se pendeu logo pro lado de Dina. Com o coração batendo de raiva foi que eu vi o olhar dela se encontrar com o dêle por tempo demorado de grande.

Dina começou a aparecer todo dia com vestido de dia de festa. Eu ficava roxo calado de muito ciúme e tristeza sentida.



Veja que sofreguidão: de tarde o rapaz botava conversação com ela lá mesmo na porta e nas vistas do velho Pedro. Este não dizia nada e até se entristecia.

Era num tempo de festa, com têço e leilão. Me alembro do santo que era S. Sebastião. Festa animada. Deram de renda pro santo um ramo cheinho de flor. Foi Samaria quem deu. Certo foi pra não dar peste nas plantas dela de muito carinho. O tal moço botou logo um lance bem alto e grande, espantando todo mundo com tal despropósito de dinheiro numas florzinhas daquelas. E disse com voz gritada:

— É pra moça mais bonita daqui levar.

E botava a insultar agente:

— Faz vacã, negrada. Porque ela leva mesmo.

Dizia e botava um olhar de fome em cima de Dina. Ficou com as flores e disse pro leiloeiro:

— Entrega para a Dina, pois que ela é a mais bonita.

Senti um friozinho enjoado subir pelas pernas. Sem eu querer minha mão subiu no cabo de minha faquinha e ficou acarinhando o cabo dela que nem vaca lambendo a tábua do pescoço de bezerrinho novo. Me afroxei de muito pensar. Cheguei cá na venda e derrubei uma garrafa de cachaça cá pra dentro. Velho Pedro, pai dela, bateu a mão no meu ombro e me disse sincero:

— Não estou gostando daquilo não.

Não disse mais coisa. Se emburrou.

Em coisa de amor perdido um homem se mostra arredo, fazendo coisa de pouco pensado. Me botei a espreitar o que ia acontecendo. E torno a dizer que era melhor não ter acontecido. Vi coisa. E se conto é porque já comecei e história começada não se deve parar, senão cada um dos escutantes conta pra frente de modo diverso. E é o que eu não quero. Arrespeito a tristeza dêste caso, que não é só minha.

Um dia de noite vi os dois atrás da casa dela. Lá atrás onde tinha uma moita de assa-peixe, na época. Me arrepiei todinho de raiva e tristeza cá dentro. Se mordiam e se abraçavam (me desculpe falar) que nem bicho sem alma no tempo do cio.

Fiz cruz na parede, jurando não olhar nela nem nunca mais. Pensei em me mudar. Sair por aí, me divertindo, olhando coisas novas de cidades de muito adiantamento. Me esquecia de tudo e arrumava a vida como todo mundo faz. Aguardei ocasião pensando no que fazer.

Um dia de chuva, muito escuro, já noite avançada, me assentei lá numa pedra na esquina, fazendo pouco da chuva. Pois na cama não dormia, saía por aí pensando muito. Altas horas, pois era. Ninguém por aí. Tudo parado. Apercebi vulto se achegando da casa do velho Pedro. Botei sentido. O vulto de homem bateu de leve na janela do quarto de Dina. Com pouco a janela se abriu de macio. Não escutei conversação. Num clarão de relâmpago vi os dois se beijando na boca. De pouco depois o vulto se aprumou na janela, pulando pra dentro. Larguei as pernas, andando sem rumo. Não dormi, pois digo, muitos dias pensando nos dois na calada da noite. De dia eu olhava pra ela e nem não acreditava. Estava até mais viçosa. Uns olhos brejeiros de quem está muito alegre.

Mas escuta e bota tino: em cima da terra não fica nada escondido.

Velho Pedro ficou sabendo de tudo. Como é que foi é que não sei. As vezes acontece. Pai é assim mesmo. Mãe também e até mais. Velho Pedro ficou sabendo de tudo e botou falação de muito sensata e de muita autoridade.

Disse que eram pra se casar, escondendo assim a muita vergonha. Isso tudo fiquei sabendo adipois. Pois velho Pedro queria esconder o acontecido pra não esparramar a vergonha da casa dêle.

Mas então o rapaz se negou. Queria se escapular. Disse que não podia casar agora. Ia embora e depois voltava.

Se esquentaram e saiu palavra feia de muita raiva. De dentro da casa saíram pra rua. Velho Pedro gritou:

— Vou te matar, cachorro.

O rapaz andou de costa no rumo da venda. O povo nas portas olhava medroso o comêço da desgraça. O rapaz entrou na venda correndo e saiu com um facão tirado da prateleira. Velho Pedro não afroxou não. Era homem de muita coragem e valentia. E homem na muita raiva não vê perigo. Na primeira arrancada o facão zuniu e a mão do velho caiu no chão. Velho Pedro soltou um grito disregrado. Ia investir de novo, mas a mulher dêle veio correndo e não deixou. Na porta da casa dêle vi Dina caída no chão com muito soluço de sofrimento. O rapaz estava de guarda. Dina olhou pra êle e com voz de arranco, falou:

— Malvado.

Não sei por que senti alegria cá dentro. Pois é. Eu ainda gostava da menina. Todo mundo pode errar, uai. Ela também errou. Olhei no derredor e todo mundo espiava com raiva no rapaz. Velho Pedro era muito querido no lugar. Me senti com vontade de fazer desgraça. Um arrepio gostoso subiu pelas pernas me empurrando pra frente. Pulei na frente dêle, falando com força:

— Cachorro só boca homem na traição. Vou te sangrar de verdade. Peste.

Meu jeito não era de rir não. Não era porque êle se amarelou todinho, com as carnes da cara pulando contrariado. Puxei a faquinha e caminhei com vontade. Êle largou o facão e correu pra venda se escondendo. Fui atrás. Quando êle ia sair numa porta, eu já estava do lado de fora esperando. Correu as portas tôdas. Chegou na última êle só disse:

— Me deixa.

Era voz macia de muito medo. Correu no rumo de mim, esperando se escapar. Num escapou não. Meti a faca no bucho dêle. Ela entrou de macio. Êle se botou a chorar. Não senti pena não. O moço foi se agachando vagaroso, arranquei a faca e meti mais em cima, procurando um buraco entre as costelas, no rumo da maminha. Era uma faquinha à-toa, de fazer pito, mas entrou com força, se rigindo nos ossos. Mal foi entrando e o sangue brotou. Quentinho me molhando a mão tôdinha. Êle se amoleceu todo querendo se deitar. Agüentei o pêso dêle no cabo da faca. Adepois me senti medroso. Foi chegando gente demais. Empurrei êle com a mão, jogando o cabra de costa pra faca sair e para êle olhar pro céu e pedir perdão dos pecados muitos e das desgraças que fêz. A faca saiu e eu corri não vendo nada nos meus lados.

Tudo se acabou. Velho Pedro se mudou, mas disse comigo palavra de muita estima. No muito arrependimento, meu pai me consolou:

— Um homem, meu filho, deve de não se arrepender do que fêz. Todo mundo deve de ter um caso na vida.

E com ôlho esperto, acabava com jeito:

— E caso de homem só presta quando tem mulher ou é de valentia. É ou não é?

Dina sumiu deveras e me entristeci de todo. Meu pai tornou a falar:

— Você deve de começar a vida. Começar de novo. Tudininho. Não vê eu?

Botei sentido e fiquei calado. Dito certo o dêle. Minha mãe morreu e êle se casou com cabrocha nova. Já era muito velho, mas todos os anos ainda nasce menino na casa dêle.

No fim dêste ano me livro desta cadeia. Cumpri a pena tôdinha, não tenho vergonha de dizer. Não sei não. Saindo daqui eu me encosto na igreja com mulher de lado. Mas de Dina não me esqueço. Se ela não faz besteira a gente tinha se arrumado.

A gente tem é de aceitar as coisas que vão acontecendo. Tem dia que me dá vontade é de viajar. Não dou certeza, mas sou homem pra largar tudo e sair por aí, vendo o mundo, atravessando cidade de muitas belezas. Sair desembestado que nem passarinho que escape de arapuca.



Sob o olhar do balaninho, Títina sobe a ladeira...

BAHIA, CAPITAL, CORACÃO DE TITINA



Companheiros do D.E.:

Fui desbancado na Bahia. Todo o "cartaz" de dinamismo, que vocês imerecidamente me atribuíam, nada representa diante do fabuloso programa que a NORTETUR, nas pessoas do Carlos Vasconcelos Maia, e do Valença, promoveu para homenagear a simpática Titina Aguirre. Organização perfeita, nos mínimos detalhes, e que é uma resposta viva àqueles que julgam que ainda não estamos em condições de desenvolver o turismo bem dirigido. Pelo menos em Salvador, com êsses dois homens à frente, a coisa funciona como se fôsse "made in USA"...

Mais ou menos às doze horas, rigorosamente dentro do horário, como é de praxe em uma companhia eficiente como a VARIG, o Convair desceu suavemente ao aeroporto da "boa terra". Lá estava, nos esperando, o Mascarenhas, com uma linda "corbeille" de flores e com os votos de boas vindas da "pioneira". Logo adiante uma comissão de senhoras e senhoritas, onde se destacavam a d. Ruth Pacheco e uma ex-Miss Bahia, bem simpática, aliás, de nome Sônia Mamede. Seguiu-se o almoço no próprio restaurante do aeroporto (gentileza do proprietário do mesmo) com pratos regionais. Titina gostou muitíssimo do caruru e do vatapá, assim assim da muqueca de peixe, e absolutamente nada,

Junto aos coqueiros de Itapoã.

Entre as lavadeiras do Abaeté.



da
me
cor
da
Jan
e R
can
apl
Ric
ruk
Rê
our
est
par
do
gua
pin
ma
ner
ve
Dic
Fir
gar
C
às
cis
vis



Na Feira de Agua do Menino.

da água de côco verde. Dali mesmo ela quis ver se realmente "o Abaeté é uma lagoa escura". Olhou, olhou, e concordou com Caymmi. Em seguida, rumamos para o Hotel da Bahia, não antes sem passar por Piatam, praias de Itapoã, Jardim Zoológico (em Ondina), Iate Clube, Alto do Cristo, e Farol da Barra. Mas não tivemos muito tempo para descansar. Jantamos correndo, para logo mais ela também aplicar o pontapé inicial no encontro entre o Flamengo (do Rio) e o Vitória (Salvador). Nesta ocasião a diretoria do rubronegro baiano, que tem como presidente o dr. Júlio Rêgo, ofereceu à "garôta do D.E." duas lindas figas em ouro. Mas ainda não nos foi possível dormir, amigos. Do estádio do Fonte Nova prosseguimos noite a dentro, comparando a recepção carinhosa com que os artistas da "terra do Senhor do Bonfim" deram as boas-vindas à bela uruguaia. Isto foi na casa do conhecido escultor (e também pintor) Mário Cravo Jr. Uma bela reunião. Alguns declamaram em castelhano, outros em português, mas todos (Jenner Augusto, Mário Cravo Jr., Mirabeau, Raimundo Oliveira, Carlos e Hélio Bastos, Calazans Neto, Scaldaferrri e Dick Menocal) ofereceram originais de quadros ou desenhos. Finalmente, fomos dormir, mas a madrugada já vinha chegando. As horas na Bahia passam sem a gente sentir.

O segundo dia (parte da manhã) foi dedicado para visita às Igrejas. Titina rezou e pediu (no Convento de São Francisco) três coisas que não quis dizer o que era. À tarde, visita às casas comerciais, "Lembrança da Bahia" (lindas

recordações), e aos Magazines, "Florensilva" e "Nova América". Do primeiro recebeu uma linda camisola, e do segundo, um corte de tecido "que sempre teve vontade de ter". Com a exibição de "Capoeira", com berimbau e tudo, na Escola Mestre Pastinha, encerramos o nosso segundo dia, em Salvador.

"A Moda" ofereceu um elegante conjunto (saia e blusa), como o bom-dia a Titina, por estar na Bahia. Descemos até a chamada "cidade baixa" e visitamos a Fábrica de cristais Fratelli Vita. Nos recebeu o formidável Miguel Vita, que achou Titina "muito educada" e ela a êle, "um perfeito cavalheiro". Aí também ganhou presente, desta vez uma valiosíssima jarra de cristal (em duas côres) e um cavalinho (também de cristal) e que disse ter muito maior valor por que "viu êle ser feito". O almoço foi na casa do escritor Carlos Vasconcelos Maia (feijoada e xixin de galinha), com visita à Igreja do Bonfim, Alto Fortaleza e Igreja Monte Serrate.

Pelo início da noite do seu terceiro dia (e último, na Bahia), desfile na "Casa Duas Américas" em maiô e vestidos (da elegante dama "Mme. Jannete). Presentes: uma linda pulseira de ouro, com uma figa também dourada, e um vestido linha saco (oferta de Mme. Jannete). Zezito Ferreira (sócio da "Duas Américas") foi gentilíssimo e tudo correu muito bem, muito bem, como dizemos no D.E.

Havia ainda um desfile programado para as 24 horas desta mesma sexta-feira, mas Titina (um pouco gripada),

Quando fôr
candidata,
Titina
será eleita,
na
certa...



fêz apenas uma ligeira apresentação, pois o seu estado de saúde não permitia maiores esforços. De umas senhoras da sociedade, ganhou nesta oportunidade, um lindo brinco de ouro.

Mas fêz ainda uma outra visita que já estava esquecendo: à fábrica de Vassouras "Fiel", onde lhe condecoraram com a "ordem da vassoura", símbolo de limpeza.

No sábado embarcamos para Recife. Mais uma vez a VARIG nos levou com segurança, ao ponto de destino. Aqui chegamos... bem, Recife já é assunto para nossa próxima correspondência. Um abraço a todos e até breve,

Hélio Polito

P.S. — Mesmo sem o famoso biquíni Titina tem sido sucesso certo em qualquer lugar que tem se apresentado. Nunca pensei que o nosso D.E. tivesse tanto prestígio. Francisco Rodrigues Filho (que a Varig mandou a Salvador, para prestigiar a promoção) foi incansável. Waldemar Angelim, o mais dinâmico Diretor de Turismo que já conheci, fêz as "honras da casa", pois o Prefeito Hélio Machado encontrava-se ausente de Salvador. Hélio é candidato a governador e se vencer a Bahia será mais feliz ainda. E, por fim, não poderia deixar de falar no Milton, o infantigável representante dos maiôs "Catalina", que foi um ótimo colaborador.





Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

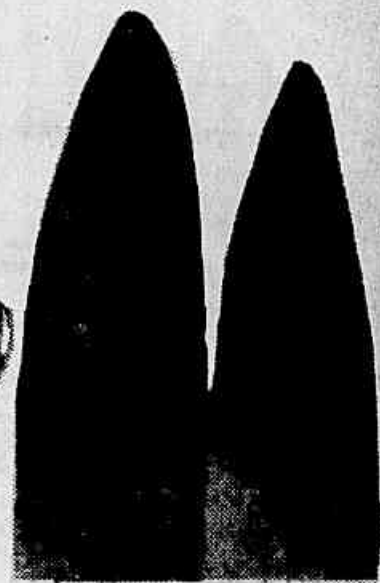
Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

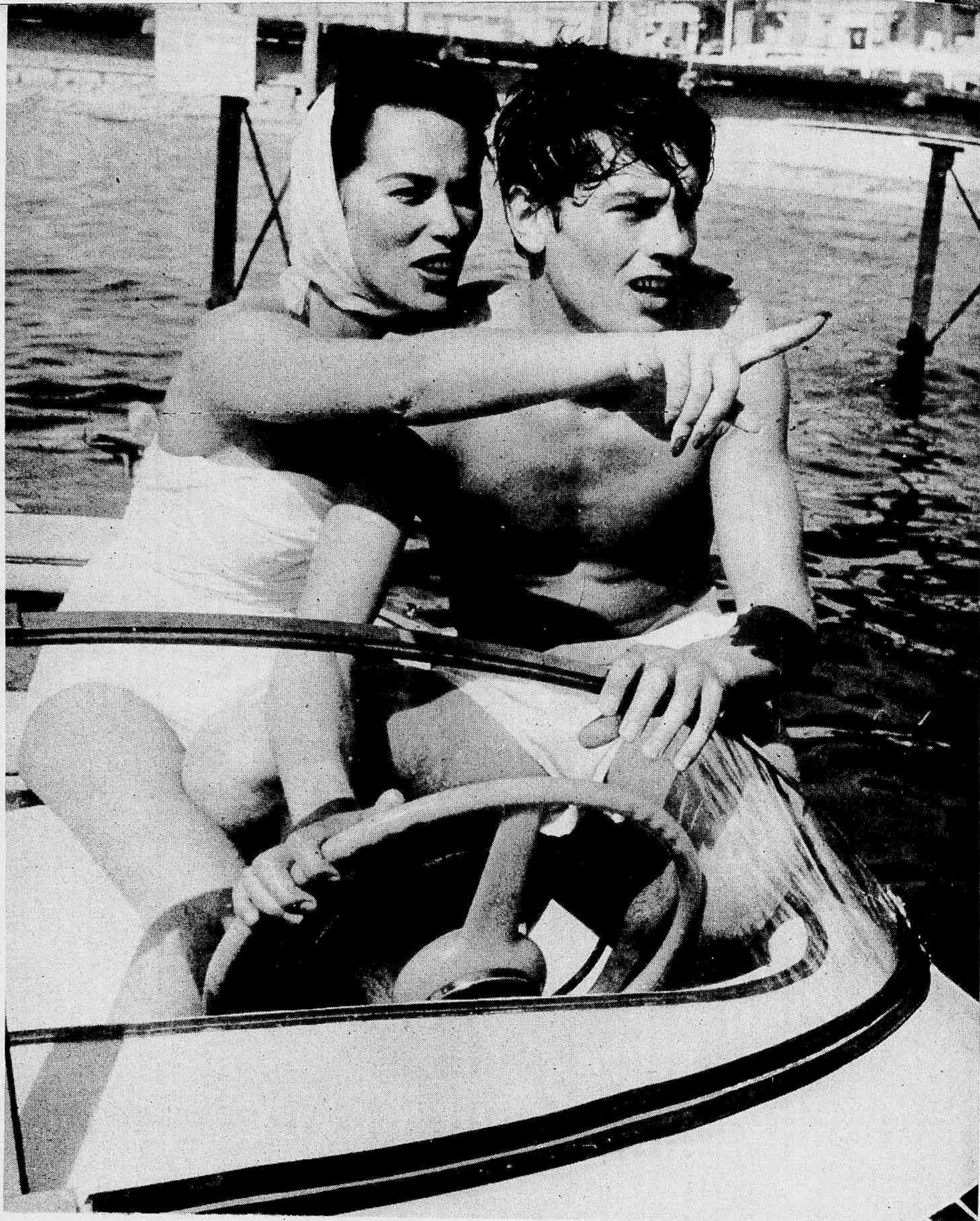
Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias





Na baía de Cannes, entre duas sessões do Festival, a vedeta Bella Darvi em companhia do novo galã, Alain Delon.

EM CANNES

GIOCONDA DE BIGODES

QUANDO APARECE alguma estrela favorita, as exclamações explodem de todos os lados:

— Olha a Sofia Loren!...

Ou, então, se chega uma veterana menos conhecida ou alguma vedetinha ávida por publicidade:

— Quem é aquela ali?... Ali, tôda sofisticada...

Não raro, surge um entendido para explicar:

— É Sílvia Koscina, que trabalhou em "Le naif aux quarante enfants"...

FOI ASSIM, ao jeito de sempre, a abertura do 11.º Festival de Cinema, em Cannes, que contou com muitas "toilettes" da última moda, muitas jóias, estrelas das diversas grandezas e, como sensação da noite, suas altezas Grace e Rainier.

Do Festival, participam 42 países, dos quais 33 enviando filmes. Dos outros 9, que só mandam observadores, consta o Brasil, através de José Lewgoy — aliás, o único delegado-vedeta presente, pois, não raro, é chamado a conceder autógrafos, pois o seu último filme francês passou em Cannes há duas semanas, apenas, e os brotos ainda se lembram do perfil do nosso patricio.

Entre os filmes aguardados com maior ansiedade estão "Mon oncle", de Tatti, que representa a França (obra personalíssima realizada com meios limitados durante três anos, um dos quais inteiramente dedicado à montagem); "Próximo da vida", de Ingmar Bergman, especialmente convidado; "Quando as cegonhas passam", sob a bandeira da União Soviética; e "La Venganza", última obra de Juan Antonio Barden. Há, ainda, uma curiosidade em torno de "Goha", um longa-metragem apresentado pela Tunísia.

A Argentina e o Chile também comparecem com longas-metragens — "Rosaura a las diez" e "La caleta olvidada", respectivamente — o que torna ainda mais sentida a ausência do Brasil. Realmente, não se compreende que, depois de "O Cangaceiro", não tenhamos encontrado nada mais para enviar. O público e a gente de cinema estranham a nossa ausência e não acreditam que o Brasil não tenha produzido nada mais digno de ser apresentado, lamentando o que consideram um escrúpulo exagerado; e mostram o caso de outros, como a Áustria, por exemplo, que cobre com o seu nome uma terceira aventura de Sissy-Romy Schneider, que poderá ser um sucesso, como as duas primeiras, mas não deverá ter muito que ver com a arte cinematográfica.

Madeleine Robinson, mesmo de perna quebrada, fez questão de comparecer a Cannes, a fim de participar do júri. Na foto, à direita, Danielle Darrieux.



A Suécia inaugurou o Festival, com "O arco e a flauta".

PARA COMEÇO DE CONVERSA: GIOCONDA

Apagadas as luzes, o Festival teve início de maneira original: "La Joconde", curta-metragem de Henri Gruel, já premiada no Festival de Tours, é uma sátira feroz ao culto beato que se pratica à famosa obra. E, a fim de realizar a sua intenção maliciosa, o autor emprega tôda a sorte de truques para transformar a Gioconda em um autêntico boneco, de bigodes, fazendo caretas, fumando charuto, dançando e praticando uma série de estrepolias. O público, apesar de algo chocado e escandalizado pela irreverência, não deixou de rir e aplaudir.

O início deixou a impressão de que o Festival seria menos rotineiro, mas um simples olhar ao programa tirou qualquer ilusão: dramas e tragédias em profusão, tendo no meio duas comédias, apenas (uma argentina e outra alemã), insuficientes para desanuviar o ambiente.

TIGRES, EM SEGUIDA

Arne Sucksdorff, cognominado o "Flaherty sueco", é realmente um poeta da natureza, que tira, de seus filmes, tôda uma mensagem humana, através de elementos simples: a vida na selva, os animais, uma criança. Em seu primeiro longa-metragem, "A grande aventura", êle havia alcançado o máximo de sua sensibilidade, vindo a merecer o Grand-Prix de Cannes; agora, em "O arco e a flauta", volta a focalizar um menino (um jovem indu), os problemas de sua vida, a luta de sua tribo com os tigres, a beleza de sua vida quotidiana. O arco representa o mal: os tigres e os elementos adversos; a flauta representa a beleza, a calma, a ternura, o amor. A forma é elaborada, um pouco demais, talvez, e, por isso, a profundidade e as implicações filosóficas que o autor quis imprimir à obra tiram-lhe um pouco da espontaneidade, tornando-a um pouco pesada. Não obstante, restam instantes de beleza e poesia, que mais uma vez confirmam a sensibilidade do autor.

MADELEINE ROBINSON, NO JÚRI, DE PERNA QUEBRADA

No ano passado, o famoso "júri dos presidentes" resultou em lamentável fracasso, tantas e tamanhas foram as falhas do julgamento. Por isso, talvez, os membros de agora foram escolhidos entre gente de cinema, com uma exceção, que assim se torna ainda mais estranha. Tendo Marcel Achard por presidente, os membros do júri são Asabuki Iomiko e Madeleine Robinson (que compareceu, mesmo de perna quebrada), Jean de Baroncelli, Dudley Leslie, Helmut Kautner, Ladislav Vajda, Charles Vidor, Sergei Yutkevitch, Cesare Zavattini e o pintor Bernard Buffet — a quem corresponde a exceção acentuada linhas atrás.

Enfim, um júri que parece capacitado a oferecer um bom veredito. Esperemos...

VIDA, AMOR E MORTE JUNTOS NA MESMA SALA

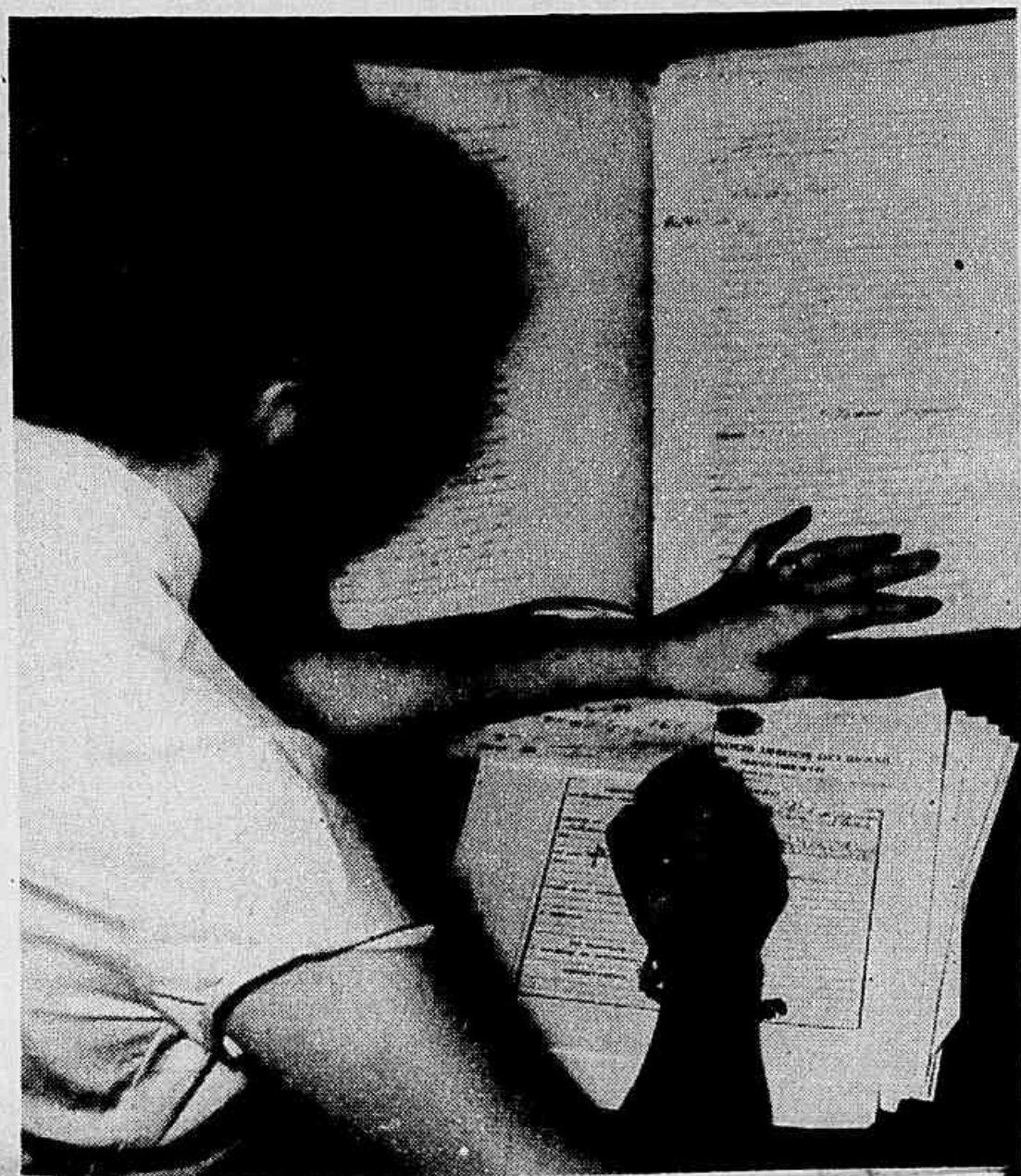


aqui, neste velho casarão da rua D. Manoel...



... histórias diferentes dentro de uma mesma sala...

... para tudo, há necessidade de certidão...



Nos cartórios do Registro Civil

estão apontadas as fases principais

da existência humana

EM 14 SALAS de um prédio velho da Rua D. Manoel, três fases de um ser humano — a vida, o amor e a morte — estão juntas. É o edifício do Pretório, o Registro Civil, onde o nascimento, o casamento e o óbito são registrados nos cartórios, em velhos livros, grandes e negros.

Um simples balcão separa o funcionário indiferente ao drama ou alegria de uma família. A todo momento, chega um pedido de registro de casamento pelo rapaz nervoso e apreensivo ou pela mocinha sonhadora. Logo depois, um jovem cercado de amigos, com cara de noite mal dormida, registra um nascimento e pede ao funcionário que espere um pouco a fim de telefonar para a maternidade, para saber se o nome é João Antônio ou Antônio João.

No fundo, em frente à Tabuleta que diz — Óbitos — o mulato alto e magro responde às perguntas. O funcionário quer saber o nome da criança que morreu.

— “Não sei, moço, ele durou um dia só. Eu e minha mulher não tínhamos escolhido ainda. O senhor sabe como é...”

— “Mas ele tem que ter um nome.”

— “Eu queria dar o meu, João, que era o nome do meu pai. Mas ele morreu tão depressa.”

— “João, é este o nome?”

— “Não sei, eu gostaria de ter um filho com o meu nome. Se este se chamar João e depois nascer outro?... ”

— “Mas nada impede que o senhor amanhã registre outro filho com o nome de João.”

— “Então eu posso ter outro filho com esse mesmo nome?”

— “Claro.”

— “Tá bem, moço, chame-o João. E, se depois nascer outro (se Deus, Nosso Senhor, quiser), eu o chamarei João, também, como meu pai.”

Este é o movimento diário em um cartório. Sua importância foi descrita por M. Planiol. “As listas eleitorais, o controle das forças armadas, a justiça civil e criminal têm por base o registro civil.”

HISTÓRIA

O Decreto que regulou, em nosso país, o Registro Civil, teve o número 9886, de 7 de março de 1888. Logo após veio a lei n.º 23, de 30-10-1891, que regulamentou o registro na República.

Anteriormente, o artigo n.º 2 da Lei n.º 1829, de 1870, que determinava a organização do Registro Civil, fez que o legislativo se preocupasse em entregar a autoridades civis o que antes os eclesiásticos monopolizaram.

“Deve-se ao Clero o registro do Batismo, cujo fim não era outro senão assegurar o respeito às prescrições canônicas”, que proibiam o casamento entre parentes.”

“Diferentes e mais antigos eram os registros de casamentos e óbitos, por ser uso fazer uma oblação aos curas, e existia um livro de registro em que figuravam as somas cobradas e as que lhes eram ainda devidas. Isto no século XVI”.

“A partir deste século dada a necessidade do registro civil este não cessou de ser regido por ordenanças reais, relevando-se desde então a interferência da autoridade civil nos negócios da Igreja.”

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202

APRENDA

A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 8ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50



DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00 — NAS BANCAS DE JORNAIS

“Na época da revolução francesa, foi decidido pela Assem-
bléia Constituinte que os casamentos, nascimentos e óbitos
de todos os habitantes, sem distinção, seriam constatados
por oficiais públicos (Constituição de 1791), ainda que os
párocos continuassem com os seus primitivos assentamentos.”

NO BRASIL

Nos primeiros anos do Registro Civil no Brasil houve
grande reação do clero, principalmente no interior.

Em Araguari, dizia o oficial em 1908: “Tem sido quase
nulo o registro, por interferência do clero, que afirma que
o povo não deve seguir ao casamento civil. Casaram-se no
civil 21 pessoas e na Igreja, mais de 60.”

Mais adiante acrescentava. “Há o perigo também de ca-
sarem-se os homens no religioso com uma mulher e no civil
com outra, como já tem acontecido”.

Em Piúma, no Espírito Santo, em 1909 os padres diziam
que o casamento civil era mancebia.”

No Município de Curalinho (Goiás), quase só se fazia
casamento no religioso. A estatística era de 360 casamentos
na Igreja, para dez civis.

Em Campanha, Minas Gerais, os padres afirmavam que
o casamento civil era obra do diabo e, portanto, condenado
por Deus.

Em Leopoldina, os padres recusavam-se a batizar o recém-
nascido, cujos pais eram casados no civil. Um livro de casa-
mento aberto em 1895 só foi encerrado em 1907.

O REGISTRO CIVIL, HOJE

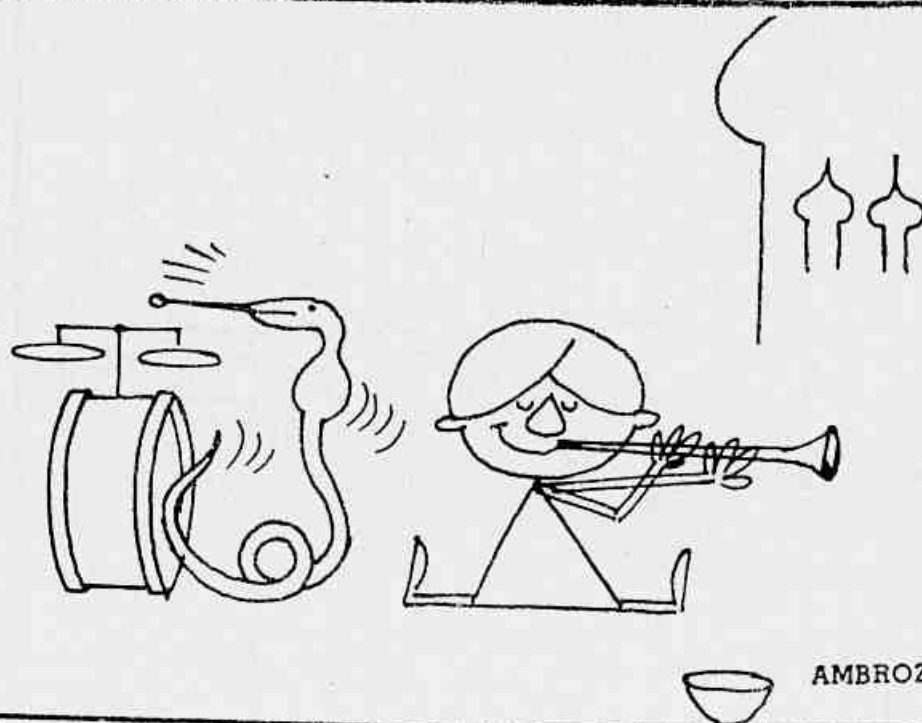
“Foi o ministro Edgar Costa que, em 1943, iniciou o ver-
dadeiro registro civil, criando doze juizes para um serviço
que antes era feito apenas por três”, declarou o juiz dr.
Paulo Faria da Cunha, da 5.ª Zona (9.ª e 10.ª Circuns-
crições).

“O atraso que havia anteriormente foi sanado. Posterior-
mente houve uma nova lei que reduziu o número de juizes
para 7, um para cada duas circunscrições, lei que vigora até
hoje.”

OUTRAS LEIS

“Uma lei que existia anteriormente que foi suprimida e
agora foi novamente posta em uso (Lei 1110) é a que per-
mite a realização de casamentos no religioso com efeitos
civis”, declarou o dr. Faria Cunha. “Esta lei, entretanto,
tem um dispositivo, no qual o casamento deve ser registrado
em cartório no prazo de 90 dias. Acontece que muitas vezes
este prazo é ultrapassado e o casamento nulo, havendo ne-
cessidade de um casamento civil.” O curioso é que, certa
vez, havendo expirado o prazo de um matrimônio, o noivo
sabedor da nulidade do ato, resolveu casar-se no civil com
outra mulher.”

Infelizmente, há o perigo de sucederem estes casos, além
de tornar-se mais cara, mais demorada e dispendiosa a uti-
lização desta lei, concluiu o dr. Faria Cunha.



"PEGUEI UM ITA NO NORTE"

DE HÁ MUITO uma renovação no nosso teatro de revista (ou musicado) se fazia necessária. Os anos se passavam e apenas algumas tentativas foram registradas nesse setor de espetáculos. Silveira Sampaio, que havia apresentado "No País dos Cadilaques" e "De Pedro a Pedro", acabou por se dedicar à televisão, não vendo os frutos da árvore que plantou. Da mesma forma, Haroldo Barbosa, com suas tentativas como autor em dois espetáculos que Renata Fronzi montou. Fora disso, salvo raríssimas exceções, a exploração da revista não fugia aos moldes clássicos de piadas pornográficas, muito sal grosso, "sketches" surrados e mulheres despidas.

Agora, o Teatro Recreio apresenta "Peguei um ita no norte", que não teve uma realização perfeita, mas merece um voto de louvor pela boa intenção e pela produção honesta e até certo ponto arriscada.

Maurilo Castro e Haroldo Barbosa escreveram uma história aceitável, aproveitando personagens da bagagem musical de Dorival Caymmi — o que já é um bom começo. Animados pelo natural entusiasmo de acertar, contrataram Armando Couto para a direção; Nilson Viana, para os cenários e figurinos; Nina Verchnina, para a coreografia, e Léo Perachi, para as orquestrações. Haroldo Barbosa também compôs algumas músicas para preencher o roteiro da peça. Imaginaram "Marina" casada com "Zeca", amigo de "João Valentão" e sua amante "Dora", num conflito sentimental durante uma viagem de Belém a Salvador. Tudo se resolve direitinho, com interferência de outros personagens para defender a parte cômica.

A escolha dos intérpretes é que não foi feliz. Zélia Hoffman não convence na "Marina", embora tenha a beleza necessária ao papel. Sônia Mamed não soube dar a expressão que "Dora" deveria ter no "script", falhando, inclusive, pela dicção defeituosa e chocante com a personagem. Já Grace Moema e Ma-

galhães Graça apresentam-se a contento na solteirona e no Comandante.

Os erros são, contudo, perfeitamente desculpáveis, notando-se a realização em si. Um teatro como o nosso, que já produz espetáculos de comédia bastante dignos, necessitava uma melhoria no padrão do musicado. "Peguei um ita no norte" marca uma série de espetáculos nesse setor que trará certamente um público que já se havia desabituaado da revista brasileira.

Esperamos que os produtores compreendam esse fato e saibam explorar temas interessantes musicados por com-



positores de talento, valorizando o gênero, acompanhando a evolução.

INTERNACIONAIS

EM NOVA IORQUE apresentam "Asmodée", de François Mauriac, por um grupo novo. A peça, que foi criada em Paris por Marie Bell, é bastante discutida quanto à sua qualidade. Esta é a pri-

meira obra do conhecido homem de letras francês, apresentada nos Estados Unidos

"PATATE", de Marcel Achard, continua sendo um dos êxitos da temporada parisiense, atravessando 57-58. Recentemente foi vendida a bom preço para o conhecido produtor da Broadway, Gilbert Miller.

O T.N.P. (ainda dirigido por Jean Vilar) não cessa de criar casos no meio teatral parisiense. O recente contrato de Geneviève Page provocou a demissão de Christiane Minazelli, que deveria ter o primeiro papel em "Caprices de Marianne". A atriz Monique Chaumette também ameaça deixar o grupo e conseqüentemente o seu importante papel em "Lorenzaccio", de Musset. Tudo isso contribui para que aumentem os problemas do T.N.P., atravessando uma difícil fase de sua existência.

JOHN OSBORNE, o novo autor que Londres projetou com "The Entertainer" e "Loob back in anger", não foi muito bem recebido pela crítica da Broadway, apesar de Laurence Olivier (que criou o principal papel em Londres) repetir a atuação que alertou o mundo teatral.

NA BROADWAY, a sensação do momento é "Look homeward, angel", adaptação teatral da novela autobiográfica de Thomas Wolf, estrelada pelo hoje famoso Anthony Perkins. No elenco, ainda, Jo Van Fleet e Hugh Griffith.

KATINA PAXINO, a conhecida estrela grega do cinema e teatro, anualmente figura no elenco de sua pátria no Festival das Nações, em Paris. Este ano, mereceu o elogio unânime dos críticos, interpretando "Medéia", de Eurípedes.

TUDO DE BOM NO "MUSICAL ANTÔNIO MARIA"

★ Comicidade,
músicas e surpresas
no cartaz de
«Desodora»
pela PRA-9



Antônio Maria, ao término do seu programa, conversa com o sr. J. Vital Mello, do "Desodora", sob as vistas de Jair de Taumaturgo, diretor de broadcasting da PRA-9.



Dóris Monteiro, numa gentileza da Rádio Tupi, participou do grande cartaz mayrinkiano, recebendo flores da direção da PRA-9. O "Musical Antônio Maria" tem sempre a presença de grandes cartazes do rádio, da música e da atualidade.

DOSANDO O BOM HUMOR às atrações musicais, e ainda mais, pontilhando o programa de uma série de surpresas, Antônio Maria soube fazer o sucesso do Musical que tem o seu nome e que a Rádio Mayrink Veiga apresenta às 21 horas das quartas-feiras. Em verdade, o "Musical Antônio Maria" é um desfile de grandes cartazes do microfone, que ali comparecem para a interpretação de seus maiores sucessos, entremeando as divertidas aventuras do Zé Caruaru, o eterno compositor incompreendido, que o Zé Trindade vive com o brilhantismo de sua renomada classe de humorista. E há muita coisa, ainda, que torna o programa um dos mais ouvidos do rádio. Patrocinando as audições do "Musical Antônio Maria", "Desodora" — o desodorante que desodora na hora! — escolheu um veículo de divulgação positiva, tornando famosas as suas qualidades comprovadas. O próprio Antônio Maria, com o seu estilo famoso, é o apresentador dêsse cartaz que a PRA-9 faz levar aos ouvintes de todo o Brasil através das suas ondas curtas e médias.

MEMÓRIAS DO
QUE EU VI E SENTI

O GENERAL TÁVORA DESCONFIAVA DE MIM!...

Rafael
Corrêa de Oliveira



MUITO ANTES de 1930 eu já conspirava com os elementos militares que se encontravam emigrados na Bolívia e na Argentina. Em Santos, era o meu jornal um ponto de referência e de apoio para civis e militares que fugiam da polícia e usavam nomes supostos e falsas identidades. No desenvolvimento desses ajustes ilegais nunca se verificou qualquer incidente que pudesse indicar a mais remota suspeita de espionagem ou delação. Em Junho de 1930, na tempestade da crise financeira que a valorização artificial da moeda provocara, andava eu com água pelas barbas, e recorria aos agiotas, fazendo empréstimos a juros de 5% ao mês para manter o meu jornal. No meio destas aflições, recebi de um rico partidário do sr. Júlio Prestes a seguinte proposta: uma viagem ao velho mundo, durante seis meses, e duzentos e cinquenta mil cruzeiros para acertar meus negócios. Condição: na minha ausência o jornal continuaria oposicionista, mas abandonaria a candidatura do sr. Getúlio Vargas.

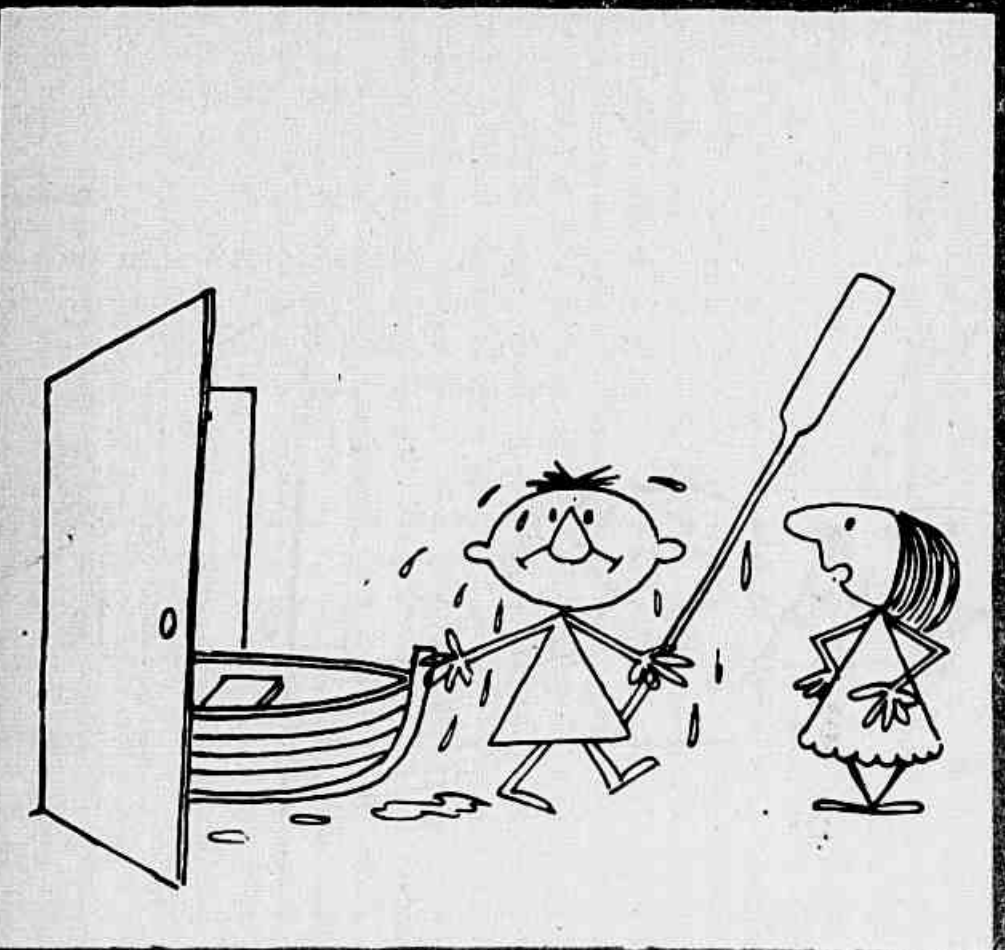
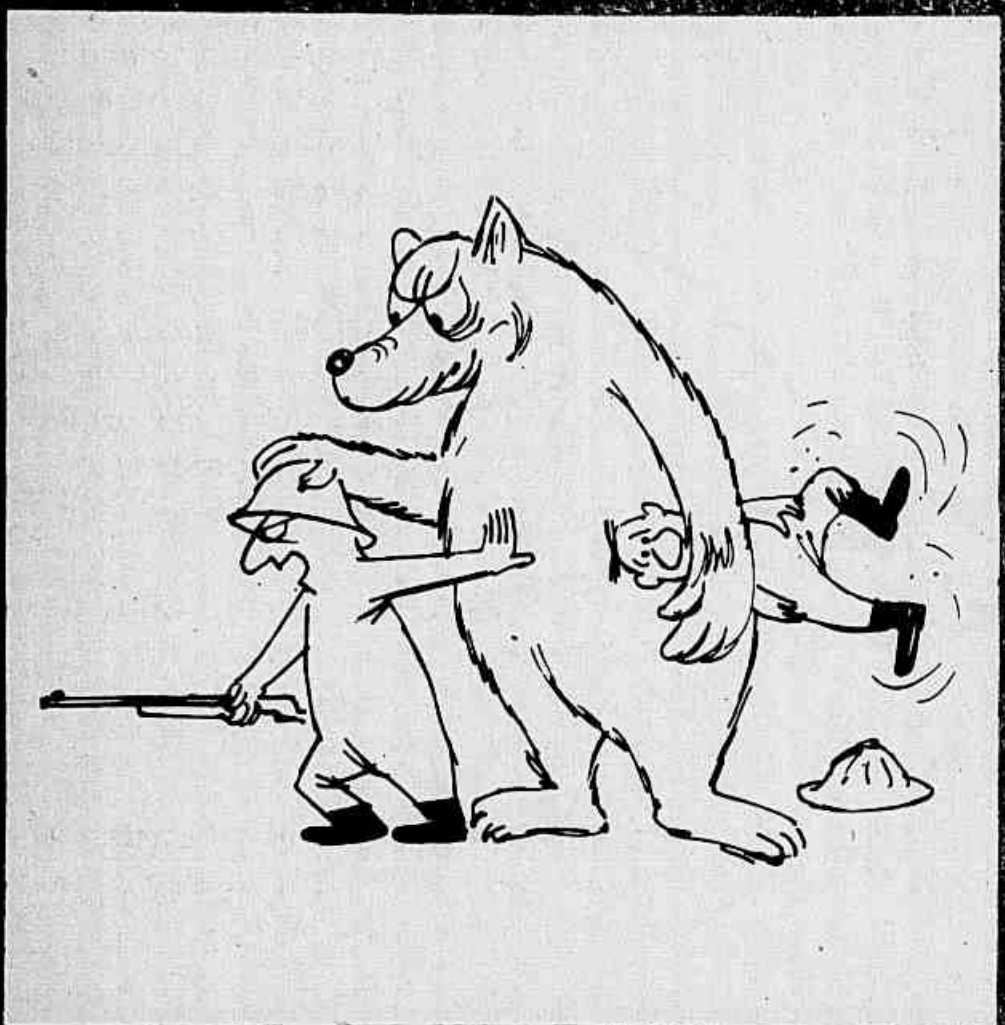
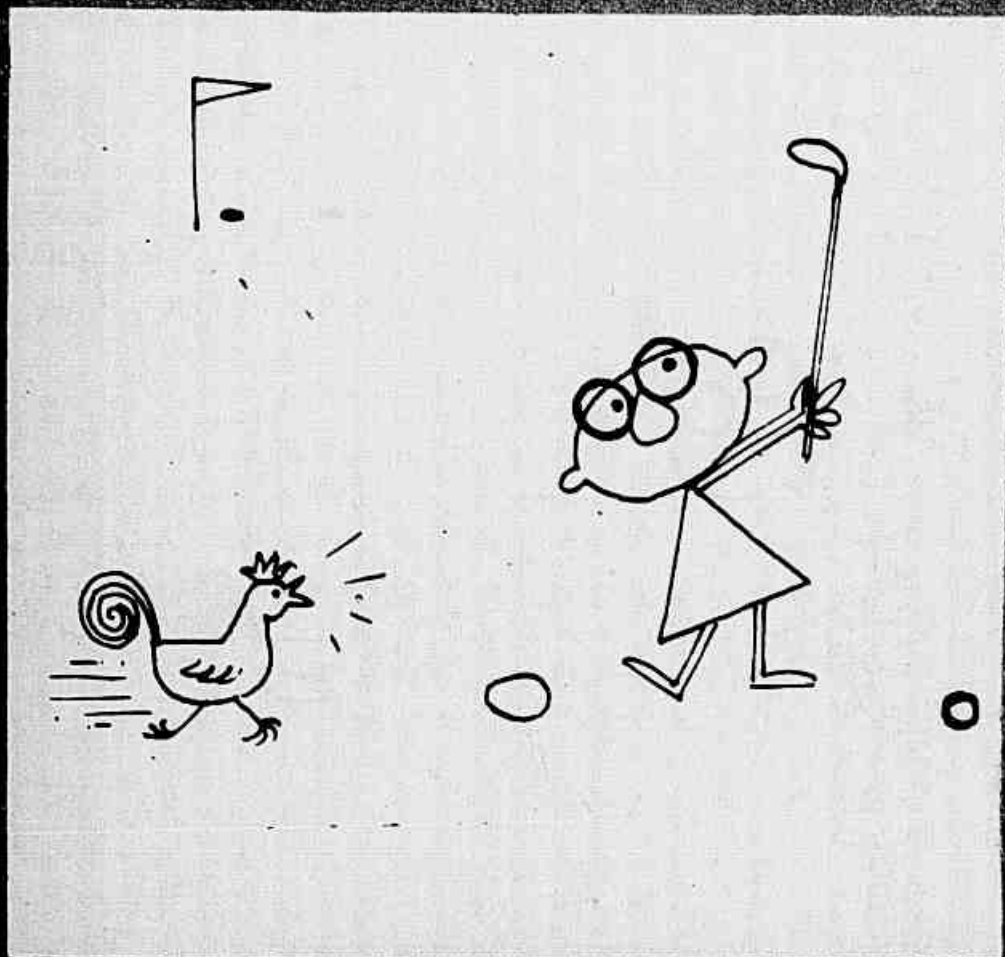
É claro que recusei tudo isso, não obstante as provas concretas dos entendimentos mantidos traiçoeiramente entre o nosso candidato e o governo federal. Esses entendimentos, aliás, vinham tornando desesperadora a situação do presi-

dente João Pessoa, com a Paraíba cercada por tropas do Exército e cangaceiros de José Pereira. Foi precisamente nessa ocasião que o sr. Oswaldo Aranha, já afastado do governo gaúcho (Secretaria do Interior e Justiça), me pediu para ir a Paraíba levar informações que impedissem, não só a renúncia de João Pessoa, mas, também, um gesto precipitado de Juarez Távora entregando-se à prisão.

Pois quando cheguei a Paraíba encontrei o cadáver de João Pessoa, e Juarez já na posse de alguns radiogramas cifrados transmitidos de Porto Alegre. O "homicídio decidera da ação", informava o sr. Oswaldo Aranha. Procurado pela polícia do Rio, eu não tinha meios de regressar a São Paulo. Deixei-me ficar na capital paraibana, mantendo na imprensa a agitação pública à espera da revolução.

No dia 2 de outubro Juarez Távora me chamou ao subsolo da casa onde vivia e me disse:

— Preciso que você viaje, hoje, depois das dez horas da noite, para o interior, a fim de entregar uma carta ao coronel Elísio Sobreira que se encontra em Taperoá. Passe por aqui na hora da saída.



As dez horas menos vinte minutos recebi um envelope fechado, lacrado e rubricado na parte posterior. Sem me preocupar com o conteúdo do documento parti imediatamente, e alcancei Campina Grande de madrugada. Descansei um pouco, e já pela manhã me encontrava em Taperoá. Aí fui informado de que o coronel Elísio Sobreira comandante da polícia, partira uma hora antes com destino a Santa Luzia. Sem esperanças de alcançar o coronel Sobreira, lancei-me, todavia, no seu encalço, pedindo ao velho "Ford" que me transportava tôdas as energias da sua gasta ferramenta.

Aconteceu, porém, um enguiço qualquer no carro do oficial que eu procurava. Assim, encontrei-o na estrada, parado, aguardando que o chauffeur desse um jeito no carburador da sua máquina.

— Coronel Sobreira, estou correndo atrás do senhor desde a madrugada. Aqui tem este envelope contendo ordens importantes.

Afastamo-nos um pouco da estrada, enquanto o coronel procurava, nervosamente, nos bolsos do seu uniforme, os óculos indispensáveis à leitura da carta. Mas os óculos não apareciam. E era absolutamente necessário conhecer as instruções que lhe eram transmitidas. O velho oficial abriu o envelope que continha três cartas fechadas e uma fôlha de papel com as instruções. Ansioso por saber do que se tratava, conhecendo-me muito bem, e vendo-me portador do segredo, o coronel Sobreira me disse:

— "Sem óculos não posso ler". — E estendeu-me o papel, dizendo: — "Para você não há mistério. Leia isso."

O general Távora comunicava ao coronel Elísio Sobreira que o movimento revolucionário rebentaria na madrugada de 3 para 4 de outubro e o encarregava de entregar as ordens contidas nos outros envelopes aos comandantes de grupos do Exército aquartelados nas cidades de Santa Luzia e Souza.

As ordens terminavam assim: "Nenhum civil pode ter conhecimento dessas instruções, **nem mesmo o seu portador**".

Eu li estas palavras pausadamente e sem a menor emoção, pois, já naquela época, conhecia as extravagâncias do general Távora. Mas o pobre coronel Sobreira ficou alarmado. Voltou-se para mim, numa interrogação: — "E agora, Rafael?! Que é que você vai fazer?"

Respondi-lhe que ia até Pombal visitar minha sogra. Pedi-lhe, ainda, que se acalmasse, porque era preciso não dar muita importância às impertinências de Juarez. E acrescentei qualquer coisa impubescível que tinha o sabor de uma profanação naquela época em que o "general do Norte" era uma espécie de "deus ex-maquina", adorado pelo povo delirante.

Doze horas depois dessa conversa, na estrada, com o coronel Sobreira, eu regressava à capital da Paraíba e ia diretamente ao quartel do 22.º Batalhão de Caçadores. Encontrei o general Távora fardado, sonolento, realmente heróico. Recife ainda não caíra, todavia... Juraci e Agildo Barata estavam correndo em auxílio dos paisanos que Carlos de Lima e Muniz (oficial reformado da Polícia pernambucana) tinham armado. Os paisanos combatiam bravamente e mantinham acuadas, nos quartéis, as tropas federais.

O general Távora disse-me qualquer coisa sobre o Rio Grande do Sul e mandou que me servissem café, — um café estóico com pão sem manteiga.

Pedi-lhe para incorporar-me aos combatentes.

— "Não!" — respondeu-me sêcamente. E, logo em seguida, acrescentou: — "Procure o dr. José Américo, que é o governador geral do Norte".

Mas, antes, eu fui repousar um pouco, e adormeci sorrindo, e ouvindo o povo cantar nas ruas:

"Maior que Alexandre e Napoleão,
A tua intrepidez
Vai muito além, Juarez!"

Vinte e cinco dias mais tarde este episódio tinha o seu complemento, que irá formar outro capítulo destas memórias tão simples, sem revelações sensacionais, para demissão de Freud e desencanto de suas adoráveis criaturas...



Lady Maxwell informa

NA NOITE DE quinta-feira passada, sabendo que Amália Rodrigues ia despedir-se, dei um pulo até ao Copa, a fim de apreciar a querida fadista, que, realmente estava uma beleza (tôda de preto, com uma capa da mesma fazenda do vestido, prêsa por um belo "clip" de platina e brilhantes) e cantando esplêndidamente, como ninguém mais sabe fazer. Muita gente importante espalhada pelo "Meia-Noite", como, por exemplo, o famoso cirurgião Paulo Niemeyer e o não menos famoso calculista de concreto armado, Antônio Alves de Noronha (que os fofocas pretenderam pôr na rua da amargura, depois do desabamento daquele prédio da rua do Rosário), mais outros dois engenheiros — Haroldo Graça Couto e Eduardo Pederneiras (em outra mesa). Adiante, elegante na linha trapézio de saia bem curta, mas muito magra e precisando aparar a cabeleira negra, Carmen Teresinha Mayrink Veiga.

ERAM NOVE AO TODO, homens e mulheres, entre nuvens de fumo e vapores de champanha, falando a meio tom. De repente, uma voz menos suave: "Não, o Galo não devia ser branco, a côr não combina com o dono". Um silêncio, de concordância geral. "E a embaixada em Buenos Aires?", indaga alguém. "Ah!", exclama uma das senhoras, "nas Antilhas parece melhor... fica mais de acôrdo com a pigmentação..." E outra voz se eleva: "Nem isso, porque, afinal de contas, é um homem ou um verme?..." (Falava-se do poeta Augusto Frederico Schmidt). Votação unânime: é verme, mesmo.

AS RODAS SOCIAIS têm notado a ausência do casal Colazzo Pitaluga. Fui informada de que está sendo barrado porque êle não é mais nada na embalagem do Uruguai.

MUITA ELEGANCIA no casamento de Neide e Cláudio Barata Ribeiro. A rigor, só não gostei da "toilette" de Alcina Macedo Soares, que estava mesmo um pávorzinho!...

FIQUEI ADMIRADA ao saber que o Fafá Lemos largou o violino e soltou umas bolachadas na mulher! Mais, ainda, pela declaração desta: apanha há onze anos, a resistente!...

UMA DESTAS NOITES, no "Meia-Noite", o Augusto de Gregório conversava em tom alto demais. Não gostei.

ESTOU REALMENTE ansiosa para ver o JK com a roupa que o Lítrico fêz. Dizem que supera tôdas as linhas já imaginadas e feitas.

EMBARCOU PARA A Europa o meu amigo José Cândido Lycurgo Cintra. Motivo: já rão pode aturar as cenas de ciúme da espôsa. Desquite à vista, que lamento.

NÃO HOUE a propalada briga de José Fernandes com Sílvio Caldas, que, a esta altura, já deve estar de volta ao restaurante do primeiro, do qual esteve afastado por motivos de doença. Agora, que José Fernandes é um patrão de amargar, lá isso é.

NÃO OBSTANTE o respeito que me merecem os mineiros, com JK à frente, não posso deixar de manifestar o meu espanto ante a notícia que chega de Belo Horizonte: "A Delegacia de Segurança Pessoal decretou lei-sêca nos velórios, em virtude do abuso de bebidas alcoólicas que se verifica nestas ocasiões, em alguns bairros da cidade. Alega a polícia que os velórios estão sendo transformados em verdadeiras festas, onde impera a bebida e o jôgo de dominó, enquanto os freqüentadores afirmam que isto é feito para distrair as famílias".

CONHECIDO BANQUEIRO (de Banco, mesmo) desta Praça anda fazendo "paradas" altas demais nos guichês do prado da Gávea. Dizem que está para estourar. Antes disso, eu direi o nome dêle.

NO CASAMENTO da jovem filha do Tancredo Neves, gostei muito da elegância e beleza da Lúcia Pedroso. Estava um brinco, realmente.

E VOU FICANDO por aqui. Guardando o "international set" para outra vez. como vocês podem reparar.

PARA COBRIR a Copa do Mundo 58 a revista "O Cruzeiro" mandou à Suécia dois repórteres-fotográficos: Armando Nogueira e Luís Carlos Barreto. Ambos viajaram com suas senhoras, tudo por conta da revista. Mais tarde seguiram Mário Moraes e Henri Ballot. Sem ninguém.

O PROFESSOR NEHEMIAS Gueiros para um jornalista, durante uma entrevista: "Sinto às vèzes saudades do meu tempo de repórter".

O MINISTRO ALKMIM diz que "gosto muito de conversar e trocar idéias com todos, mas não tenho tempo". Êle foi amigo de "república" em Minas do sr. Juscelino Kubitschek e lembra sempre "muitos agradáveis e engraçados momentos que passamos juntos".



A NOTÍCIA estourou como uma bomba: Fleitas Solich ia afastar-se do Flamengo, pedindo licença por um ano, sob o compromisso de não dirigir outro time de futebol do Rio de Janeiro. O motivo alegado, por ele próprio: estava ficando em dificuldade de dinheiro, dada a situação do nosso câmbio e em virtude de ver-se obrigado a mandar dinheiro para a sua família, em Buenos Aires. O motivo real, segundo a versão do "homem da rua": Solich não concordava com as intromissões de Hilton Santos na esfera da sua responsabilidade. Entrou no meio a turma do "deixa disso", comandada por três ex-presidentes, José Alves de Moraes, Gustavo de Carvalho e Raul Dias Gonçalves e, depois de muita conversa e muito vaivém, don Fleitas resolveu voltar atrás, retirando o pedido de licença e continuando uma vez Flamengo, sempre Flamengo. Pelo menos, enquanto puder aturar o Hilton, o que não acreditamos que seja por muito tempo.

GENTE

DON FLEITAS

CONTINUARÁ NO FLAMENGO

Alkmim chegou a assustar Solich...

JAMAIS UM TÉCNICO de futebol, estrangeiro, desfrutou de tanto prestígio no Brasil quanto Fleitas Solich. A indicação do seu nome pelo saudoso presidente Gilberto Cardoso, para dirigir a equipe do Flamengo, sofreu inicialmente sérias restrições pelo fato de ele ser natural do Paraguai, país que, segundo o conceito geral no futebol, era considerado um dos mais atrasados do mundo.

Entretanto, aqui chegando, após ter levado o quadro do Paraguai à conquista do título de campeão sul-americano, revelou ser um profundo conhecedor do segredo do "association".

O trabalho de Solich tem sido benéfico não apenas ao Flamengo, mas, também, ao futebol brasileiro, que muito lucrou com a sua presença, em razão das inovações que introduziu; a sua obra, sem exagero, pode ser considerada revolucionária.

A tese que defendia, era a de que um jogador só não ganha nem perde jogo. Argumentava que nenhum quadro pode ganhar em função de alguns elementos, mas de todos os onze, e o tempo provou que era absolutamente certa.

Considerou erro gravíssimo o hábito do jogador brasileiro, de prender demasiadamente a bola. As "jogadas de primeira", pela qual tanto se bateu, finalmente conseguiu incuti-las no espírito dos seus comandados, mas com grande trabalho, devido à resistência oferecida por alguns elementos.

PREFERIU SEMPRE A "PRATA DA CASA"

A formação dos jogadores no próprio clube é um princípio que ele defende intransigentemente desde 1919, quando, aos dezoito anos, passou a exercer a função de "capitão" do quadro do Nacional, no Paraguai.

A orientação que imprimiu ao quadro modificou inteiramente tudo quanto era feito, a começar pelo preparo físico, mais intensivos, ao qual estavam obrigados todos os jogadores, pois aqueles que não levavam a sério os exercícios, embora possuíssem maiores virtudes técnicas, eram colocados à margem nos dias dos jogos. Entre o "crack" displicente e o jogador de menor recurso técnico, mas que treinava com assiduidade, ele preferia o segundo.

Nessa primeira fase ainda lutou com alguma dificuldade, mas com o correr do tempo os rebeldes afastaram-se, e, conseqüentemente, os trabalhos entraram em ritmo normal.

O treinamento começava às quatro horas da manhã, visto que Solich, como funcionário do Banco da República, só podia dirigir o treinamento da equipe pela manhã. Assim ele saía de casa e ia chamando seus companheiros, um por um, para os exercícios. Concluído o treino, cada qual seguia o seu destino.

A sua missão, porém, só surtiu efeito cinco anos depois, quando o Nacional se sagrou campeão, e, para sua completa alegria, integrado pelos elementos formados no próprio clube. 1926 foi o ano em que o quadro atingiu o seu rendimento máximo, pois foi campeão sem sofrer um revés sequer. No ano seguinte, Solich transferiu-se para o Boca Júnior, de Buenos Aires, pelo qual foi vice-campeão: em 1927, 1928 e 1929, e campeão em 1930 e 1931.

KATCHALIN CONFIRMA PONTO DE VISTA DE FERREYRA

No momento exato em que Fleitas Solich calçava as chuteiras debaixo de uma árvore, para jogar contra o Atlanta, em Assunção, foi chamado pelo presidente do Nacional, que o investiu na função de "capitão" do quadro. Presente também estava Clemente Ferreyra, que, até então, exercera o cargo, e este com voz pausada deu-lhe o seguinte conselho: "Futebol só se dirige com uma cabeça. Com duas, não dá certo".

A frase passou a servir-lhe de lema, razão por que nunca concordou, sob que pretexto fôsse, com a intromissão de pessoas estranhas no seu trabalho.

Tal verdade foi confirmada, 38 anos depois, pelo técnico da seleção russa, Katchalin, quando em visita ao Brasil no ano passado, afirmando que a orientação no futebol soviético obedece apenas a uma cabeça.

PROFISSIONAL-AMADOR

Um dos fundamentos em que Solich norteia o seu trabalho é baseado no princípio de que o jogador ganha para jogar futebol, mas o seu espírito tem que ser amadorista. Ele não concebe que o jogador coloque em primeiro plano o dinheiro. Mais do que isso, deve significar a bandeira do clube que defende, o que explica o seu propósito de trabalhar com os jogadores que estão em início de carreira. Uma frase, Solich usa sempre: "Para ser um bom profissional, antes de tudo precisa ter o espírito e as virtudes de um verdadeiro amador".



EMOÇÕES

Fleitas Solich viveu, quer como jogador, quer como técnico, grandes emoções. As que mais ficaram gravadas em sua mente foram: a indicação como capitão da equipe do Nacional; a participação em jogos amistosos, integrando a seleção argentina contra espanhóis, escoceses e italianos; o ingresso no Flamengo, possibilidade com a qual jamais havia sonhado, e os grandes momentos pelos quais tem passado no Flamengo, entre eles a conquista do tricampeonato.

No Flamengo, no entanto, sofreu uma das maiores tristezas: a perda de seu grande amigo Gilberto Cardoso.

TRABALHO DE EQUIPE

É fora de dúvida que tem sido efficientíssimo o trabalho de Fleitas Solich no Flamengo. Não apenas em razão dos campeonatos conquistados, mas, sobretudo, pelo grande número de jogadores que já lançou no futebol brasileiro como, por exemplo, Dida, Moacir, Henrique, Joubert, Duca e tantos outros. Mas tal tarefa não sofreu solução de continuidade, pois outros jogadores começam a despontar no Flamengo como futuros "cracks". Solich, porém, considera que isso somente tem sido conseguido graças à prestimosa colaboração que lhe têm dado os antigos jogadores rubronegros: Modesto Bria, Jaime de Almeida e Nilton Canegal, e, agora, também Walter Miraglia.

O BRASIL E A "COPA DO MUNDO"

O "coach" Fleitas Solich, pelo fato de estar radicado aqui há algum tempo conhece muito bem o nosso futebol. Com relação à "Copa do Mundo" considera a nossa representação com grandes possibilidades. Na sua opinião, Inglaterra, Hungria, Alemanha, Rússia, talvez, e os sul-americanos, estes que praticam o melhor futebol do mundo são os mais credenciados para a conquista do título.

O Brasil tem possibilidades ilimitadas, pois joga de acordo com a concepção moderna do futebol, que é a velocidade. Ele considera que essa virtude possa neutralizar a desvantagem física, argumentando que um jogador alto e forte pode ser veloz (e cita como exemplo Pavão, o mais veloz do Flamengo), mas nunca terá a agilidade de um elemento leve.

AOS 77 ANOS





PABLO PICASSO, o Papa da Arte Moderna, é visto aqui, nestas duas páginas, em duas fotografias realmente sensacionais (tiradas por David Douglas Duncan): não raro, para distrair os filhos, o famoso pintor se transforma no "clown" (que o garoto Claude também gosta de imitar) ou, então, ensaia os passos de dança que se refletem no flagrante (para o encantamento de Paloma, que, ao que parece, será pintora). De uma forma, ou de outra, Picasso traduz, assim, o segredo da sua juventude permanente, mesmo aos 77 anos de idade: a sua alegria de viver.



CÂMERA LENTA

JOSÉ DA SILVA

O ASSALTO AO GUANABARA

Uma entrevista do dr. Belmiro Valverde lida em um vespertino veio lembrar este episódio de que ele foi o chefe, juntamente com Severo Furnier. Ambos eram amigos, desde que Belmiro tratou de Furnier, este último não era integralista e o assalto ao Guanabara foi talvez o único episódio de sua vida em que não estava ligado aos irmãos Oeste, seus companheiros e amigos de todas as horas. Severo Furnier, depois do fracasso da revolução, escondeu-se em casa de amigos e seu pai, com medo que fosse morto pela polícia ao ser encontrado, pediu a amigos do Exército que o transportassem para uma Embaixada. Estes amigos, o coronel Manoel Aranha (Maneco), o capitão Paiva e outro cujo nome não recordo, fardados, conduziram Furnier para a Embaixada da Itália, entregando-o ao embaixador Bernardo Atilico, são e salvo. Estes oficiais pagaram com o seu desligamento do Exército por este ato de solidariedade humana, pois agiram impulsionados pela pena de verem um homem acuado

como uma fera para ser morto e por quem seu pai lhes pedia; nunca foram integralistas.

A embaixada da Itália foi imediatamente cercada pela polícia e, depois de alguns dias de negociações, Furnier foi entregue à polícia para ser processado e vir a morrer na prisão, de tuberculose generalizada. Muita gente estranhou a entrega de um asilado político, mas é que o direito de asilo é uma instituição sul-americana.

Depois do assalto ao Guanabara foi criada por Beijo Vargas a célebre guarda pessoal que Getúlio sempre conservou, mesmo quando foi eleito presidente constitucional, e cujas estrepolias terminaram no episódio de Toneleros.

A revista francesa "L'Illustracion" noticiou o assalto, dizendo: entre nós se ocorresse um episódio semelhante, dir-se-ia que o presidente durante algumas horas tinha caído prisioneiro de sua guarda".

Além da casa da Gávea, alugada pelos integralistas, no dia do assalto ao Guanabara um grupo fez de quartel-general no centro da cidade o edifício, então em construção, da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, na Esplanada do Castelo.

Belmiro Valverde, na prisão, tentou a fuga uma vez, quase conseguindo atingir o seu intento. Manoel Aranha está na reserva como general e Paiva formou-se em medicina.

CENTRAL E BUROCRACIA

Quando era diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, Pereira Passos (acredito que pouca gente se lembrará que este grande prefeito foi por duas vezes diretor desta Estrada) viu um funcionário, como fazem sempre em Barra do Piraí, percutindo com um martelo as ferragens dos carros para verificar se há alguma rachadura e perguntou-lhe: "Há quanto tempo você faz este serviço?". "Há mais de quinze anos", foi a resposta. E como Pereira Passos continuasse no seu questionário, para saber se alguma vez tinha encontrado defeitos nas ferragens o funcionário ingênuo respondeu: — "Não sei de nada disso não, senhor, entrei para este serviço e me deram um martelo com ordem para bater com ele nas ferragens dos carros e eu desde então venho martelando as ferragens".

AINDA BUROCRACIA

O senador Lauro Sodré, que era militar, contava que, ao inspecionar um hospital do Exército, no Norte, encontrou um cartaz com os seguintes dizeres: "Em nenhuma hipótese será fornecido aos doentes mais de um litro de leite por dia". Perguntou ao sargento que o acompanhava se aquele aviso era estritamente obedecido e este respondeu solene, perfilando-se: "Saiba V.S. que sim". — Lauro Sodré insistiu mas, mesmo que o doente precise de mais leite e peça. — "Saiba V.S. que só

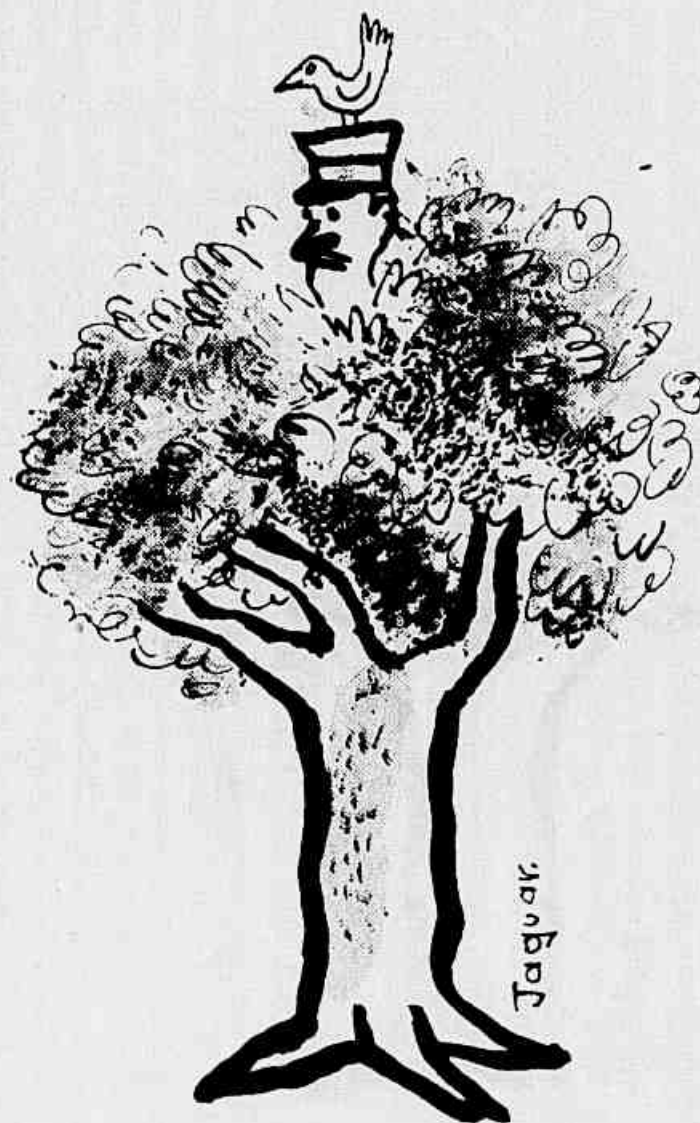
forneço um litro por dia, como manda o regulamento". E Lauro, já achando graça naquela obstinação burocrática, forçou a mão. — "E, se o doente morrer por falta deste leite?". "Saiba V.S. que morre, mas morre dentro do regulamento".

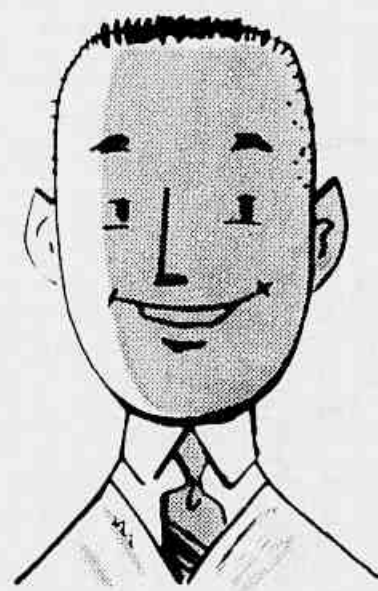
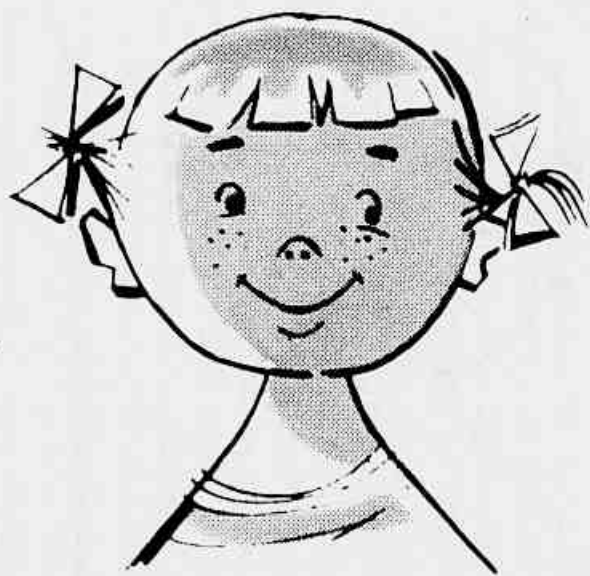
LINHA SACO

Aconselhamos um figurino para as senhoras que quiserem usar esta linha da moda: O álbum de caricaturas de J. Carlos, organizado por Herman Lima, lá encontrarão as atuais linhas da moda, vendo o traço deste artista admirável, que foi J. Carlos, um homem de grande sensibilidade artística e de enorme capacidade de trabalho, que durante anos encheu de arte as páginas das nossas revistas. J. Carlos tinha vários hábitos e, um deles, era viajar de bonde, no banco junto ao motorneiro.

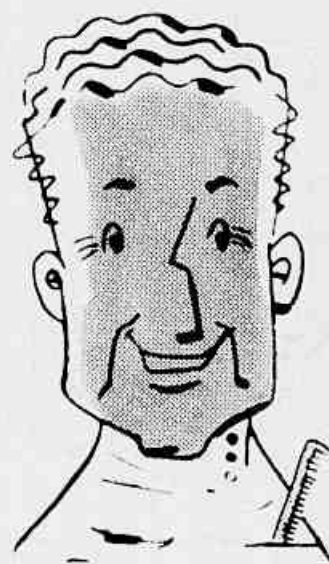
RIO ANTIGO

Quem entra hoje num posto de gasolina e abastece o seu carro não calcula que os possuidores dos primeiros automóveis (e entre eles se encontrava José do Patrocínio) eram obrigados a importar até a gasolina. Aliás, naquele tempo tudo se importava, desde o presunto e a manteiga até os enxovais das noivas que eram comprados por catálogos do Printemps e da Galerie Lafayette, que hoje são vendidos às folhas, como elementos decorativos. Naquele tempo, os homens só andavam de roupas escuras e foi preciso fundar-se um clube de Médicos para estimular o uso de ternos brancos no verão.





O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

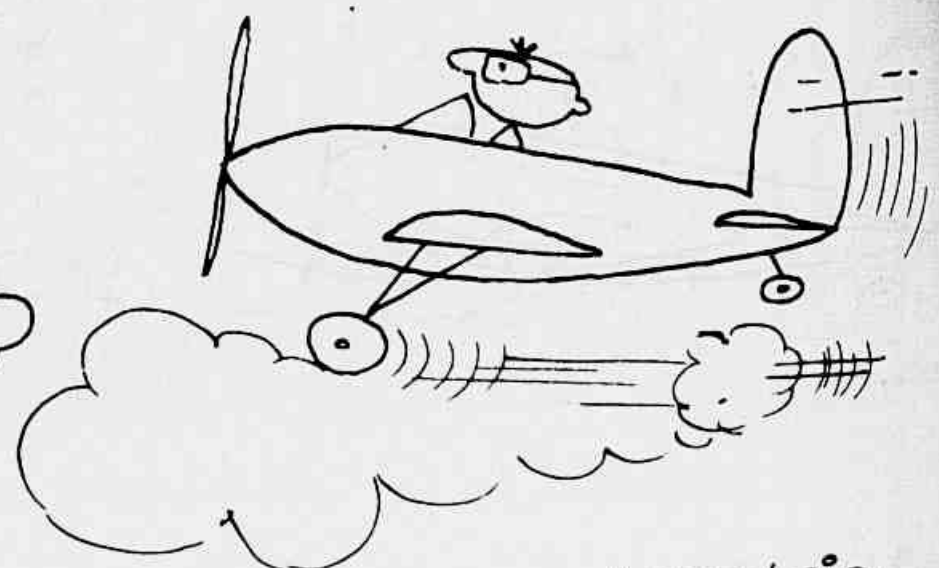
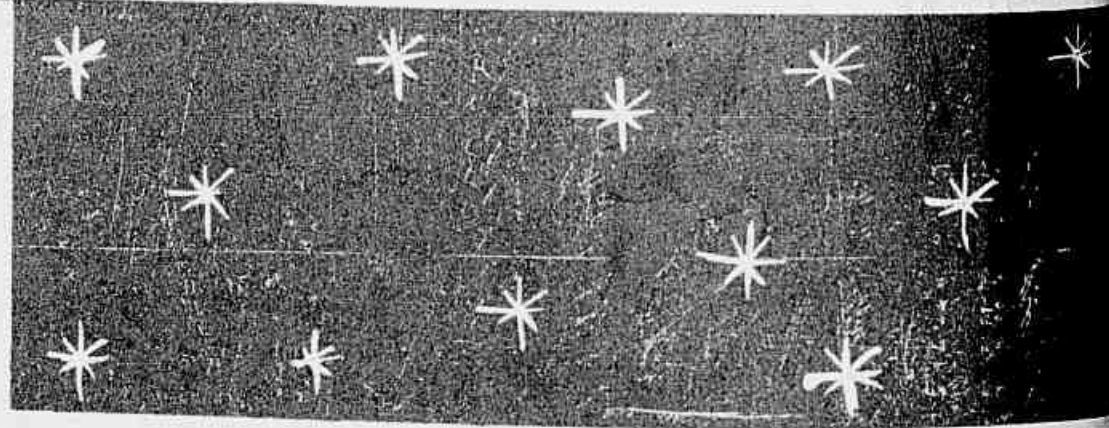
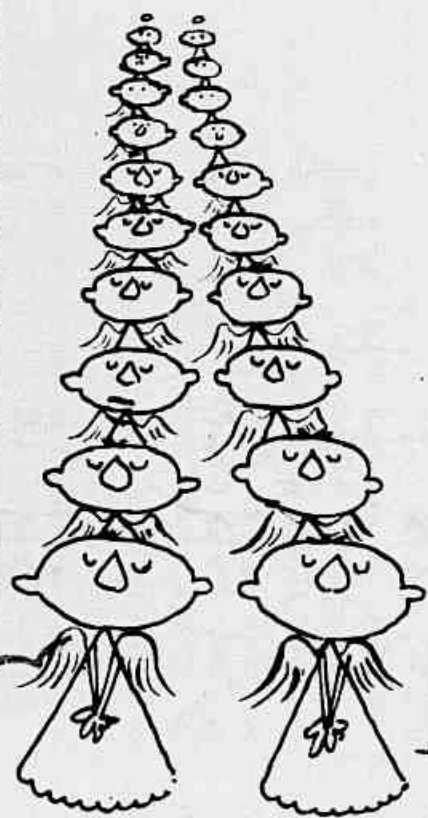
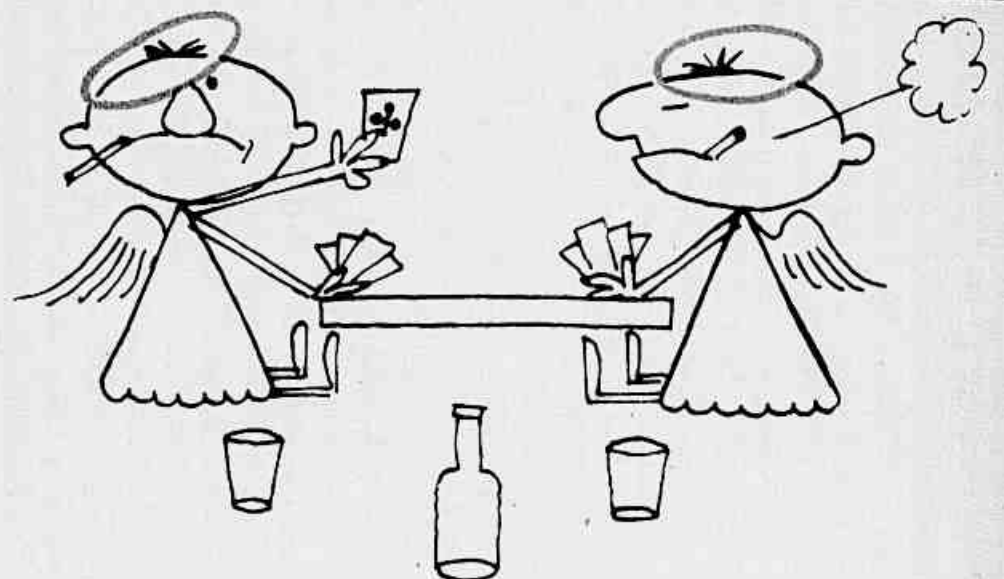
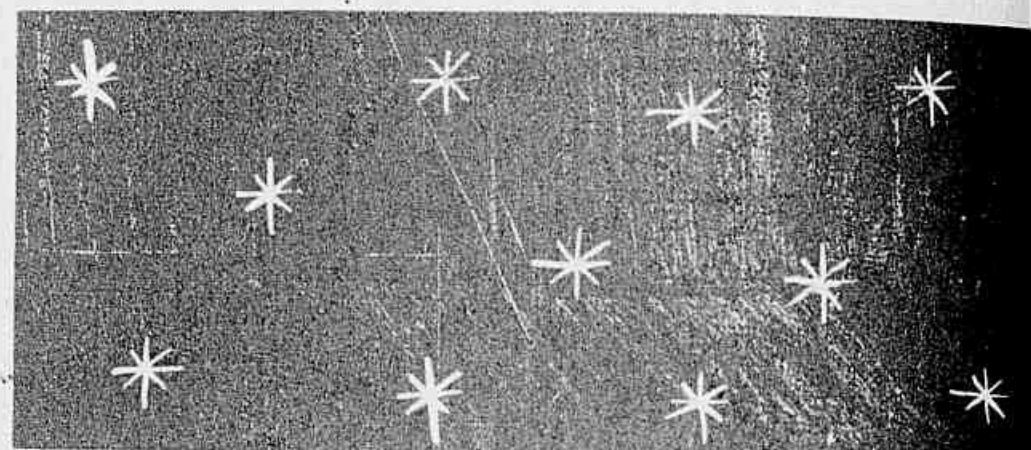
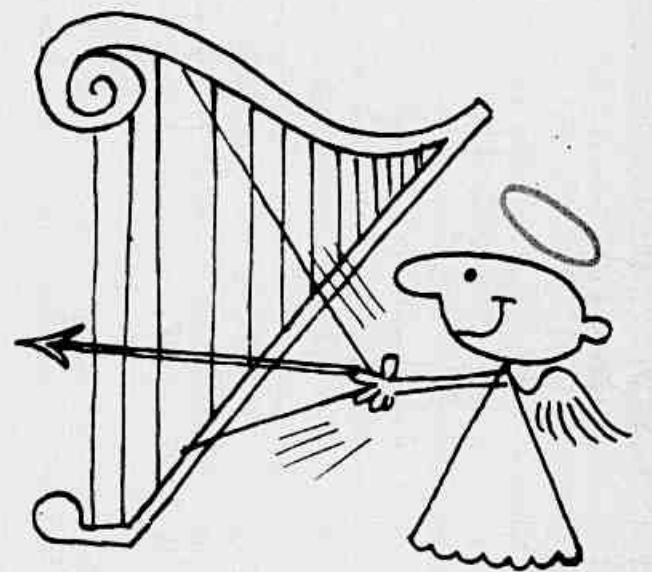
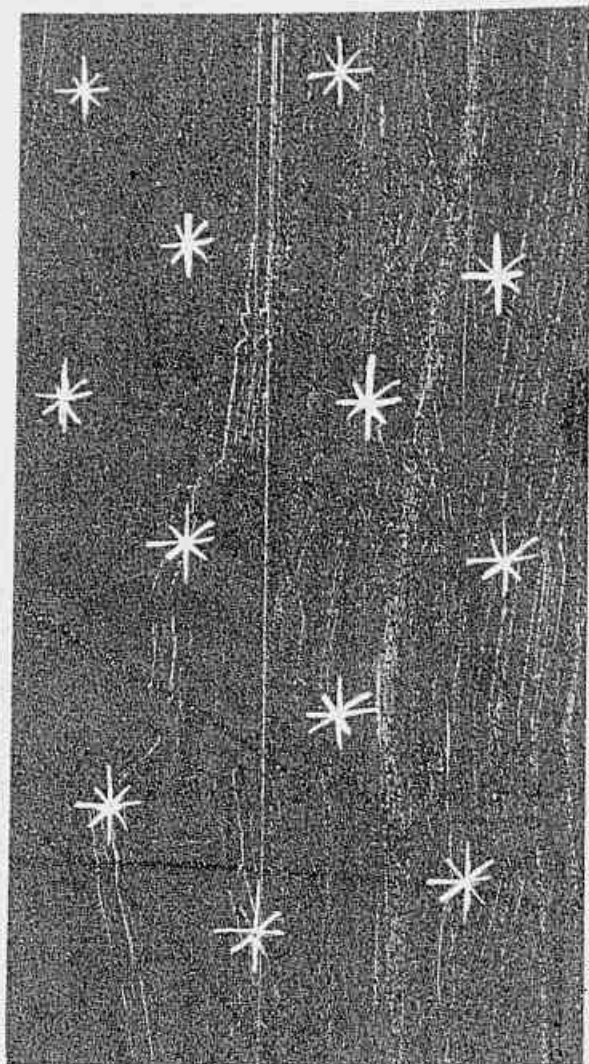
PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

NO CÉU...



AMBRÓZIO